UERN
UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE – UERN
FACULDADE DE EDUCAÇÃO – FE
DEPARTAMENTO DE EDUCAÇÃO – DE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO – POSEDUC
MESTRADO EM EDUCAÇÃO
LINHA DE PESQUISA: PRÁTICAS EDUCATIVAS, CULTURA, DIVERSIDADE E INCLUSÃO

POLLYANNA THAÍS DE SOUSA

A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS: O PEQUENO CONTADOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

MOSSORÓ – RN
2021

POLLYANNA THAÍS DE SOUSA

A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS: O PEQUENO CONTADOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na Linha de Pesquisa: Práticas Educativas, Cultura, Diversidade e Inclusão, como requisito obrigatório para a obtenção do título de Mestra em Educação.

Orientadora: Profª. Drª. Giovana Carla Cardoso Amorim.

MOSSORÓ-RN

DEZEMBRO/2021

© Todos os direitos estão reservados a
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. O conteúdo desta obra é de inteira responsabilidade do(a) autor(a), sendo o mesmo, passível de sanções administrativas ou penais, caso sejam infringidas as leis que regulamentam a Propriedade Intelectual, respectivamente, Patentes: Lei nº 9.279/1996 e Direitos Autorais: Lei nº 9.610/1998. A mesma poderá servir de base literária para novas pesquisas, desde que a obra e seu(a) respectivo(a) autor(a) sejam devidamente citados e mencionados os seus créditos bibliográficos.

Catalogação da Publicação na Fonte.
Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

S725p Sousa, Pollyanna Thaís de
A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS: O PEQUENO CONTADOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL. / Pollyanna Thaís de Sousa. - Mossoró-RN, 2021.
148p.

Orientador(a): Profa. Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim.
Dissertação (Mestrado em Programa de Pós-Graduação em Educação). Universidade do Estado do Rio Grande do Norte.

1. Contação de histórias. 2. Leitura. 3. Literatura. 4. Educação Infantil. I. Amorim, Giovana Carla Cardoso. II. Universidade do Estado do Rio Grande do Norte. III. Título.

O serviço de Geração Automática de Ficha Catalográfica para Trabalhos de Conclusão de Curso (TCC´s) foi desenvolvido pela Diretoria de Informatização (DINF), sob orientação dos bibliotecários do SIB-UERN, para ser adaptado às necessidades da comunidade acadêmica UERN.

POLLYANNA THAÍS DE SOUSA

A PRÁTICA DA CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS SOB A ÓTICA DAS CRIANÇAS: O PEQUENO CONTADOR NA EDUCAÇÃO INFANTIL

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), da Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, na Linha de Pesquisa: Práticas educativas, cultura, diversidade e inclusão, como requisito obrigatório para o título de Mestra em Educação.

Orientadora: Prof.ª Dr.ª Giovana Carla Cardoso Amorim.

Defendido em 15 /12/2021

BANCA EXAMINADORA

_____

Prof.ª Dra. Giovana Carla Cardoso Amorim
Orientadora/Presidente – POSEDUC/UERN

_____

Prof.ª Drª Ana Lúcia Oliveira Aguiar
Examinadora Titular Interna – UERN/FE/POSEDUC

_____

Prof.º Dr. Emerson Augusto de Medeiros
Examinador Titular Externo – UFERSA

_____

Prof.ª Drª. Francisca Maria Gomes Cabral Soares
Examinadora Suplente Interna – UERN/FE/POSEDUC

_____

Prof. Drª. Patrícia Cristina Aragão
Examinadora Suplente Externa – UEPB

“Quando eu era criança, eu achava que os livros não eram escritos por gente, eram como as árvores que nascem sozinhas. Quando descobri que por traz deles havia um autor – então, eu também quis experimentar.”

(Clarice Lispector)

AGRADECIMENTOS

Primeiramente e sempre, ao meu Deus, ao qual acredito, Dele vem a minha força, foi ao seu colo que recorri todas as noites de choro, como nos dias de risos leves. Obrigada, Pai Celestial, por nunca ter me permitido desistir. A ti, toda honra e glória.

Ao meu primeiro exemplo de mulher, a minha mãe, Teonila de Souza Neta, a pessoa que me inspira com sua força e bravura que se orgulha tanto da mulher que me tornei, a minha melhor amiga.

Ao meu pai, Genival Manu de Souza, que mesmo não tenho os mesmos acessos aos livros e as letras, sempre soube o valor do saber, que sai pelos quatro cantos falando o quanto eu sou "sabida".

Ao meu anjo na terra, meu irmão Pedro Balduíno, com quem eu renovo sempre o gosto da infância, do meu eu criança, a pessoa que me inspira como ser de tanta luz, seu brilho é notório por onde passa, mas que mesmo na saída, é possível perceber que você deixa um pouco de sua luz em cada espaço, obrigada pela presença constante na minha vida, pelo apoio e por todos os afetos diários comigo.

Ao meu parceiro de vida, Bruno Morais, pessoa que escolhi caminhar lado a lado, por todo cuidado, por ter alimentando as minhas muitas tentativas de voos, e por sempre estar lá, aplaudindo todas as conquistas, por me ajudar a refazer o caminho sempre que preciso, mas acima de tudo, por nunca ter me deixado parar.

A minha orientadora, Giovana Carla Cardoso Amorim, a nossa "Gio", como costumamos falar entre os orientandos, hoje sei perfeitamente o porquê da "mulher maravilha" e não existiria outra descrição para te dar diante das inúmeras qualidades presentes em ti. Nas vezes em que precisei traçar uma nova rota, eu poderia ter me imaginado em diferentes caminhos de pesquisa, mas uma das coisas que eu nunca conseguia enxergar era não estar com a sua luz me guiando, o seu carinho impulsiona. Obrigada por SEMPRE acreditar, por nunca ter soltado minha mão, por nunca ter me deixado caminhar sozinha.

A todos os que fazem o Programa de Pós-Graduação em Educação - POSEDUC/UERN, pelas lutas constantes, por dar asas a tantos voos de pesquisa, por apesar de tanta desvalorização na educação, seguir firme e acreditar que pode e irá ser diferente, por não permitir regredir um só passo, por fazer a diferença.

A Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, por sempre ter sido casa, por abrigar tantos sonhos e torná-los reais, o agradecimento é por todos que foram acolhidos tanto na formação acadêmica como na formação humana de cada um que ali transitou.

A banca examinadora, em especial, Ana Lúcia Oliveira Aguiar e Emerson Augusto de Medeiros por todo carinho e cuidado com as minhas palavras, pela escuta e por cada palavra dada.

A Maria, ela, entre tantas, é a “tia Maria” que alegra, que encanta, que traduz as palavras entre os livros para o deleite infantil, por todo incentivo e cuidado com cada criança que estar a ouvir, seu trabalho é pureza junto as demais infantis.

A Míria Helen que foi de professora, orientadora, incentivadora do meu pesquisar... à amiga. Toda minha gratidão.

A cada criança, que me permitiu mesmo sem entender ao certo, traduzir suas purezas em palavras para a compreensão dos adultos quanto aos seus voos com a imaginação.

Em especial, a Andressa Montenegro, Darlly Noronha, Guido Alves, Edna Oliveira, Vaneska Lima e Luiza Holanda, por tanta escuta e orientação, pelos risos soltos, e também pelos chorinhos, caminhar com vocês nessa jornada foi um prazer imenso ao meu grande sonho e vocês o tornaram ainda mais doce.

RESUMO

Esta pesquisa, que apresenta como cerne questões relativas à prática da contação de histórias, tendo a criança como protagonista da ação, objetiva compreender como esta prática contribui para o processo de formação leitora na Educação Infantil. A pesquisa apresenta o elo entre as crianças, o universo leitor e as múltiplas possibilidades de formação, compreendendo os autores estudados, a prática docente investigada, e, principalmente, as crianças em suas vozes, quando ouvem e contam histórias. Dentre as inúmeras maneiras de contar um conto, uma literatura ou inventar uma história, partimos da autonomia de cada ator social ao fazer esse papel, seja ele família ou escola, sendo um livro físico ou digital. Essa pesquisa de base qualitativa foi realizada em uma escola pública do município de Mossoró/RN, as chamadas UEIs (Unidades de Educação Infantil, que manteve sua identificação preservada) em uma turma de pré-escola com 15 crianças com faixa etária entre 4 e 5 anos de idade. Os instrumentos dessa pesquisa foram: um diário de campo da referida autora, no qual se registrou todos os momentos da investigação, um questionário destinado a professora responsável pela turma, mas diante de um contexto de pandemia, os encontros foram realizados de forma síncrona e assíncrona fazendo uso de ferramentas digitais como: *whatsApp, google meet* para as chamadas de vídeo com a turma e a professora. Assim, os encontros foram registrados por meio de fotos, gravações e vídeos enviados pelas famílias para o registro das atividades. Entre os autores estudados para essa pesquisa, na relação criança-contação, destaca-se: Abramovich (1991), Brasil (2009); (2010); (2013), Cavalcanti (1997), Freire (2015); (2011), Oliveira (2007), Reyes (2010), Sondré (2017), Solé (2010), Souza (2014), Villardi (1999), entre outros. Foram analisados registros relacionados aos momentos da contação, as interações orais entre professora/alunos, fotos e vídeos dos cantinhos em que as crianças gostam de ouvir histórias, e as lembranças de contos antes já ouvidos e de material físico disponibilizado. Os trechos de maiores destaques durante a pesquisa têm envolvido o sentimento em relação as histórias ouvidas e o prazer ou desprazer pelos contos. A ênfase no estudo está na investigação não somente nos momentos prazerosos com os contos, mas em qualquer relação que desperte na criança a expressão de seus sentimentos e na sua formação, seja enquanto social, com o outro, ou no pessoal, sozinha. Os resultados denotam a importância da contação de histórias na formação social da criança. Assim, conclui-se que a oferta da prática da contação de histórias não só no ambiente escolar, como no familiar, e em todo entorno de uma criança, traz contribuições significativas, um elo entre quem ouve e o texto que é lido/contado, e por crianças cria uma relação de aproximação com experiências de mundo.

Palavras-chave: contação de histórias; leitura; literatura; educação Infantil.

ABSTRACT

This research, which presents as its core issues related to the practice of storytelling, with the child as the protagonist of the action, aims to understand how this practice contributes to the process of reader training in Early Childhood Education. The research presents the link between children, the reader universe and the multiple possibilities of education, understanding the authors studied, the teaching practice investigated, and, mainly, the children in their voices when they listen to and tell stories. Among the countless ways of telling a story, literature, or inventing a story, we start from the autonomy of each social actor when playing this role, a family member or at the school, a physical or digital book. This qualitative study was carried out in a public school in Mossoró/RN, the so-called UEIs (Unidades de Educação Infantil, which kept its identification preserved) in a pre-school class with 15 children aged between 4 and 5 years old. The instruments to this research were: a daily diary at the school of the referred author, in which all moments of the investigation were recorded, a questionnaire for the teacher responsible for the class, but in a pandemic context, the meetings were held synchronously and asynchronously using digital tools such as *whatsApp*, *google meet* for video calls with the class and the teacher. Thus, the meetings were recorded through photos, recordings, and videos sent by the families to register the activities. Among the authors studied for this research, on the child-contact relationship, we highlight: Abramovich (1991), Brazil (2009); (2010); (2013), Cavalcanti (1997), Freire (2015); (2011), Oliveira (2007), Reyes (2010), Sondré (2017), Solé (2010), Souza (2014), Villardi (1999), among others. Records related to storytelling moments, oral interactions between teacher/students, photos and videos of the corners in which children enjoy listening to stories, and memories of previously heard tales and physical material available were analyzed. The most prominent excerpts during the research have involved the feelings towards the stories heard and the pleasure or displeasure of the stories. The emphasis in the study is on investigating not only the pleasurable moments with the stories, but in any relationship that awakens in the child the expression of their feelings and in their education, whether socially, with others, or personally, alone. The results denote the importance of storytelling in the social formation of the child. Thus, it is concluded that offering the practice of storytelling not only in the school environment, but also in the family environment, and all around a child, brings significant contributions, a link between those who listen and the text that is read/told, and by children creates a relationship of closeness with world experiences.

Keywords: storytelling; reading; literature; early childhood education.

LISTA DE GRÁFICOS E QUADROS

GRÁFICO 1 – Trabalhos produzidos na ultima década encontrados nos Periódicos da CAPES.

QUADRO 1 – Trabalhos selecionados nos periódicos da CAPES

GRÁFICO 2 – Trabalhos encontros por Instituições na BDTD

QUADRO 2 – Trabalhos com relevância e suas características

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

UERN	UNIVERSIDADE DO ESTADO DO RIO GRANDE DO NORTE
DCENEI	DIRETRIZES CURRICULARES PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL
RCNEI	REFERENCIAL CURRICULAR NACIONAL PARA A EDUCAÇÃO INFANTIL
BDTD	BIBLIOTECA DIGITAL BRASILEIRA DE TESES E DISSERTAÇÕES
POSEDUC	PROGRAMA DE POS GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO
FIP	FACULDADES INTEGRADAS DE PATOS - PB
PROLER	PROGRAMA NACIONAL DE INCENTIVO Á LEITURA
MEC	MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
CAPES	COORDENAÇÃO DE APERFEIÇOAMENTE DE PESSOAL DE NÍVEL SUPERIOR

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Conversa com a professora Ariana e os pais/mães/responsáveis da turma.....95
Figura 2 – Envio do vídeo de apresentação.....95
Figura 3 - Maçã.....103
Figura 4 – Maçã.....103
Figura 5 - Maça.....103
Figura 6 – Maça.....103
Figura 7 - Maçã.....103
Figura 8 – Maçã.....103
Figura 9 – Sylvia "*Uma amiga com cabelo longo"*.....105
Figura 10 – Ana "*Queria ver Jesus"*.....105
Figura 11 – Pedro*"Ter irmãozinhos gêmeos"*.....106
Figura 12 – Vinícius*"Brincar com os amiguinhos na escola"*.....106
Figura 13 – Lili*"Chuva de chocolates"*.....106
Figura 14 – Ruth*"A princesa Elza"*.....107
Figura 15: *Livro – A casa dos meus avós*.....109
Figura 16: *Jogar no celular*.....112
Figura 17: "*Andar de cavalo"*.....113
Figura 18: *"Jogar no celular, tomar sorvete e assistir tv no balanço da rede"*.....113
Figura 19: *"Tomar banho de praia mais minha vó"*.....114
Figura 20: *"Comer bala fini"*.....114
Figura 21: *"Chupar picolé"*.....114
Figura 22: *"Andar de bicicleta"*.....115
Figura 23: *"Te amo vovó"*.....115
Figura 24: *"Eu e meu vovô"*.....116
Figura 25: *"Minha família com a vovó"*.....116
Figura 26: *"Autorretrato: Eva Furnari"*.....117
Figura 27: *"O chapéu parte 1"*.....119
Figura 28 – *"O chapéu parte 2"*.....119
Figura 29 – *"O chapéu parte 3"*.....120
Figura 30 – *"O chapéu parte 4"*.....120
Figura 31 – *"O chapéu parte 5"*.....121
Figura 32 – *"O chapéu parte 6"*.....121

Figura 33 – *“Amigos para sempre”*.....123
Figura 34 – *“A pequena princesa”*.....124
Figura 35 – *“O melhor lugar é sua casa”*.....125
Figura 36 – *“O fantasma assombrado*”.....125
Figura 37 – “Sonic”.....126
Figura 38 – *“A menina e sua varinha mágica*”.....127
Figura 39 – *“Raul com sua irmã”*.....128
Figura 40 – *“Ana e sua mãe”*.....128
Figura 41 – *“Maurício”*.....129
Figura 42 – *“Lili”*.....129
Figura 43 – *“Clarice”*.....130
Figura 44 – *“Ruth e sua mãe”*.....130
Figura 45 – *“Mônica e sua irmã”*.....130
Figura 46 – *“O homem que amava caixas”*.....132
Figura 47 – *Professora Ariana*.....133
Figura 48 – *“Uma caixa... Um chapéu”*.....134
Figura 49 – *“Uma caixa... Muitos brinquedos”*.....134

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....14

1. DESVENDANDO O GOSTO LEITOR.....16

1.1 O doce aroma dos encontros na tessitura da pesquisa.....16

1.2 Os desencontros com a pesquisa – Uma revisão de literatura.....22

1.2.1 Ensaios para novo recomeço.....34

1.3 A criança e o universo leitor – Concepções e práticas.....35

1.4 Trajetória metodológica – Percurso, desafios e saberes da pesquisa.....44

2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS – ENTRE DUENDES E FADAS.....49

2.1 Escola: Um lugar para contar e sonhar.....51

2.2 O doce e o aroma da pré-escola.....58

2.3 Ouvir e contar em detalhes: Criança, escuta e imaginação.....62

2.4 Conto, reconto e reinvento 67

3. A CRIANÇA COMO ATOR PRINCIPAL DE SUA HISTÓRIA.....73

3.1 E tudo se fez novo – Um contexto pandêmico.....75

3.2 Caracterização da pesquisa e do sujeito 78

3.2.1 Os instrumentos da pesquisa.....80

3.3 A contação de histórias na prática – Abrem-se as cortinas.....81

3.4 Com palavras pequenas o descrever a vida: Observação sensível.....93

3.5 Um lugar para a escuta aos autores – O que foi possível dizer.....134

4. A SATISFAÇÃO VEM DO CRIAR UMA CONTAÇÃO DO COMEÇO ATÉ O FIM PARA, DE REPENTE, RECOMEÇAR.....137

REFERÊNCIAS.....

INTRODUÇÃO

Para iniciarmos falando sobre este estudo, começamos pelo encontro do objeto de pesquisa com a pesquisadora, que se justifica pelas vivências e experiências desde sua infância à sua formação docente até a construção dessa dissertação. Falar sobre leitura/literatura e prática de contação de histórias é perceber, reviver sensações e emoções encontradas durante toda sua caminhada. O viver em outros lugares, mesmo não tirando o pé do chão, o sentir cheiros, conhecer personagens e se imaginar dentro das histórias, permitiu não somente o processo de leitura e alfabetização, mas também o desejo pelas múltiplas aprendizagens através dos contos, e do lugar de refúgio.

A pesquisa então intitulada *a prática da contação de histórias sob a ótica das crianças: o pequeno contador na educação infantil* traz no seu desenvolvimento as discussões, análises de dados, questionários e principalmente, observação das falas infantis com o intuito de compreender como na prática diária do professor contando histórias e ouvindo reproduções dos pequenos contadores são significativas nas construções dos novos leitores e leitores para a vida. Perceber a necessidade de se investir esforços nas mediações dos encantamentos pelos contos e recontos nas óticas dos sujeitos.

A referida pesquisa teve como objetivo geral *Compreender como a prática da contação de histórias com crianças de 4 e 5 anos, contribui para o processo de formação leitora na Educação Infantil* que foi delimitado para a percepção dessas práticas que auxiliam tanto na formação do pequeno leitor, como no entendimento docente. Está voltado para a etapa de ensino da Educação Infantil, mas não se esgota nela, perpassa os rumos escolares.

Elencamos três objetivos específicos que se deu para a construção dos três capítulos consecutivos, que são eles: Caracterizar a contação de histórias como prática de formação do pequeno contador na Educação Infantil" "Identificar nas práticas de contação de histórias saberes que contribuem para a formação da criança na Educação Infantil" e "Analisar as histórias dos pequenos contadores e as contribuições na sua formação na Educação Infantil.

A abordagem é qualitativa, haja vista a necessidade de investigação dos sujeitos em profundidade e em suas subjetividades para a compreensão de cada criança e sua forma de enxergar-se enquanto um ser reflexivo e criativo a partir das suas ações cotidianas, com o imaginário e o real. O local da investigação deu-se em uma Unidade de Educação Infantil da rede pública da cidade de Mossoró-RN, na qual se investiga uma turma de pré-escola em faixa etária de 4 e 5 anos de idade.

Consta na pesquisa a investigação na referida turma escolhida, por critérios definidos como; escola pública e na pré-escola e em momentos específicos da prática da contação de histórias por intermédio docente, em situações de conto e reconto do protagonismo infantil. Quatro momentos são definidos durante a pesquisa dos encontros com as crianças de forma síncrona e assíncrona. Como também consta um questionário com a professora responsável pela turma acerca de suas perspectivas com o universo leitor.

Foi utilizado o diário de campo para o registro de informações e coleta de dados, necessário a analises mais detalhadas das observações em sala e fora dela, que por vezes retomamos quando havia necessidade, o que possibilitou a pesquisa não anular ações enriquecedoras à pesquisa.

Para a análise dos dados dessa dissertação utilizamos o estudo de caso como tipologia da pesquisa, que visou a análise de situações especificas vividas pelas crianças nos momentos da contação de histórias e dos momentos de maiores ênfases da formação do gosto leitor

No primeiro capítulo intitulado **DESVENDANDO O GOSTO LEITOR** traz um mergulho nos espaços que carrega as construções dos sentidos leitores. Como é proporcionada essa formação e seu decorrer, seja no alunado ou na própria autora da pesquisa, o "desvendar" revela que caminhos foram tomados, conscientes e inconscientes, para a formação de um novo leitor, e, até que ponto o sujeito se insere no mundo das leituras para deleite. Buscando conexões entre os espaços letrados (escolares) e o convívio familiar e societário.

No segundo capítulo intitulado **CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS- ENTRE DUENDES E FADAS** traça as concepções teóricas das principais temáticas abordadas na pesquisa, como; Educação Infantil, contação de histórias e a leitura, a atuação docente e os contos, o elo entre cada uma das partes e o contributo de cada uma.

O terceiro capítulo intitulado **A CRIANÇA COMO ATOR PRINCIPAL DA SUA HISTÓRIA** adentrou ao foco da pesquisa, promovendo uma reflexão inicial que coloca a criança como o eixo principal da análise da prática de contação de história e suas contribuições.

1. DESVENDANDO O GOSTO LEITOR

> *Sou uma leitora voraz, devo aos livros o que sou. Nos momentos mais difíceis e dolorosos da minha vida, aqueles instantes da solidão existencial mais dura, do confronto com a dor mais além da própria solidariedade e do carinho, foram os livros que me deram a mão, que estabeleceram uma ponte que me uniu a pessoas que nunca conheci, mas cujos espíritos me iluminaram e me enriqueceram, deram continuidade à minha participação na aventura humana, além das distâncias e vencendo os séculos. Só tenho por eles uma atitude grata e afetuosa, de reconhecimento e celebração. (ANA MARIA MACHADO).*

Desvendar algo é encontrar o que ainda não se sabe, o que está a procurar, é se abrir a um desconhecido, é revelar e descobrir, tirar o que está "tampando-lhes" os olhos, mas a medida do desvendar é se fazer diferente, algo nunca sentido. As leituras não são algo inexistente, elas já existem e estão em todas as partes, desde sempre, seja nas palavras ou no mundo, mas decodificá-las não é uma forma de adentrá-las, é preciso mais, é preciso olhar com outros olhos, descobrir a sensibilidade que cada um esconde e que só é visível a quem desvenda, de um jeito muito particular e único, esse desvendar.

Precisamos embarcar nas aventuras das leituras e desvendar tudo que lhe cerca. Enquanto crianças, precisamos que adultos façam, incialmente, isso por nós, nos apresentando o mundo novo e contando tudo o que já se viveu, a partir disso é uma troca, vem e vai. As crianças escutam e as crianças contam, cada um com o seu jeitinho bem singular de ser. Quando contamos histórias às crianças, cria-se uma rede de apoio para as experiências de mundo, entre o real e o imaginário. Sabemos que nessa fase ainda há uma mistura nas mentes infantis, mas que irá pouco a pouco encaixar-se tudo no lugar, só não se pode perder a essência de viver entre esses dois paralelos de vez em quando.

É conhecido desde sempre que a criança aprende por meio de estímulos, quando estimulada a pensar e a se deleitar em momentos e situações que lhe traga um conforto emocional, e, até mesmo, nos momentos de desconforto, ela (a criança), consegue reconhecer seus medos, alegrias, entusiasmos e inseguranças, afastando-se de determinadas coisa/pessoas/momentos e se aproximando de outras, contribuído para a sua autoformação. Mas antes é preciso seduzir. A sedução por meio de palavras é o principal meio em que a criança consegue capturar emoções já vividas ou criadas em seu interior/exterior, e transformar em aprendizagens.

1.1 O doce aroma dos encontros na tessitura da pesquisa

Para começar a falar sobre a contação de histórias é necessário uma visita ao meu[1] encontro enquanto criança, que se caracterizou como uma construção de dentro de mim, uma infância simples, em zona rural, cercados de tios, primas e primos, a família toda, e posso afirmar: munidos de muita alegria. Carrego comigo histórias de uma infância muito feliz, com ela posso sentir novamente a pureza e simplicidade das crianças, quando pensamos em um passado feliz queremos mais uma vez retomar a leveza daquele tempo.

Meus pais nunca me presentearam com livros físicos, me deram ainda melhores, os livros a céu aberto, um lugar para sonhar e realizar, as milhões de possibilidade que eu poderia ter e escolher, pois coisas físicas eram muito difíceis e caras para a época, então compravam alguns brinquedos em lojas nos aniversários, isso com muitos esforços, mas foi o que eles puderam proporcionar e oportunizar em relação ao saber, e que somente assim seria uma herança para a vida, sem que ninguém pudesse tomar de nós.

Nessa época havia também os brinquedos feitos com eles, como: balanços nas árvores, comidinhas, cavalinhos com pedaços de madeira antiga, entre outros. Com isso me deixaram presentes que o tempo jamais poderá acabar; a contação das histórias de suas vidas, lutas, e muita simplicidade, guardadas por mim até hoje, que foi essencial na minha formação humana.

Construí a partir daí a minha essência, enquanto muitas que posso ser. Viver rodeada de pessoas que constantemente contavam suas vivências era o maior dos passatempos, era o que dava prazer. Minha avó materna era excelente contadora e sempre repetia algumas histórias de sua vida, acredito que algumas até inventadas, mas sempre foi prazeroso ouvi-la, assim fui crescendo.

Enquanto aluna, tive alguns poucos contatos com livros, a escola, também em zona rural, pouquíssimo se recebia livros. Ainda hoje tenho nas lembranças o como se dava a organização desse espaço (biblioteca), como tinha poucos livros, que nem "enchiam" prateleiras, eram colocados como forma de varal, lembro-me das cores e formatos diversos. Não me recordo de momentos da aula em que poderíamos ir à biblioteca, aquele espaço era quase que "sagrado", não podíamos entrar, e o que sempre falavam era que nós, crianças, iriamos estragar os livros, então as poucas vezes que via aquela porta "mágica" aberta era fascinante, passava pelo corredor bem devagar, queria era abrir aquelas páginas e descobrir tudo o que ali guardavam, mas por anos que passei naquela escola não consegui.

[1] A autora dedica esse primeiro tópico as suas experiências pessoais, razão pela qual o texto está na primeira pessoa.

Quando tinha por volta de uns 9 a 10 anos, um projeto que me marcou até os dias de hoje e comecei a desenvolver o gosto pelos livros chegou até a minha comunidade[2], era/é chamado de "Arca das letras[3]", até o nome soa bonito, uma arca que carrega muitas letras para serem lidas e traduzidas pelas pessoas, para a compreensão de seu mundo. Para o meu delírio qualquer pessoas poderia levar os livros para casa, assim o fiz rapidamente, li quase toda a coleção contida ali. De gibis a contos de fadas, foi rápido, e muito marcante, como sou grata por esse presente. Outro presente ainda maior foi saber que esse projeto ainda vive, apesar de todas as dificuldades, mas me pego pensando que se isso pode ser um grande diferencial na minha formação, imagine se a todo lugar pudesse existir o contato com as leituras, não importando a idade, até mesmo nos bancos das praças, ou nas filas de bancos, é fascinante o poder da leitura e o quanto nos transformamos a partir dela.

A medida que mudava de escola e "avançava" por série, novas possibilidades de mudanças e contatos reais com as leituras. Logo, diziam os adultos, "quando você souber ler", - falavam da forma alfabetizadora, que seria unicamente a escola proporcionadora, eu poderia me debruçar nas palavras e imagens, enquanto isso deveria esperar.

Durante a graduação foi o encontro com os mestres que despertaram ainda mais o amor pelo tema de pesquisa, perceber neles a emoção em suas aulas e quanto faziam sempre tudo como muito amor e respeito, por eles mesmos, pela honra da profissão, por nós, futuros profissionais, que estariam no chão desses espaços e de aprendizagem e principalmente, pelas crianças, que guardavam suas esperanças, e também por acreditar na transformação da educação. Aos poucos, as leituras iam tomando um espaço ainda maior, dentro dos projetos de pesquisa o assunto sempre foi esse, durante os estágios supervisionados os melhores e mais gostosos momentos, que sem dúvidas foram os momentos da contação de histórias que percorreram da Educação Infantil ao Ensino Fundamental.

Ainda na graduação, tive na fase de viver e colocar no projeto monográfico toda essa experiência e a vontade de pesquisa mais a fundo esse momento, que traz como título *LEITURA E AUTOFORMAÇÃO HUMANA: Um voo fora da gaiola* apresentado a Universidade do Estado do Rio Grande do Norte – UERN, bem como, faço a explanação

[2] A comunidade da qual a autora faz referência é a comunidade rural "Brejo", localizada na cidade de Felipe Guerra-RN.

[3] O programa de Bibliotecas Rurais Arcas das Letras do Ministério do Desenvolvimento Agrário (MDA), foi criado em 2003, e desde então vem contribuindo para que a população rural do Brasil tenha mais acesso ao livro. A iniciativa é da Secretaria de Reordenamento Agrário do MDA (SRA) que adotou o acesso à informação e ao livro como medida para a redução das desigualdades sociais do meio rural. As ações do Programa Arca das Letras são executadas pela Coordenação Geral de Ação Cultural (CGAC). Dados coletados no site <www.mda.gov.br/arcadasletras/>. Acesso em 20 de setembro de 2016.

sobre esse encontro, a universidade, a qual sempre orgulhou-me em fazer parte, a ela as minhas mais maravilhosas descobertas de mundo, de compreensão de vida e do meu eu, respeitando os meus muitos devaneios, e assim seguiu até a conclusão de curso com o mesmo posicionamento.

Os muitos encontros com as pesquisa se deu na relação das vivências pessoais e profissionais da autora, considerando que é por meio de muitos sentidos atribuídos que acontecem o deleite ao universo leitor. Pensamos, talvez, a vida toda que o encontro com leituras se dá nos ambientes escolares, que são eles, unicamente, que farão as representações do elo pessoa-leitura, mas vivemos rodeados de um mundo que é necessário se lê, diariamente representamos por meio dos nossos convívios uma leitura de mundo, são as leituras dos olhares, das falas, dos gestos e expressões, expressos em todo ser vivo.

Lemos por meio de contatos, consigo mesmo e com outro. Sim, a escola é sem dúvida o mais rico dos espaços com as leituras. Elas estão em todas as partes, até existe um cantinho especial para elas, que a denominamos de Bibliotecas, lá se esconde e se encontram obras literárias cheias de palavras e imagens que quando traduzidas se abrem para que o mundo se faça.

Com tudo isso, os espaços escolares e o mundo afora são constantes criadores de sentidos quando são lidos e interpretados, nos inspiram, e se juntos se conectam, podem e vão caminhar sempre lado a lado, e o objetivo sempre será esse mesmo, no fim precisamos dizer que não há barreiras ou muros, eles precisam estar livres, e somente assim fazer sentido.

As muitas histórias contadas, sentidas, lidas e vividas no durante o processo formativo foi sem dúvida a chave para o projeto de hoje, traçando minhas possibilidades de caminhos para a finalidade que ainda desconheço. Foi um achado, foi debruçar-se na escrita de outros, e a partir dessas escritas que já encontrava respostas e delimitava ainda mais o meu próprio caminhar, a busca e curiosidade que me alimentou até aqui. Algumas já “saciadas” outras iniciadas. O que sem dúvida uniu os contos, as literaturas, as leituras em geral, os contos infantis e a prática de contação de histórias, aliados à infância, ao pequeno e sempre leitor, a criança que conta e reconta as suas próprias histórias ou a de outros, a sua imaginação com suas vivências reais.

Durante leituras das escritas acadêmicas sobre todos esses assuntos, produzidas por outras pessoas, fiz pequenas e importantes descobertas, a das muitas possibilidades de se envolver ativamente com os livros, ou leituras em geral, em diferentes fases da vida humana, e em muitos locais, escolares ou não.

Todos os aprendizados advindos do curso de Pedagogia, e do Programa Institucional de bolsas de iniciação à docência[4], ao qual tive o enorme prazer de fazer parte durante a graduação, os estágios supervisionados e todas as pessoas que passaram junto a mim por esse processo que contribuíram direta ou indiretamente, foram essenciais para a minha formação, assim como para o decorrer da pesquisa. As nossas escritas são o resultado das nossas experiências para construção futura de nossas atividades pessoais e profissionais.

O entorno com essas vivências e experiências ampliou o repertório sobre as pesquisas que envolvem as leituras e como estão sendo trabalhadas e desenvolvidas, mas com a certeza de que, independente dos recursos, essas buscas seriam positivas e com muitos sentidos, para todos que a fazem e que nelas adentram.

Nos meus itinerários com as leituras era possível perceber que esse decurso foi o meu alicerce, a principal base para chegar até aqui, e para isso houve uma sedução nesse caminhar por meio das palavras que sempre me encantaram.

Ao ir caminhando percebia em mim a vontade de buscar nas minhas práticas e com os meus alunos, que sempre me deram o prazer em fazer algo e estar ali. As leituras proporcionaram em mim não só as descobertas, mas a visão do outro para comigo, como os demais se modificavam e enxergavam em mim essas mudanças que são contínuas. Aprender que somos mutáveis, que podemos aprender com os "erros e acertos" e que o importante mesmo sempre é: não parar de caminhar.

Ressalvo no meu percurso até então as valiosas importâncias das muitas experiências vividas e sentidas por mim à Escola Municipal Júlio Cavalcante[5], lugar que me abrigou por longos/curtos sete anos, corredores que presenciaram minhas certezas e incertezas. A biblioteca da referida escola que me viu parar por longos minutos e pensar como aquilo significava "lar", como abrigar as crianças, como guardar a minha criança no interior, escola que me viu crescer, errar, experimentar, transpirar, e me transformar. Lugar ao qual sempre

3 O Pibid é uma ação da Política Nacional de Formação de Professores do Ministério da Educação (MEC) que visa proporcionar aos discentes na primeira metade do curso de licenciatura uma aproximação prática com o cotidiano das escolas públicas de educação básica e com o contexto em que elas estão inseridas. O programa concede bolsas a alunos de licenciatura participantes de projetos de iniciação à docência desenvolvidos por instituições de educação superior (IES) em parceria com as redes de ensino. Os projetos devem promover a iniciação do licenciando no ambiente escolar ainda na primeira metade do curso, visando estimular, desde o início de sua formação, a observação e a reflexão sobre a prática profissional no cotidiano das escolas públicas de educação básica. Os discentes serão acompanhados por um professor da escola e por um docente de uma das instituições de educação superior participantes do programa. Disponível em: <https://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid>. Acessado em 16 de março de 2020.

[5] A Escola Municipal Júlio Cavalcante, é uma escola da rede pública que atende do 1° ao 5° ano do Ensino Fundamental, fica localizada na zona urbana da cidade de Felipe Guerra/RN.

chamei de “laboratório de estudo”, crianças que por ali passaram que me emprestaram suas purezas para eu poder transformar em palavras, e então a gratidão por esse lugar.

No ingresso a pós-graduação em nível de especialização também não foi diferente, os trabalhos abordados nela trouxeram as reflexões sobre as leituras, bem como, o trabalho de conclusão intitulado *de LEITURA E LITERATURA: De conto em conto a formação de novos leitores* presentado a Faculdade Integrada de Patos – FIP, consistindo a pós-graduação com foco nas de Práticas de ensino.

Na busca pela minha formação continuada e o desejo em seguir nas pesquisas acadêmicas iniciei minha primeira pós-graduação[6], acima mencionada, em Práticas de Ensino em Educação Infantil e Ensino Fundamental, no momento em que eu ainda estava a dar os primeiros passos na saída da graduação e por incentivos de amigas que também expressavam o mesmo desejo em buscar a qualidade de suas práticas enquanto docente.

Durante esse período, junto aos meus colegas pude trocar ideias e debater sobre as práticas docentes, aliados a bagagem já existente em mim e em todos que ali se faziam presentes, estavam às vivências do chão da escola e o contato direto com os alunos. Já era possível perceber como e porque cada um de nós tinha um encantamento diferente e singular. Foram nesses e em outros caminhos que percorri que crescia dentro de mim a eterna criança dentro do corpo de adulta, carregada de sonhos nunca esquecidos e com o desejo de que outras crianças como também adultos, sentissem sua vasta imaginação e motivados a alcançar seus propósitos. Assim como Freire (2011) na sua construção exprimia:

> A retomada da infância distante, buscando a compreensão do meu ato de “ler” o mundo particular em que me movia – e até onde sou traído pela memória -, me é absoluta-mente significativa. Neste esforço a que me vou entregando, recrio, re-vivo, no texto que escrevo, a experiência vivida no momento em que ainda não lia a palavra. Me vejo então na casa mediana em que nasci, no Recife, rodeada de árvores, algumas delas como se fossem gente, tal a intimidade entre nós - à sua sombra brincava e em seus galhos mais dóceis à minha altura eu me experimentava em riscos menores que me preparavam para riscos e aventuras maiores. (FREIRE, 2011, p. 5)

É nas narrativas de cada indivíduo que se identificam seus percursos e os próximos passos, pois sempre carregam as marcas do que viveram e do que querem se tornar, assim como Freire (2011) e eu expressamos nossas infâncias associadas ao que nos tornamos é possível perceber que foram os frutos colhidos em cada espaço, em cada pessoa e de formas plurais que foram vividas.

[6] A autora denomina como primeira pós-graduação, pois reconhece e enseja o desejo de seguir com outras futuras.

Ainda no percurso da minha formação infindável e com o intuito de retornar a UERN, academia que me permitiu tantos devaneios, descobertas, encontros e desencontros comigo mesma, que expressei a minha ânsia pelo ingresso ao Programa de pós-graduação em Educação – POSEDUC[7], desta vez a pós-graduação a nível stricto sensu (mestrado) que me permitiria estudar mais a fundo as pesquisas que envolviam os contos, as leituras e as práticas de contação de histórias. Discutindo brevemente os meus apegos e afeições por esses campos de estudos e com o foco da pesquisa concentrado na Educação Infantil, uma vez que, ~~n~~as minhas leituras giraram em torno da iniciação a leitura com crianças bem pequenas, fase na qual se nota maior índice de desenvolvimento ao gosto leitor, destaquei a pré-escola como centro para a realização da pesquisa.

Diante das minhas construções enquanto pesquisadora encontrei a professora Giovana[8], professora que me encanta desde o 4° período do meu curso de Pedagogia na UERN, onde a mesma lecionava a disciplina sobre as Concepções e Práticas de Educação Infantil, e desbravando tudo o que regia o mestrado em educação da UERN, enxerguei nela a luz que me faltava para abraçar esse estudo, apesar de outras tentativas de ingresso em outro mestrado acadêmico, que segurei o meu estudo com todas as forças, e acredito ter defendido muito bem as minhas pesquisas, não tive dúvidas quanto ao meu propósito de junto à ela, concretizarmos essa pesquisa.

Foi então que no ano de 2019 iniciava essa dissertação, com as pesquisas por mim já tecidas até então, com as experiências nos campos que sempre me encantaram, aliadas à orientação da professora Giovana que estava para aflorar e encaminhar a pesquisa de forma brilhante. Havia tantos riscos e rabiscos a colocar nos trilhos certos, mas havia também um "eu acredito em você".

1.2 Os desencontros com a pesquisa

[7] O Programa de Pós-Graduação em Educação (POSEDUC), nível de mestrado, foi recomendado pela CAPES em março de 2011 e implementado em abril do mesmo ano. Nossa proposta é alimentada pela necessária inclusão da UERN e, com ela, de mais uma universidade do Nordeste do Brasil, no Sistema Nacional de Pós-Graduação com ações em pesquisa, em atividades de extensão, de encontros com a escola pública, com seus alunos, com os conteúdos das políticas para a Educação Básica e Ensino Superior, com a formação continuada de docentes, com as demandas educativas e sociais da comunidade escolar e local. Com o POSEDUC ampliam-se as vagas da pós-graduação *stricto sensu* no Rio Grande do Norte, cujo processo de interiorização consiste numa ação educativa fundamental para o desenvolvimento local da região. Disponível em: http://propeg.uern.br/poseduc/default.asp?item=poseduc-apresentacao. Acessado em 01 de maio de 2020

[8] Professora do Programa de Pós-graduação em Educação – POSEDUC/UERN, Atua no grupo de pesquisa de Formação e profissionalização docente. Seus estudos e pesquisas referem-se as seguintes áreas: formação de professores, educação infantil, processos de aprendizagem e alfabetização da criança e inclusão. E-mail: giovana_melo@hotmail.com.

Na busca pela compreensão das questões investigadas, no processo inicial da pesquisa e delimitação do tema proposto para a dissertação do mestrado acadêmico, foi necessário levantar aportes para a construção desse estudo que possa validar sua eficiência e retorno futuro para a sociedade, principalmente, o âmbito escolar, considerando também que é uma pesquisa realizada para construção de uma dissertação para o Mestrado Acadêmico em Educação, POSEDUC/UERN. Nesta perspectiva, partimos inicialmente pelo fomento das pesquisas já realizadas em torno do tema proposto para a análise do estudo.

O estado da Arte é um conhecimento produzido pela ciência em uma área específica de estudo; contudo que é produzido no Brasil e no mundo para determinados fins acadêmicos que investiga o desconhecido na visão e perspectiva de quem estão explorando o assunto.

Para o pesquisador consiste em uma busca minuciosa para a sua aproximação com o que realmente é importante do seu objeto de pesquisa bem como, para sua própria formação nesse caminhar, é nele que o pesquisador se permite perceber as escritas já realizadas sobre o assunto em questão, o que facilita todas as questões já estudas e "solucionadas", bem como a produção com embasamento de um estudo relativamente novo, em sua perspectiva, com ele o pesquisador define sua produção e os avanços que nela já aconteceram em definidos períodos de tempo. Assim Soares (1987) justifica o estudo como;

> Essa compreensão do Estado do conhecimento sobre um tema, em determinado momento, é necessária no processo de evolução da ciência, afim de que se ordene periodicamente o conjunto de informações e resultados já obtidos, ordenação que permite indicação das possibilidades de integração de diferentes perspectivas, aparentemente autônomas, a identificação de duplicações ou contradições, e a determinação de lacunas e vieses. (SOARES, 1987, p. 3)

Fazendo assim suprir ao pesquisador uma revisão de literatura concisa e definida como essencial para a construção do saber sobre o determinado assunto a ser investigado.

DESVENDANDO O TEMA

Pesquisas acerca do conhecer e aprofundar o tema da escrita da dissertação tem por objetivo inicial delimitar os estudos que contemplem a Educação Infantil e a Contação de histórias com destaque para a ótica das crianças sujeitos da pesquisa com idade entre 4 e 5 anos regularmente matriculas em pré-escola de Educação Infantil, como vivem e se encantam com o prazer de ler, ouvir e recontar histórias.

Para tanto, é importante mencionar alguns quesitos necessários ao entendimento do assunto. Primeiro tratamos a Educação Infantil por considerar a mais importante[9] fase do alunado e o seu desenvolvimento social, afetivo, emocional, psíquico, motor, entre outros. Que de acordo com as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil - DCNEI (2010)

> Sujeito histórico e de direitos que, nas interações, relações e práticas cotidianas que vivencia, constrói sua identidade pessoal e coletiva, brinca, imagina, fantasia, deseja, aprende, observa, experimenta, narra, questiona, e constrói sentidos a natureza e a sociedade, produzindo cultura. (BRASIL, 2010, p. 12).

Consideramos que é nesse espaço que o sujeito se descobre como ser social de direitos e deveres, como bem aborda a própria Constituição de 1988 que é dever do Estado oferecer creches e pré-escolas a crianças de 0 a 6 anos de idade. Muitos movimentos sociais foram importantes até a conquista desse e de outros direitos da criança. Apenas em 1994 foi promulgada uma política de Educação Infantil, apesar de muitos teóricos já terem estudados e levantados teorias a respeito da fase infantil.

O segundo ponto da pesquisa trata a respeito da Contação de Histórias, que é uma estratégia pedagógica rica de significados que contribui fortemente na prática docente, favorecendo os diversos níveis de ensino, seja do Infantil ao Fundamental, onde se concentram. O momento da prática de Contação de Histórias é proporcionador da imaginação das crianças com as formas de interação com mundo, do imaginário ao real, cabendo-lhes a missão de educar, construir, interagir com os demais, reconhecer-se e perceber o mundo a sua volta. Como já dizia Tahan (1966):

> A criança e o adulto, o rico e pobre, o sábio e o ignorante, todos enfim, ouvem com prazer as histórias – uma vez que essas histórias sejam interessantes, tenham vida e possa cativar a atenção. A história narrada, lida, filmada ou dramatizada, circula em todos os meridianos, vive em todos os climas, não existe povo algum que não se orgulhe de suas histórias, de suas lendas e seus contos característicos. (TAHAN, 1966, p. 16).

Assim fortalecendo o processo de ensino e aprendizagens das crianças. Na contação de histórias as possibilidades de recursos para engrandecer esse momento são diversas, podendo utilizar-se da música, dança e brincadeiras, promovendo as crianças um momento de deleitamento de sua, algumas vezes estressante, rotina.

[2] É a fase escolar em que a criança incorporará os conhecimentos sistematizados, tomará consciência de seus atos e despertará para um mundo em cooperação com seus semelhantes. É interessante considerar os pontos mais significativos de seu desenvolvimento. (ALMEIDA, p. 50, 2003).

O terceiro ponto forte da pesquisa está associado à ótica das crianças sujeitos da análise de estudo, onde estudiosos colocam as crianças como atores principais. É nas falas das crianças que queremos construir e atribuir os muitos significados que as circulam, para que possam compreender o seu mundo e interagir com ele, se expressar, ganhar outras vidas e a viajar sem limites. A imaginação de uma criança é composta por muitas atribuições de vivências, sentidos e memórias já vividas ou imaginadas.

> É através duma história que se podem descobrir outros lugares, outros tempos, outros jeitos de agir e ser, outra ética, outra ótica. É ficar sabendo história, geografia, filosofia, sociologia, sem precisar saber o nome disso tudo e muito menos achar que tem cara de aula. (ABRAMOVICH, 1995, p. 17).

A autora acima comunga desse sentido às histórias infantis ao enfatizar que é dentre tantos os fazeres e as disciplinas escolares que as leituras podem transformar esses espaços em aconchegantes momentos de aprendizagem, sem necessariamente, "lidar" com as obrigações de tarefas e deveres.

PERIÓDICOS CAPES

No dia vinte e seis de outubro de dois mil e dezenove (26/10/2019) iniciamos nossas buscas por acesso aos bancos de dados.

As buscas em números se constituíram da seguinte forma: iniciando pelos periódicos da Capes com uma ressalva para a senha CAFe[10] que nesse dado momento da pesquisa ainda não tinha sido fornecido, com isso resolvi realizar somente com o acesso de aluna no "meu espaço". Os descritores utilizados para esse banco foi o seguinte "Contação de histórias" e "Educação Infantil" usando a busca por assunto e com o recurso booleano "AND", uma vez que têm de ser utilizados juntos, ou não se obtém resultados satisfatórios quando separadas, com resultados encontramos um total de quarenta e três (43) buscas, logo após essa busca comecei o refinamento desses trabalhos com a opção de "Revisados por pares" que veio a constar um total de vinte e três trabalhos, na maioria deles artigos, logo após esse achado tentei refinar por resultados em "português", pelo fato de ter feito uma analise rápida e ter encontrado diversos trabalhos em inglês", com isso não obtive êxito, pois chegou a um total de dez (10) trabalhos, mas entre eles ainda constava alguns em inglês e eliminava alguns de português, então voltei à busca e decidimos trabalhar com os vinte e três (23) resultados.

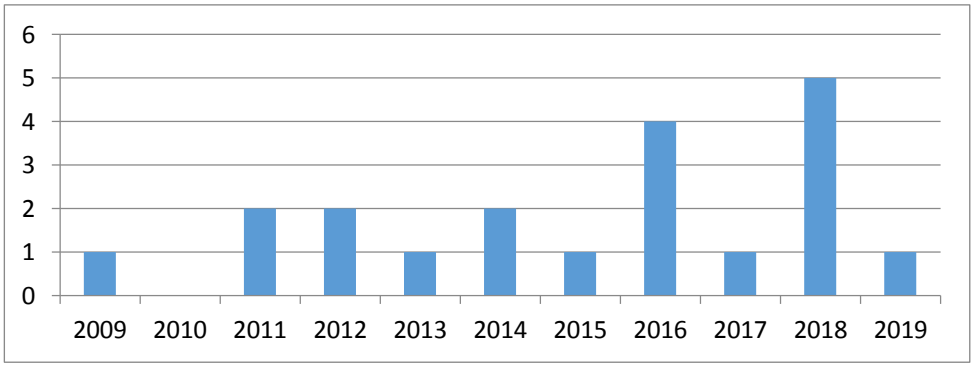
[10] Esta opção permite o acesso remoto ao conteúdo assinado do Portal de Periódicos disponível para sua instituição. Este serviço é provido pelas instituições participantes, ou seja, o nome de usuário e senha para acesso deve ser verificado junto à equipe de TI ou de biblioteca de sua instituição.

Começamos as leituras desses trabalhos e logo já eliminamos alguns escritos em inglês, então seguimos a análise por descrição do tema e objetivos da pesquisa, foram eliminados seis (6) trabalhos que constavam fora do tema proposto, entre eles estão a Educação Infantil e o trabalho em Bibliotecas escolares, o que tem como foco a leitura realizada pelos alunos como fator emancipatório e a biblioteca e os espaços informais para a construção leitora, a abordagem sócio-cognitiva e os efeitos em Programas de histórias nessa abordagem. A Educação em Direitos Humanos e a formação dos sujeitos, que apesar da pesquisa abordar a construção dos seres leitores como propagadores de construção social, esse não será o foco, pais e mães contadores de histórias, a família enquanto eixo central, um estudo de caso na proposta da biblioterapia[11] para crianças em idade pré-escolar, o que foge ao assunto, pois tratamos ao longo de todo o projeto a leitura feita/ouvida para deleite, por prazer, e não como forma de alfabetizar, apesar de reconhecer a importância do ato e que também causa esse efeito, e a dinamização do espaço Biblioteca para a contação de história.

Assim consideramos como não apropriada a construção da leitura e escrita da dissertação, bem como de trabalhos futuros ao assunto. Finalizamos por um total de cinco (5) trabalhos bem alinhados a proposta de estudo para a qualificação do projeto

Analisando os resultados obtidos com a busca e os já refinados com o que realmente se ajusta a pesquisa, fizemos uma comparação desses trabalhos produzidos nos últimos dez (10) anos, de (2009-2019), conforme mostrado no gráfico a seguir:

GRÁFICO 1 – Trabalhos produzidos na ultima década encontrados nos Periódicos da CAPES:



Fonte: Elaborado pela autora

[11] "Biblioterapia é a arte de curar doenças através da leitura." (Buonocore, p; 91, 1976)

Em 2016 e 2018 são os anos que demonstram maiores resultados relacionados ao assunto dos vinte e três (23) selecionados para análises, nove (9) estão entre esses anos, uma ressalva é que esses trabalhos todos eles são artigos científicos, publicados em diversos meios, digitais ou não, nenhum a nível de tese ou dissertação.

Em uma revisão mais especifica às escritas temos uma seleção dos nove (9) que ainda não contemplavam de fato os dois descritores simultaneamente, então dessa seleção foi realizada uma por características essenciais e eliminamos quatro (4), ficando assim com uma margem de trabalho com cinco (5) que estão descritos a seguir no quadro 1:

QUADRO 1 – Trabalhos selecionados nos periódicos da CAPES

Nº	ANO	INSTITUIÇÃO	TÍTULO	AUTOR
1	2011	UNEMAT	A contação de História na Educação Infantil	VITOR, Eliete Codeiro. KORBES, Lenita Maria.
2	2014	UNEMAT	A arte de contar histórias na Educação Infantil	SOUSA, Franciele Ribeiro de. STRAUB, Sandra Luiza Wrobel.
3	2018	Universidade de Brasília	Recursos simbólicos e imaginação no contexto da contação de histórias	PERES, Silvana Goulart. NAVES, Renata Magalhães. BORGES, Fabricia Teixeira.
4	2016	UNEMAT	Literatura Infantil e seus encantamentos	SILVA, Joice Ribeiro da.
5	2019	Universidade Católica de São Paulo	A prática da contação de histórias por professoras da Educação Infantil	MIRANDA, Maria Irene. SILVA, Valéria.

Fonte: Elabora pela autora

A triagem dos cinco (5) trabalhos descritos acima foi por considerar as características de abordar os dois descritores e a partir disso uma análise detalhada do conteúdo, objetivos, campo de observação e a metodologia dos trabalhos.

Os dois primeiros trabalhos mostrados, conforme a tabela acima, abordam acerca dos descritores que contemplam a contação de histórias como um importante recurso pedagógico a fim de desenvolver muitos estímulos infantis, tais como: a oralidade, a imaginação, o apreciar os contos, e a capacidade de reflexão entre outros.

Vitor; Korbes (2011) afirmam em suas escritas que a contação é um instrumento facilitador e que por meio dela as crianças expressam sentimentos. Sendo assim, capazes de se desenvolverem e aprenderem com as múltiplas possibilidades ao seu redor. A pesquisa realizada pelas autoras dá destaque para a visão das professoras mediante os aprendizados dos alunos. Utilizam-se, os autores, da investigação por meio da observação dos profissionais e pelos questionários feitos, direcionados a temática proposta, relatam que:

> As razões que me levaram a escolher esse tema foram de interesse particular, sempre gostei de histórias infantis e a partir daí surgiu à curiosidade de como esse trabalho é desenvolvido em sala de aula. Ao ler alguns livros que se tratava desse tema pude ver o quanto a história infantil contada pode ser um incentivo tanto para o desenvolvimento quanto para a aprendizagem da criança e ao me aprofundar um pouco mais nesse assunto pude ver como a criança em si, gosta de histórias e muitas delas vivem seus personagens fazendo com que ela passa a lidar melhor com seus desejos e permite na criança seu imaginário social, e ao imaginar ela cria soluções e situações imaginárias, são por meio das histórias que elas conseguem compreender e entender o mundo a sua volta fazendo com ela transforme seu jeito de pensar, agir e ser. (VITOR; KORBES, p.2, 2011).

É desde criança que o sujeito ativa suas expressões e desperta os prazeres que sente ao realizar um determinado tipo de atividade, pois a leitura proporciona a capacidade de sempre reproduzir aquilo que te deixa feliz, seja no meio societário ou isolado.

Souza e Straub (2014) também trazem temáticas similares aos estudos já citados anteriormente, analisam o despertar da imaginação ao ouvir histórias contadas, fazem um recorte histórico sobre a contação de histórias para embasar o estudo como atemporal, que não se limita ao tempo, mesmo quando se refere aos clássicos da literatura, sempre há um reconto e uma nova forma de se debruçar sobre a trama. O estudo analisa uma turma de crianças de quatro anos de idade, mas o foco continua na prática do professor.

Perez, Naves e Borges (2018) pesquisaram a respeito da utilização dos símbolos e a imaginação para o contar histórias. Analisam a mesma faixa etária, mas ainda com o foco no professor. Para essa construção aplicaram o estudo na biblioteca escolar por considerarem que o espaço favorece a imaginação, fundamentando o lugar para além da sala de aula, atribuindo muitos sentidos. Construíram a investigação recorrendo a esse espaço, como um lugar dinâmico, cheio de decorações, gravuras e estantes repletas de livros.

Para Silva (2016) a importância de seu estudo está em consonância com as literaturas, a investigação do adentrar nos textos literários e como os autores de livros infantis compreendem o processo das aprendizagens adquiridas através dos contextos através dos livros, nos personagens e nas narrativas. O autor também tem nas suas palavras-chave

“contação de histórias” e “Educação Infantil”, investiga a mesma faixa etária, mas percorre na perspectiva dos autores e nas obras literárias.

Miranda e Silva (2019) estudaram, como as demais autoras, diretamente as práticas das professoras de Educação Infantil, fazendo um entrelace entre as escolhas das obras com as realidades infantis, partindo daí, por acreditarem que é nos livros um “aconchego” para qualquer sentimento, seja ele bom ou ruim que viveu, viu ou sentiu. Utilizaram-se da metodologia dos Grupos focais[12] para o estudo com as professoras selecionadas. Quando dialoga essa importância, pois:

> Os valores e princípios que as professoras atribuem as histórias incidem diretamente em suas práticas cotidianas e concomitante geram fatores que determinam a metodologia, os recursos didáticos, o ambiente e o uso da tecnologia para a efetivação da contação de histórias. (SILVA E MIRANDA, p. 7, 2019)

Consideramos assim, as pesquisas encontradas na CAPES válidas, para as leituras e escritas da dissertação, bem como, os autores descobertos através desses trabalhos e em que perspectiva foram produzidos os trabalhos até aqui.

PLATAFORMA BDTD

O acesso ao portal BDTD[13] ocorreu no dia vinte e seis de outubro de dois mil e dezenove (26/10/2019) no mesmo período dos períodos da CAPES, uma estratégia para não haver desencontro de publicações para esse mesmo intervalo de tempo.

A busca aconteceu da seguinte forma; utilizando os mesmos descritores anteriores “Contação de histórias” e “Educação Infantil”, com o recurso booleano “AND” pelos mesmos motivos anteriores, chegamos a um achado de 51 resultados por todos os campos, entre as teses e dissertações, a opção de refinamento foi considerada por assunto “Educação Infantil” que aparecia como a maior margem de trabalhos constando nove (9) para a Educação Infantil.

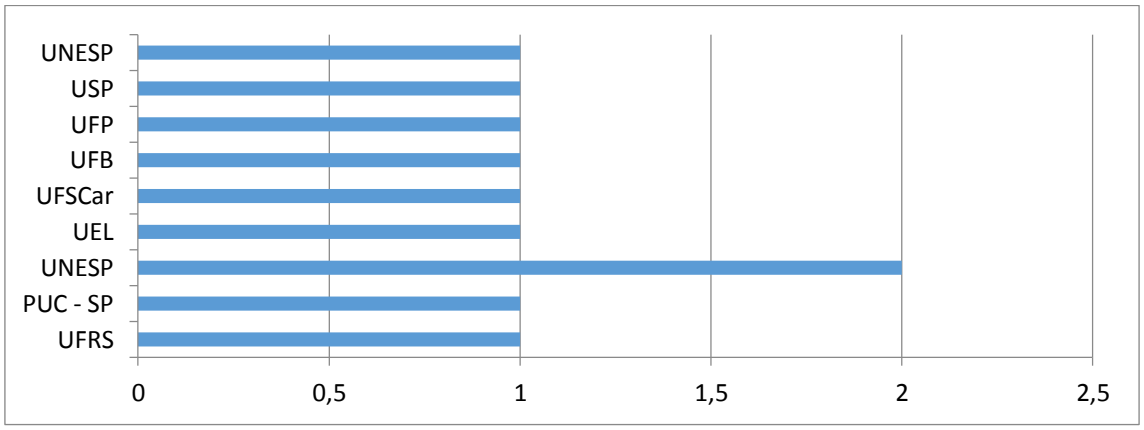
Apesar de já constar Educação Infantil nos descritores e ser refinado para o assunto “Educação Infantil” foi considerado que a maioria dos trabalhos que apareciam antes desse refinamento não levava a esse assunto e distorciam, por exemplo: o estudo das vivências em infâncias fora do contexto escolar; a contação de histórias para o letramento; as práticas

[12] Grupos Focais é um ou mais grupos reduzido de pessoas com as quais o pesquisador discute sobre o problema a ser investigado, de modo a obter mais informações sobre ele, dar-lhe um foco, uma afunilamento, bem como uma direção ao conteúdo dos instrumentos de coleta de dados. (VERGARA, p. 56, 2004)

[13]

alfabetizadoras; as disciplinas escolares como contributo ao letramento; a Educação Ambiental entre outros.

GRÁFICO 2 – Trabalhos encontros por Instituições na BDTD



Fonte: Elaborado pela pesquisadora

Entre as buscas realizadas nos Periódicos da BDTD, dez (10) Instituições aparecem com a maior ênfase nesse assunto com as pesquisas mais próximas do estudo e com os descritores corretos.

Desses dez trabalhos descobertos quatro (4) são teses de doutorado e seis (6) são dissertações de mestrado. Nenhum trabalho identificado foi encontrado nos dois Periódicos simultaneamente, na plataforma CAPES aparecendo apenas os artigos e a BDTD as teses e dissertações com os mesmos descritores e refinamentos parecidos.

Iniciamos o estudo mais avançado adentrando nos objetivos e metodologias dessas pesquisas encontradas. Contudo, para a leitura e efeito dessas pesquisas buscamos os trabalhos ainda mais próximos do assunto de estudo, e facilmente identificamos alguns trabalhos que foram excluídos da análise.

QUADRO 2 – Trabalhos com relevância e suas características

RELEVÂNCIAS DOS TRABALHOS	CARACTERÍSTICAS
Excluídos	Trabalhos que comtemplavam áreas distintas, Educação Ambiental, Bebês, práticas pedagógicas, relações raciais, entre outros.
Selecionados	Trabalhos que contemplam os dois descritores “contação de histórias” e “Educação Infantil”.

Fonte: Elaborado pela autora.

Entre os trabalhos estão algumas abordagens do tipo: A interação do Livro com bebês em uma turma de berçário foram excluídos por razão da pesquisa se caracterizar desde sempre com as crianças pequenas, de 4 a 5 anos de idade, e a fase com bebês trata-se de uma fase bem particular de desenvolvimento diferente.

A segunda exclusão ocorre pelo fato do trabalho apresentar uma perspectiva étnico-racial e com as vozes infantis, mesmo isso acorrendo na Educação infantil não foi relevante a essa pesquisa. Ainda, houve exclusão duas dissertações que dizem respeito à Educação Ambiental. Uma dissertação que trata de contação de história, mas na concepção da visão dos professores com as práticas pedagógicas. E uma última tese de doutorado que tratava cenas simbólicas das crianças de Educação Infantil, o teor das múltiplas linguagens e representações dos sentidos atribuídos às práticas cotidianas. Ao total de sete (7) trabalhos excluídos pela analise dos objetivos, tema e metodologias.

QUADRO 3 – Trabalhos selecionados nos Periódicos da BDTD

Nº	Natureza	Ano	Instituição	Título	Autor
1	Tese	2009	UFP	A narrativa oral-literária na Educação Infantil: Quem conta aumenta um ponto	ARAÚJO, Ana Nery Barbosa de.
2	Dissertação	2017	USP	Contação de Histórias e dialogia na Educação Infantil: Uma experiência educativa	SODRÉ, Letícia
3	Dissertação	2016	UNESP	Leitura e contação de histórias na Educação Infantil: Um estudo sob a perspectiva da teoria histórico-cultural	SAMPAIO, Mariana

Fonte: Elaborado pela autora.

A tese de doutorado defendida por Araújo (2009) potencializa um estudo acerca da oralidade infantil, a criança e a exploração da palavra quando ouve oralmente uma história, quando o professor consegue no conto ser o ator, fazendo as vozes, pausas e emoções sentidas pelos personagens e a partir disso cria-se uma interação entre professor-criança como ponte no processo de construção da aprendizagem. Assim comunga sua ideia:

> Nos momentos de contação, um elo é estabelecido entre criança e história: há envolvimento, algumas vezes, por meio da identificação com os personagens e, por muitas vezes, da projeção da criança dentro da narrativa. É assim, um envolvimento de natureza intelectual, emocional e imaginativo construído pelas possibilidades trazidas pela história: situações de conflito, prazer, raiva, medo, frustração, alegria, etc. o viver nessas possibilidades, temporariamente através do enredo e dos personagens, possibilita a ampliação das experiências da criança. (ARAÚJO, p. 15, 2009)

A pesquisa da autora supracitada está ligada aos últimos anos da Educação Infantil, analisa o momento do contar, como ocorre, o entrelace entre o real e a ficção nos contos, e o reconto trazido pelas crianças mediante o momento do conto junto ao professor, mantendo assim a interação entre professor-aluno e aluno-aluno. A pesquisa se justifica pesquisa nos momentos em que as crianças participam ativamente durante todo o processo das narrativas, contribuindo, portanto, para sua autonomia em aprender. Então sua pesquisa tem como foco o momento do conto e a construção do reconto com os professores e os alunos.

Sondré (2016) fez um estudo de caso com o uso na narração oral dos contos tradicionais especificamente, com as crianças da mesma faixa etária dessa referida pesquisa cujo objetivo é compreender como se estrutura a fala das crianças e problematizar sua dada realidade a partir das leituras. Analisa o momento dos contos e a interação da professora com os alunos, assim se tornando dentro da pesquisa, uma vez que a mesma se utilizou de participação direta no caso.

A autora também reconhece que diante das leituras o sujeito se coloca como ator principal da sua história, bem como contribui na formação dos demais, trabalhando aspectos da psicologia cultural para entender quais demais características podem ser contributos dos contos literários..

Foi possível perceber durante a escrita que a própria autora demonstra um encantamento pelo o que está escrevendo e que esse sentimento vem de muito antes do que imaginava acontecer no decorrer de seu trabalho enquanto profissional, e até mesmo no seu processo inicial de escolarização. E é isso que impressiona na contação de histórias, um momento de prazer, para deleitamento que nos tira aprendizados muito além dos muros da escola.

> Entendemos, portanto, que uma das características mais essenciais do contador de histórias seja a sua intenção de que a história de fato chegue, entre, incorpore a que a escuta. Da mesma forma, a ambição maior de uma contação de histórias é a de fazer com que o ouvinte e espectador tenham a possibilidade de acessar a narrativa com todos os seus sentidos: visualizar as imagens, degustar os sabores, sentir texturas, os sons, os cheiros. Assim é possível crer que a história tornou-se parte do seu corpo, do seu ser. A condição para que isso ocorra, porém, de que, anteriormente, essa

> história tenha sido incorporada, essa história tenha sido incorporada do mesmo modo pelo narrador. (SONDRÉ, p.27, 2016).

Fazendo desses momentos uma abertura de possibilidades de diferentes formas de aprender com as crianças e a descoberta de mundo. O encantamento já inicia com a prática profissional que sente prazer em fazer e continua impresso nos alunos.

Sampaio (2016) aborda em sua dissertação os momentos de contação histórias para a promoção de atividades de aprendizagem, como esses momentos despertam o prazer em aprender e descobrir nos livros a construção cultural dos sujeitos. É uma investigação a partir da teoria Histórico-cultural[14] embasados nessas perspectivas do estudo proposto. A autora traz a concepção de professoras da Educação Infantil que promovem o momento de leituras, e, a partir dos planejamentos diários, como ocorrem as escolhas dos livros pautadas nas culturas sociais. Ela vem a dizer que:

> Essas discussões suscitam dúvidas frequentes nos professores da Educação Infantil sobre como motivar a criança a ler, nessa etapa da Educação básica sem didatizar a leitura de livros de literatura infantil ou se focar exclusivamente no preparo da criança para sua entrada no Ensino Fundamental. As pesquisas sobre a temática revelam que os professores trabalham diariamente com momentos de leitura e contação de histórias, mas que, em sua maioria, não se constituem como atividades capazes de motivar aprendizagens dirigidas ao pleno desenvolvimento da criança pequena devido à falta de planejamento prévio desses momentos. (SAMPAIO, p. 56, 2016).

Assim transformando o que era para ser um momento prazeroso nessa fase de tantas descobertas torna-se momento de cumprir obrigações desde muito cedo. A autora também chama atenção para o fato do planejamento quanto aos objetivos de aprendizagens para/com as crianças pequenas, apontando que é preciso ter~~,~~ um entendimento sobre as formas de se fazer leitura e contar histórias, pois cada situação do contato com as leituras envolve uma experiência por meio das relações. Desta maneira utiliza-se a teoria histórico-cultural para comprovar sua pesquisa como meio essencial de construção da sociedade, como aborda Sousa e Girotto (2014):

> [...] quando lemos para as crianças a primeira coisa que elas fazem é procurar no texto conexões com usas vivências [...] Assim, mesmo os menores se identificam ou procuram pontos semelhantes entre as histórias e suas experiências de vida. Tudo isso ajuda essas crianças e nós educadores a alargarmos o conhecimento de mundo, os sentimentos com relação aos outros e às coisas, e facilita a compreensão que teremos de novos textos, de novas histórias. (SOUSA; GIROTTO, p. 36, 2014).

[14] […] o processo de mediação, por meio de instrumentos e signos, é fundamental para o desenvolvimento das funções psicológicas superiores, distinguindo o homem dos outros animais. A mediação é um processo essencial para tornar possível atividades psicológicas voluntárias, intencionais, controladas pelo próprio indivíduo (OLIVEIRA, 1997, p. 33).

As suas buscas também têm características bem singulares, pois acontecem em lócus diferentes, com o foco no planejamento de docente em relação ao momento de contar histórias e apresentação dos livros às crianças.

1.2.1 Ensaios para um novo recomeço

Consideramos válidos todos os achados até aqui, inclusive os trabalhos descartados, pois em sua leitura mais profunda percebem-se novas concepções sobre pontos determinados do estudo. Entendemos as relevantes contribuições que cada um trouxe, bem como para as mudanças das pesquisas que se constituem um caminho de construções e desconstruções. Alguns pontos precisam ser exaltados para a continuidade e aprofundamento desse estudo.

Os autores utilizados pelos pesquisadores se repetiam, como por exemplo; Abramovich (1991), Solé (2010), Freire (2011), Morin (2004), Bruner (1997), Kishimoto (2007), Vygotsky (2001), Campos (1994), Bettelheim (1976), Oliveira-Formosinho (2007), Villardi (1999), entre outros, muitos até já citados no projeto inicial e com a continuação das leituras pautadas neles, bem como alguns documentos nacionais de base, que justificam o estudo, desde a Constituição de 1988 (1988), o Estatuto da Criança e do Adolescente (1990), as Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil (2009), e o mais recente: a Base Nacional Comum Curricular (2016).

Pode-se perceber ao longo das pesquisas, essas feitas por mulheres, que quando as autoras justificavam seus estudos e a razão das temáticas todas levavam em consideração o encantamento desde o início da formação pessoal de cada uma, primeiro a evidência de todos os achados (selecionados) terem sido escritos por mulheres, e o motivo da pesquisa dar-se por considerar encantadas desde o início – infância – até a descoberta na formação.

É imprescindível está apaixonado por aquilo que se pesquisa e escreve, principalmente, quando se fala sobre as literaturas, os contos, a prática da contação, a Educação Infantil e as crianças em suas fases de descobertas, pois são nesses momentos os maiores achados, e os momentos da pesquisa como um espaço de "laboratório" para esses e outras explorações, ao ponto de partida do âmbito educacional que é o ensinar e aprender.

Também foi possível observar como os atores tiveram o cuidado em conceituar "*contação de histórias"*, e embasar a prática, partindo dos teóricos abordados, alguns se

utilizam de terminologias diferentes para construção dos conceitos, outros sinônimos bem parecidos, alguns se utilizam com narrativas e outros como relatos de contos.

O termo contação apesar de não existir formalmente[15] é utilizado pelo Comitê Nacional de PROLER[16] e pela Casa da leitura, que popularizou o termo aos momentos da prática de contar histórias, o qual lhes atribuídos aos momentos de prazer e deleite, por essa razão é empregado durante a pesquisa e ao projeto que está diretamente relacionado com os contos e o universo infantil.

Diante dos encontros e desencontros que tivemos desde então e ressaltando a importância da criança que ouve as histórias, levantamos o destaque para a criança que também pode e deve contar a história, ser o protagonista da sua imaginação, como também a criança que conta para outra criança.

Para os mesmos fins, refizemos as buscas nos mesmo bancos de dados citados anteriormente no tópico *1.2 Os desencontros com a pesquisa*, partindo de um novo descritor, agora com "Criança contadora" ou "Criança narradora", chegando ao encontro de apenas uma tese que leva o assunto da criança narradora, porém em nível de Ensino Fundamental, com idade mais avançada a do estudo proposto aqui, com o nível escolar já alfabetizado.

Concluindo, portanto mais um grande "achado" que enfatiza as pesquisas com crianças pequenas e em fase pré-escolar para justificar esse estudo é o fato de considerar a criança como fator principal desses contos e dar a vez e voz ao imaginário infantil.

1.3 A criança e o universo leitor – Concepções e práticas

> *"O luxo de corrigir e reescrever, somado à sensação de liberdade me rondando, me roçando, me envolvendo, fez uma impressão tão forte dentro de mim, que eu saí desse primeiro encontro pressentindo que fazer literatura ia ser pra mim uma imensa aventura interior. E desde esse dia eu confundo as palavras livro e livre: me acontece muito sem querer dizer uma e sair outra". (LYGIA BOJUNGA)*

As leituras estão por todas as partes e presentes no nosso cotidiano, com elas temos bases para localizar um destino até uma informação em uma bula de remédio, nos ambientes educacionais, nas pesquisas dos cientistas, mesmo quando seus métodos são quantitativos, que apresentam em sua grande parte os números, a leitura ali também se faz presente, pois até

[15] A palavra "contação" não aparece nos dicionários de Língua Portuguesa- (Língua Oficial Brasil)
[16] Programa Nacional de Incentivo á Leitura vinculado á Casa da Leitura/Fundação Biblioteca Nacional desde 1993.

mesmo os números precisam ser lidos e decodificados, representando situações e ações sociais.

O leitor se constitui através de diferentes contextos, quando nasce e é estimulado pelos pais e amigos até a vida adulta. A leitura em livros propriamente ditos ainda é seletiva, quando parte dos brasileiros não tem acesso aos livros, nem recebem estímulos para o seu uso, configura-se como padrões sociais, culturais e econômicos, quanto maior o seu poder econômico, maiores as chances de contato com os livros. Outro fator a ser considerado é a faixa etária e as condições dos indivíduos, quanto menor for e estiver inserido na escola, maior a possibilidade de alcançar uma formação leitora e que a faça por prazer.

A escola ainda é a que está diretamente associada a esse "dever", de ensinar a criança a utilizar-se das palavras para as leituras, com diferentes objetivos, seja ele para decodificar palavras, realizar exames ao final de bimestres, como forma de "garantia de aprendizagem" ou para sua inserção futura no mercado de trabalho. Com isso, as práticas associadas às leituras tornam-se cansativas e enfadonhas, pois para o gosto leitor é preciso mais do que isso.

Há desde cedo cobrança por parte da família para que a criança já consiga atingir a alfabetização, alguns muitos ainda pensam sobre isso já na Educação Infantil, quando por determinados meios uma criança se alfabetiza e outra não, aparecem os comparativos sobre se chegar ao sucesso escolar, que as famílias demonstram apreços por escolas que trabalham com esse formato de ensino.

Sabemos que a escola ainda é tida como provedora principal dessa inserção ao universo leitor, mas não é somente proporcionar o acesso aos livros, é preciso um convite à leitura, de forma carregada de sentimentos acolhedores, que a criança possa descobrir, ser o quer que seja, denominamos carinhosamente de *universo leitor*, pois consideramos que é um "universo" que guarda as leituras e suas possibilidades de viajar muito além dos tempos e mundos diferentes sem precisar sair do lugar, uma viagem pela imaginação.

Aliado a infância, a leitura promove ao pequeno leitor um descortinar-se de emoções e sentimentos, a criança que está na fase escolar inicial (Educação Infantil) surge como forte possibilidade de contato com o sistema de ensino que pode lhe proporcionar o convívio com as leituras, quando por muitas vezes não tem as mesmas oportunidades no ambiente familiar, então cabe à escola esse compromisso.

A infância é a principal fase do individuo para o aprendizado, pois nela acontecem os primeiros encontros com tudo que a cerca, é a fase em que as crianças concentram suas descobertas para o desenvolvimento. Esse período acarreta a criança a desvendar o mundo,

tarefa complexa, mas que com toda pureza e curiosidade se desenrola como uma mágica nas mãos dos pequeninos. Viver é deixar-se envolver com tudo o que interage, seja com os adultos ou a própria imaginação.

O ato em folhear os livros desde a infância proporciona as crianças um gesto de pertencimento as histórias ali escritas, cada página um acontecimento, em que carrega consigo os aprendizados já adquiridos, e assim vai se transformando, a autora Lygia Bojunga (1990) em seus contatos com os livros na infância relata que:

> Livro: a troca
> Pra mim, livro é vida, desde que eu era muito pequena os livros me deram casa e comida. Foi assim: eu brincava de construtora, livro era tijolo; em pé, fazia parede; deitado, fazia degrau de escada; inclinado, encostava num outro e fazia telhado. E quando a casinha ficava pronta eu me espremia lá dentro pra brincar de morar em livro. De casa em casa eu fui descobrindo o mundo (de tanto olhar para as paredes). Primeiro, olhando desenhos; depois, decifrando palavras. Fui crescendo e derrubei telhados com a cabeça. Mas fui pegando intimidade com as palavras. E quanto mais intimas a gente ficava, menos eu ia me lembrando de consertar o telhado ou construir novas casas. Só por causa de uma razão: o livro agora alimentava a minha imaginação. (LIGYA BOJUNGA NUNES, 1990, P. 7).

O contato da autora supracitada com os livros mostra que quanto maior essa relação direta maior será as possibilidades de criar e imaginar, e mesmo muito pequena se abrigava nos livros para acalentar os seus muitos sentimentos.

Desde muito pequena a criança transforma os espaços a sua maneira. É na imaginação que surgem castelos, princesas, animais imaginários ou já pertencentes ao contexto real, mas também a convivência com regras, lições e sabedorias que os adultos precisam lhe apresentar, mas de forma que a criança consiga entender os mais variados assuntos. As escolas, por exemplo, se utilizam da prática da contação de histórias para que ao criar personagens e histórias que abordem temas complexos como: a exploração sexual, o consumismo, as mais diversas formas de preconceito e as sabedorias populares de suas comunidades, por exemplo. Agrega nesses assuntos simplicidade e maior compreensão.

A criança faz morada nas suas histórias. A sua imaginação permite criar e fantasiar situações que só existem no seu próprio mundo paralelo e assim viver nele por muito tempo, fazendo morada para amigos imaginários e se abrigar nas situações reais mais difíceis, além de um abrigo para fortalecer o "eu" interior, encontrando paz para ser quem sonha e se inspirar. A mente humana é capaz de sempre se reinventar, se tranquilizar em situações difíceis, assim como momentos de descontrole em circunstancias de euforia e prazer, entre outras. Porém, é na fase adulta que os sujeitos acabam "esquecendo", muitas vezes, esse

imaginário, uma vez que é treinado diariamente o seu racional, não deixando espaços para transcender e ir além do que a sua própria racionalidade permite.

A mente infantil por não ter, em sua grande maioria, preocupações com as tarefas mais complexas e racionais advindas da sociedade e a necessidade de sobrevivência, consegue, de uma forma involuntária, dar mais espaços para o irreal. A autora Nancy Huston faz um questionamento bem pertinente a nossa escrita quando questiona "onde reside o real humano?" e logo em seguida já formula sua pergunta seguida de "nas ficções que o constituem". (HUSTON, 2012, p. 13-14).

A criança se encontra em um momento mais oportuno a dar espaços para a sua imaginação, costumamos pensar que o adulto a perdeu, mas na verdade ele parou de dar condições para a sua própria imaginação, os adultos criam, imaginam, inventam, e descobrem coisas novas, mas todas elas com o propósito. Essas criações precisam ter serventia para o sustento social e produtivo, o que lhes provocam um esgotamento psíquico, não sobrando tempo para construir o irreal e prazeroso.

A construção infantil é tão importante quanto à da vida adulta, a criança constrói por meio de símbolos que são atribuídos os significados, assim como os brinquedos e as brincadeiras de faz de conta que remetem na criança o entendimento social, como: cozinhar, trabalhar, cuidar de crianças, aprender na escolinha, as leituras também permitem o acesso a assimilação do real humano, é nas tramas literárias e/ou em histórias narradas ou inventadas que as crianças compreendem os muitos significados humanos e seu meio. Essas práticas contribuem para a representação de mundo.

Pensar em leituras e histórias remete ao encontro de onde estão localizadas essas ações, logo pensamos nos espaços físicos, como: o próprio lar, a família quando insere a criança nesse contexto e entra junto por conhecer a importância da leitura, as bibliotecas que abrigam fisicamente os livros com suas tramas literárias, muitos já conhecidos mundialmente, e as escolas que atribuem em muitos casos às tarefas a serem executadas para o enquadramento letrado da criança.

As leituras propriamente ditas são feitas de diferentes maneiras: livros, jornais, redes sociais, bula de remédio, músicas, imagens, esculturas e olhares (quando mais sensíveis), que quer caminhemos, mas sempre e por toda parte existirão, as situações para a promoção de leitura são diversas, o importante é perceber quando se encaixam nas inúmeras situações vividas. Basta olhar ao seu redor e encontrar nas entrelinhas as histórias escondidas.

Tudo que interagimos está cercado de momentos propícios ao contexto leitor. É nas palavras que reproduzimos aprendizagens que nos insere socialmente, que mantemos contato com os semelhantes e convivemos com as diferenças, podendo expressar-se, comunicar, perceber injustiças, aproximar ou distanciar as pessoas, compreender as situações mais simples e às mais complexas. Assim representamos simbolicamente o mundo e a nós mesmo.

Elencamos dessa forma perguntas norteadoras para compreender tudo o que já foi falado e levantamos novos aportes para a pesquisa e as discussões feitas aqui. Alguns pontos importantes que precisamos destacar para compreender o estudo: "De quem depende a leitura?" e "Que lugar a leitura ocupa na infância?". Já enfatizando as respostas colocamos que a leitura depende de todos os indivíduos, todos aqueles que fazem parte de um meio social que se transforma constantemente e só é possível quando o ser humano passa pela sua autoformação[17], que é a consciência de poder que cada um tem sobre si mesmo e na formação do outro. É nele que nasce o seu "eu crítico" e transformador do que vive sujeito errante e aprendiz, seja nos passos lentos ou rápidos, mas nunca estagnados.

É necessária a interação social e a inconformidade para que haja a provocação, às mudanças, mas só é possível quando se tem acesso a uma educação que aproxime os sujeitos às reflexões de mundo.

As leituras estão em todos os espaços, mas é fundamental que se faça o uso delas consciente, nem tudo o que é produzido é de fato satisfatório para a aprendizagem, o que ocorre é um aglomerado de informações em muitos casos desnecessárias. Faz-se importante um filtro atento a essas tantas leituras, então recorremos da nossa primeira indagação "De quem depende a leitura?" ato é que, a todos, mas considerando que a criança precisa que algum adulto inicialmente a faça para ela, porém muito além da decodificação das palavras que também requer o adulto como transmissor, necessita a apresentação de tudo que envolve a leitura e os textos, entrando, nesse sentido, a interpretação de quem lê e quem ouve então a pessoa que reverbera tem a missão de expressar tudo o que a narração precisa.

A família é a primeira instância social em que a criança está inserida, é nela que surgem as primeiras descobertas de mundo, as linguagens, as culturas, as formas de agir e se expressar, como também a criação de vínculos afetivos, e é a ela que está incumbida a importante tarefa de iniciar e oportunizar o gosto pelas diversas práticas sociais, seja nas músicas, danças, esportes e as leituras entre outras. Primeiro, por entender que é através

[17] Ao procurar compreender como se desenrola o processo de autoformação, parte-se do pressuposto de que só haverá autoformação na medida em que, havendo apropriação do poder de se formar, esse processo se traduzirá numa produção singular de sentido que vai contribuir e gerar a produção da pessoa ela-própria. (COUCERO, p. 49, 1992.)

dessas práticas que se promove a formação intelectual, social, cultural, e psíquica dos sujeitos. E é na promoção das leituras que insere as crianças ao mundo letrado, bem como, ao critico e reflexivo.

As leituras se abrem para que nelas os sujeitos criem e recriem possibilidades diversas, para todas as situações de sobrevivência que venham a encontrar, assim como se fazer abrigo, para dar morada à sentimentos e emoções, enfrentar desafios, e se tornarem responsáveis por sua construção pessoal. A criança encontra nesses espaços a oportunidade das descobertas e das respostas a tudo novo que vem ao seu encontro, os livros, as leituras, as narrativas-orais, as literaturas infantis, é um ponto de equilíbrio para compreender as mais variadas temáticas e suas complexidades do meio societário de forma acalentadora.

A família busca contribuir na vida da criança para que ela consiga desenvolver suas capacidades, e é desde os primeiros dias de vida que se inicia essa plena formação, é oportunizando os momentos ao saber, quando se conta uma história e se reproduz uma cadeia cultural e natural faz a imersão da criança ao meio. Aliado a necessidade de se desenvolver as práticas leitoras partindo da família estão os momentos afetivos vividos no seio familiar, os indivíduos tecem nas suas histórias e nelas acontecem o fortalecimento dos vínculos e a continuidade das gerações.

Independente do seio familiar, dos transmissores, poderem/terem acesso a uma educação escolarizada, é se suma importância não se perder na participação desses valores, que só é possível dentro desse círculo.

A segunda instância social capaz de promover a criança ao mundo leitor, que podemos mencionar com ênfase, dentre tantas outras, na pesquisa, é a Escolar[18], tratada aqui no estudo como a mais precursora do despertar o gosto leitor. É na escola que acontecem os momentos de maiores contatos com os livros e as leituras em geral, e em todas as modalidades e etapas da educação. Com isso, a necessidade de destacar a escola, os professores, a prática da contação de histórias e os recursos didáticos para promoverem esse acesso.

O acesso aos livros tão somente e isolados, não é uma forma de promoção eficaz ao gosto leitor. É essencial a mediação por parte de todos que fazem a educação, desde a seleção de obras de literatura infantil que tenham temática que envolva e seduza a criança que vai ouvir, como a criação de contos narrados oralmente pelo professor para adentrar a assuntos desconhecidos ou já muito conhecidos pelas crianças.

[18] A autora utilizou-se da inicial da palavra em maiúsculo para dar ênfase a palavra que traz o maior significado da pesquisa.

Nas práticas de mediação que envolve as crianças e os contos, encontramos um elo de possibilidade para se desenvolver as práticas em sala de aula em diferentes momentos, desde o trabalho com a música, o teatro, as linguagens e as brincadeiras. É preciso compreender e buscar como se encontra o interesse da criança para/com as leituras e focar nos estímulos que têm o devido retorno esperado. É necessário que a criança esteja presente em todos os momentos e a faça junto ao professor, uma vez que, a leitura gera a interação entre o leitor e a leitura, uma conexão ativa das partes. O contar não é ler uma história, decodificar as palavras, mas interpretá-las é um mergulho na criação dos sentidos.

Além do acesso aos livros, aos espaços de leituras, e os professores promotores de leitura está o convite à leitura, principalmente aos pequenos leitores, esses em fase de Educação Infantil, que ainda estão no ponto inicial de conhecer os contos e despertar seu deleite. O convite às leituras e aos contos se faz no intimo de cada turma, professor e aluno, compreendendo suas diferenças, dificuldades e preferências para se conhecer melhor, e assim proporcionar os momentos dessa interação, ao longo de ano letivo o professor constrói o ambiente propicio para cada aprendizagem junto aos alunos, envolvendo-se gradativamente aos contextos de ensino-aprendizagem.

Além das mediações trabalhadas e ofertadas nos planos de aula docente que tem o compromisso critico e reflexivo por parte dos alunos como objetivo principal de unir à prática de contação de história está a indispensável dialogicidade[19] que requer o compromisso com a prática pautada nas vivências sociais e as realidades locais dos alunos para o exercício da cidadania e os interesses de quem conta e ouve as histórias infantis.

É preciso buscar nos alunos as suas inteirezas de mundo que cada carrega e agrega para si, como se modifica, e aprende com seus erros e acertos, descobrir que não existe um único caminho ou única certeza, buscar suas próprias dúvidas e fazer o exercício de conhecer a si e enxergar-se em outros.

Diante do exposto da prática da contação de histórias e das leituras de uma forma geral com suas contribuições para a educação e para o desenvolvimento das crianças bem pequenas, ressaltamos que é indispensável o investimento na aquisição das obras literárias, de matérias de apoio pedagógico, dos espaços de leitura, dos cursos de formação continuada por parte dos professores formadores de leitores, bem como de uma gestão que mobilize práticas de incentivo às leituras que incluam as famílias e comunidades nesse processo.

[19] Dialogicidade é eixo fundamental das obras freirianas unidas da prática de liberdade. "Se nos revela como algo que já poderemos dizer ser ele mesmo: a palavra. Mas, ao encontrarmos a palavra, na análise do diálogo, como algo mais que um meio para que ele se faça, se nos impõe buscar, também seus elementos constitutivos" (Pedagogia do Oprimido, 2005, p.89).

É comum nos acervos bibliográficos das escolas a não atualização de seus acervos, e das péssimas condições que os livros e as práticas de contação se encontram, quando muitas delas não chegam a sair dos planos de aula docente. Quando não se há os estímulos mútuos para a sua realização, é mais comum ainda encontramos profissionais mais desestimulados e famílias que não sabem como conduzir essa ação. Até por desconhecer sua importância ou conhecer erroneamente, considerando como o ato de decodificar as palavras.

A falta de investimentos governamentais conduz e influencia a não realização de ações voltadas a essa temática, apesar do Brasil ser um país com maiores índices de produtores de livros e compradores mundiais desse material como mostra o Ministério da Educação/MEC (INSITUTO PRÓ-LIVRO, 2008), é falha a condução dos sistemas que guiam essas ações, pois conduzem investimentos em práticas de "boas notas" quanto aos exames que só mostram o quão decadente se encontra o nosso país em proporção das habilidades leitoras que é ineficiente em quase todos os níveis e etapas da educação.

A Educação Infantil em muitos casos é vista como antecedente ao Ensino Fundamental, como uma forma de preparar a crianças especificamente para a próxima fase. Contudo, é necessário olhar o instante em que ela se encontra e o que precisa para aquele determinado momento, a criança precisa do hoje, de vivê-lo, o que se peca no exagero da preparação à vida adulta. Como avalia Oliveira (2007):

> A instituição de Educação Infantil pode atuar, sim, como agente de transformação de conhecimentos elaborados pelo conjunto das relações sociais presentes em determinado momento histórico. Todavia, isso deve ser feito na vivência cotidiana com parceiros significativos, quando modos de expressar sentimentos em situações particulares, de recordar, de interpretar uma história, de compreender um fenômeno da natureza transmite à criança novas maneiras de ler o mundo e a si mesma. (Oliveira, p. 46, 2007)

É preciso preparar o ambiente e as práticas que auxiliem o contato com o universo leitor, para cada fase do aprendizado, com as interações e sentidos significativos para cada criança e o seu momento. Será a partir de cada emoção sentida/vivida pela criança que permeará o seu imaginário e consequentemente o seu próprio desenvolvimento individual e coletivo.

A segunda indagação que prossegue esse tópico, feito anteriormente é: "Que lugar a leitura ocupa na infância?" A infância é a principal fase de encontro do sujeito com tudo que o envolve, sendo assim a leitura é a sua base para os conhecimentos advindos da sociedade, desde o nascimento a criança começa a se envolver com o que está presente e a descortinar as

muitas emoções e sentidos que a ela ocorre, começa a aprender sobre si mesmo e com os que estão a sua volta.

Proporcionar a criança o contato com os livros é fazer com que ela mesma crie o seu manual do mundo, é permitir as ricas experiências que trazem as tramas literárias, é enriquecer seu vocabulário, é preceder o universo letrado, é dar asas a fantasia, é ver crescer e se desenvolver socialmente. A criança e seu imaginário emergem para as descobertas, e por viver cada aprendizado diário de um jeito único. Como bem reitera Jouve (2002):

> Ler, pois, é uma viagem, uma estrada insólita em outra dimensão que, na maioria das vezes, enriquece a experiência: o leitor que no primeiro tempo, deixa a realidade, para o universo da ficção, num segundo tempo, volta ao real, nutrido da ficção. (Jouve, 2002, p. 108).

E a essas ficções os ensaios para a vida, sem perder o gosto e o sabor adoçado pelas histórias ouvidas e recontadas por si mesmo. É se fazer presente. É estar vivo. É sonhar de olhos bem abertos.

A ocupação que a leitura toma lugar na infância é adentrar em espaços inimagináveis, apesar de não saber até que ponto está o real e a fantasia, de não sabermos ao certo o que cada um ocupa no sentido do outro, podemos dizer que cada pessoa faz seu próprio voo, e observando as crianças sentimos mais afundo como isso acontece, por a criança se permitir viver e traduzir esses sentidos a sua maneira do que sente, sem julgamentos, pois é uma criança, é o que dizem. É esse o sentido das leituras, produzir as identidades, libertar-se de amarras, transformar o mundo e se transformar com ele.

Todas as sensações vividas e sentidas pelas crianças são únicas, como experimentar o sabor de uma fruta, ouvir um som de animal. Vai além de qualquer referência, pois são as primeiras, então destacamos a importância da leitura logo à primeira infância, por partir da sensação das novas descobertas, e com o passar do tempo torna-se um hábito natural, permanecendo a sensação de experimentar novamente essas emoções.

A leitura vai além das palavras, ela transcende mundo, faz parte de tudo e está em todos basta compreendê-la, e a quem deve a leitura? Podemos pensar que as pessoas com maiores graus de instruções e renda social, talvez até mesmo por que fomos instruídos a isso, a pensar que não será dado a todos e não chegarão a alguns lugares, certamente os livros sejam assim, mas as leituras não. Ler vai além, está expresso na música, na dança, nos apaixonados pela vida, nas crianças, guardadas dentro dos adultos, só é preciso encontra-la.

Ao final de tudo, buscamos que as leituras estejam acessíveis a todos, e que se encontrem nos diferentes espaços, nas residências, nos bancos das praças, nos ônibus, nos centros culturais etc. Bem como a ampliação de bibliotecas e seus acervos atualizados. Faz-se necessário às pessoas a oportunidade de leitura, que mais leitores compartilhem suas experiências e até mesmo se tornem os próprios autores, compreendendo que todos têm algo a contar e ouvir, que cada narrativa importa, e que em algum lugar e para alguma pessoa servirá de base para sua construção.

1.4 Trajetória metodológica – Percurso, desafios e saberes da pesquisa

Buscamos caminhos para possíveis respostas de muitas das nossas inquietações, levamos a vida como um laboratório de práticas evolutivas, que permite o crescimento quem a adentra e faz parte, o que move na verdade não são as respostas, mas as perguntas que surgem ao trilhar. A pesquisa em torno dessa dissertação traz como pergunta de partida *Como a prática da contação de histórias ofertadas às crianças de 4 e 5 anos de idade contribui para o processo de formação leitora na Educação Infantil?* Diante disso, traçamos os caminhos para a resolução das nossas perguntas.

Para justificar o estudo partimos da consideração que é de suma importância o investimento nas práticas de contação de histórias desde a infância, inseridas no contexto da Educação Infantil, transforma esses sujeitos investigados (crianças), em leitores para a vida. Seguindo os propósitos da educação para o mercado de trabalho, com uma profissão ou função social, bem como, na condução dos sentidos vividos e refletidos por esses.

A criança ao adentrar a escola, mais especificamente na Educação Infantil, vive seus primeiros contatos com essa esfera educacional que é cercada por aprendizagens, pessoas diferentes do seu convívio normal, livros, músicas, brincadeiras, são nessas interações que crescem os momentos de liberdade e motivação para se expressar e crescer.

Diante disso passamos a buscar e compreender o percurso da pesquisa, que une a prática da contação de história à Educação Infantil, para o sucesso do gosto leitor, integrando momentos e experiências infantis no contato com as leituras, seja elas feitas pelo professor ou pelas crianças seus colegas. Em livros propriamente ditos ou em narrativas pessoais.

Diante do exposto tratamos como objetivo geral desse trabalho: *Compreender como a prática da contação de histórias ofertadas as crianças de 4 e 5 anos, contribui para o processo de formação leitora na Educação Infantil.*

Tecendo os caminhos dessa pesquisa significa dizer que, trataremos ao longo do texto o passo a passo do estudo e como ele será desenvolvido em todos os seus momentos. A escolha de um trabalho baseado em uma perspectiva qualitativa se deu mediante os objetivos do trabalho, que não estão em buscar respostas, nas observações de situações cotidianas ao contexto escolar que acontecem e como cada agente dessa situação interfere nesse meio para modifica-lo e desenvolve-lo. Assim a abordagem qualitativa é designada para esse estudo, pois é somado a fato de considerar importante a qualidade dos acontecimentos e a reação dos sujeitos investigados, que não são previamente estipulados. Como corrobora Bogdan; Biklen (1994):

> As experiências educacionais de pessoas de todas as idades (bem como todo tipo de materiais que contribuam para aumentar o nosso conhecimento relativo a essas experiências), tanto em contexto escolar como exteriores à escola, podem constituir objecto de estudo. A investigação qualitativa em educação assume muitas formas e é conduzida em múltiplos conceitos. (BOGDAN e BIKLEN, 1994, p. 16).

São das muitas experiências observadas diariamente no contexto que buscamos no foco da pesquisa as relevantes vozes dos sujeitos e seus variados posicionamentos, na abordagem qualitativa não se busca uma verdade uma mentira, mas a condição de cada um que é investigado, as suas formas de ver e rever o mundo, e como, baseado nessas experiências se recria constantemente.

A abordagem é qualitativa, haja vista que trabalha predominantemente com dados qualitativos, isto é, a informação coletada pelo pesquisador não é expressa em números ou então os números e as conclusões nele baseados representa um papel menor na análise (RICHARDSON, 1989, p. 9). O autor assegura que este tipo de abordagem possibilita fazer uma análise mais compreensiva dos resultados. Nessa mesma linha de pensamento, Erickson (1989); Teis e Teis enfatiza:

> A abordagem qualitativa tem se firmado como promissora possibilidade de investigação em pesquisas realizadas na área da educação. Uma pesquisa com essa abordagem caracteriza-se pelo enfoque interpretativo. Desse modo, as técnicas de investigação não constituem o método de investigação. (ERICKSON, 1989, TEIS E TEIS, no prelo, p. 1)

A abordagem qualitativa é o primeiro parâmetro investigativo quando se quer alcançar resultados com foco nos sujeitos e nas suas práticas, para isso é preciso que o investigador consiga se desprender de qualquer forma de pré-julgamento levado ao campo investigado, que ele se despia do que pode considerar para “certo” ou “errado”, pois nessa abordagem esses

conceitos são inexistentes. Por esse e entre outros motivos, reiteramos a importância dessa abordagem para o foco das pesquisas com crianças e na Educação Infantil.

É consensual que a pesquisa que traz na sua essência a pureza e destreza do universo infantil, carregado do seu imaginário que se construa com bases nas vivências e experiências únicas e inesgotáveis de possibilidades, por se tratar de sujeitos que quando são encorajados às descobertas, disponíveis aos aprendizados quando carregados de afetos, há a importância das trocas diárias entre si e com os adultos que estão a sua volta. Ressaltado em Minayo (1994);

> A pesquisa qualitativa responde a questões muito particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ser quantificado. Ou seja, ela trabalha com o universo de significados, motivos, aspirações, crenças, valores e atitudes, o que corresponde a um espaço mais profundo das relações, dos processos e dos fenômenos que não podem ser reduzidos à operacionalização de variáveis. (MINAYO, 1994, p. 21-22).

Em consonância com o autor citado, fundamentamos a pesquisa qualitativa e as singularidades da criança e a da infância, suas bases para a apropriação da aprendizagem e da formação e autoformação humana. É a valorização da experiência humana em busca de suas ideias, para a construção dos sentidos. É nessa abordagem que é dado o interesse em investigar nas crianças a sua autonomia.

A escolha pelo local a ser investigado já consistia em alguns critérios iniciais que são indispensáveis, uma escola de Educação Infantil, visto que a pesquisa tem foco na investigação com crianças dessa faixa escolar, mais precisamente na pré-escola, em uma faixa etária de crianças com 4 (quatro) e 5 (cinco) anos de idade, fase importante no desenvolvimento infantil. O segundo critério é ser em uma escola da rede pública, diante da necessidade de retorno do investimento, sendo que consiste de uma universidade pública e de um programa de pós-graduação pública.

Após esses critérios da seleção inicial pela escola, as demais seleções se deram por ser de uma professora já conhecida pela pesquisadora, sendo que ela também realiza investigações nas suas práticas pedagógicas, assim não causaria certa "estranheza" nos alunos e ambiente observado. Por não ser o foco da investigação, trataremos a escola e a professora por nomes fictícios. Chamaremos assim a escola de "*Imagine se...*" como já tratado antes, a escola *Imagine se...* é uma escola de Educação Infantil, pública, no município de Mossoró/RN, a turma a ser observada é uma turma de pré-escola, crianças de 4 a 5 anos de idade.

Nesse espaço de escuta e olhares abordaremos a investigação da coleta de dados, os momentos de observações e como eles serão tratados, aqui definimos as melhores estratégias de compreender todos os fenômenos acontecidos durante esse período e como se deu as ações e reações de cada criança. Momentos plurais para pesquisa, pois é a partir dos olhares e escutas da pesquisadora que sairão as muitas interpretações do imaginário infantil e seu ilimitado repertório de criações.

Para a coleta de dados foram utilizados alguns instrumentos que contribuirão para melhor atender a pesquisa e a pesquisa com crianças pequenas[20] que precisam ser tratadas respeitando as suas particularidades. O primeiro instrumento é a observação, o olhar do pesquisador para o foco do seu objetivo no trabalho.

O segundo instrumento para ida a campo de pesquisa são os instrumentos que contribuem para além do olhar do pesquisador, que ajudará a não passar nenhum momento desapercebido e quando as vozes não falarem, serão os instrumentos de ajuda digital como fotos e gravações de vídeos.

O terceiro instrumento é a aplicação de questionário com a professora da referida turma, partindo do princípio que o professor diante do trabalho com a leitura, representa um mediador de possibilidades plurais, é fundamental asseverar a necessidade de estar aberto a revisar diariamente sua prática e, assim, modificar suas ações para ser melhor a cada dia, como diz Freire (2011). A investigação com a professora acontecerá por meio de observação e questionário, por considerar importante o registro e o estudo das práticas pedagógicas diárias em sala de aula e o interesse em pesquisar como essas práticas vêm a contribuir com o incentivo à leitura. Assim, como suas experiências em Educação Infantil.

Para esse momento de analisar os dados da pesquisa, momento singular, e a ultima etapa da escrita da dissertação foram elencados pontos essenciais que contribuirão na investigação e compreensão dos dados coletados, das vivências infantis e suas vozes, bem como para entender e alcançar os objetivos propostos.

A tipologia da pesquisa consiste em um estudo de caso que visa considera situações específicas vividas pelas crianças, como é o caso dos momentos da contação de histórias, como momentos de maiores ênfases formação do gosto leitor. São nas inteirezas de mundo que possibilitam nas crianças as descobertas a novos voos, em decorrência disso, consideramos essa tipologia a mais adequada para o enquadramento dessa pesquisa.

[20] Crianças pequenas é um termo segundo a BNCC (Base Nacional Comum Curricular) para definir as crianças com faixa etária de 4 a 5 anos e 11 meses de idade.

Podemos considerar que a partir do Estudo de caso aplicado a análise dos dados são de suma importância para tratamentos dessas informações, no estudo de caso estudamos a qualidade específica de um grupo de alunos em relação as suas experiências com os momentos leitores, por entender e permitir as variações que ela tipologia permite.

O estudo de caso fortalece a análise dos dados, pois proporciona ao pesquisador uma observação detalhada de cada caso/situação, investigando um acontecimento particular e específico, uma determinada situação cotidiana, definidas nas palavras de Yin (2001) como:

> O estudo de caso permite uma investigação para se preservar as características holísticas e significativas dos eventos da vida real – tais como ciclos de vida individuais, processos organizacionais e administrativos, mudanças ocorridas em regiões urbanas, relações internacionais e a maturação de alguns setores. (YIN, 2001, p. 21).

Considerando assim propicia a pesquisa com crianças pequenas e seus momentos de deleite com a prática da contação de histórias, levando em considerações todos os momentos plurais para a construção da formação humana.

2. CONTAÇÃO DE HISTÓRIAS - ENTRE DUENDES E FADAS

> *Alice cai na toca. Ana não cai, ela escolhe descer, ir ao fundo. Alice é levada pelos acontecimentos. Ana realiza uma busca voluntária, vai atrás de seu desejo. Alice acorda, tudo foi um sonho. Ana não precisa acordar, porque não sonhou."*
>
> *MARIANA COLASANTI*

Contar uma história é permitir viver novamente uma aventura, permite a quem conta sentir as emoções que foram vividas ou que são imaginadas, e permite ao ouvinte experimentar sensações novas e ter um encontro consigo mesmo e com os demais. Contar uma história, real ou imaginária, é aguçar os sentidos, mexer com as percepções de mundo, atuar com o desconhecido e o principal é refletir sobre o que lhe foi contado.

A contação de histórias é uma importante estratégia pedagógica utilizada não somente em sala de aula pelos professores, mas nos diversos ambientes frequentados pelas crianças, que também se faz importante no convívio familiar. É na contação de histórias que a família propicia a criança compreender as relações sociais, culturais, morais e econômicas, os contos lidos em livros ou criados tem a intenção de atingir um objetivo, que a formação da integral da criança, assim eles conseguem abordar as mais variadas temáticas que são complexas ao entendimento infantil.

Na sala de aula a contação de histórias é o momento de apresentar às crianças ao universo letrado e as relações de convívio social, expressando em personagens e lições com regras e deveres enquanto um ser existente e desbravador do mundo, tarefa não tão fácil para as crianças muito pequenas, que ainda estão a entender o seu lugar e função social. Mas é na contação de histórias que além de muitos outros objetivos, acontecem às relações de pertencimento em si, de autoformação humana, constrói sua personalidade e se identifica com os outros, mas para isso é necessário que essa prática, nessa faixa etária, entre os 4 e 5 anos de idade, matriculadas na Educação Infantil, seja prazerosa, sem cobrança de atribuições de premiações e/ou punições, para seus "erros" ou "acertos".

Para o pleno desenvolvimento infantil e deleitamento nas histórias que lhes é contada, é preciso respeito à criança que ainda está a conhecer, respeitar seu tempo e seus já previamente gostos, pois, é comum em crianças desde cedo mostrar interesses por objetos, brincadeiras e personagens que instiguem a sua imaginação e se veja nesses reflexos que admira.

É sábio que as leituras desde cedo na vida de uma criança proporciona contribuições muito relevantes, e ainda mais quando falamos de vida acadêmica, os primeiros passos na

escola e para a alfabetização, assim alcançamos em números e avançamos no ensino-aprendizagem, mas o que queremos trazer com essas escritas vão muito além, são os resultados e as buscas por aquilo que não se vê em números dos programas de avaliação do governo ou em índices educacionais, mas é naquilo que queremos quando a criança fala, quando ouve, e principalmente quando imagina e ensina uma as outras.

Ao longo deste capítulo iremos abordar conceitos estudados até aqui, de forma a entender cada definição das temáticas que se trata essa pesquisa, são conceitos a margem da autora e dos referenciais no assunto. Separados por tópicos, iremos de forma destacados tratar como chegamos a cada uma, sua importância e o que temos de margem para pesquisa.

São eles: **2.1 Escola: um lugar para contar e sonhar**, nesse espaço apresentamos conceitos, características e importância dos conceitos de escola para pontuar categoricamente esses espaços, tempos e sujeitos que os compõem para contribuir significativamente na aprendizagem através das leituras e literaturas infantis, no qual esses, sejam os espaços de domínio desse assunto, e como proporcionam os sujeitos que adentra uma experiência e ferramenta de transformação ao longo de toda vida profissional e principalmente pessoal desses indivíduos.

No segundo tópico desse capítulo **2.2 O doce e o aroma da pré-escola**, apresentamos um nível de ensino como foco que é o da fase pré-escolar da Educação Infantil, crianças em faixa etária de 4 a 5 anos de idade, consideradas crianças pequenas[21]. O interesse nesse nível está por considerar a intermediação entre a faixa inicial da Educação Infantil que é a creche e o 1º ano que é a fase inicial do Ensino Fundamental, por estar nesse centro entre o cuidar, brincar e educar, e o ensino formal e inicio da alfabetização e letramento. Momento importante no desenvolvimento do individuo por se tratar da oferta das literaturas para compreensão de mundo e das letras.

No tópico **2.3 Ouvir e contar em detalhes: Criança, escuta e imaginação**, temos o momento de fala das crianças com a escuta sensível para analisar as aprendizagens advindas dos contos, e como aflora a imaginação pautadas em realidade e fantasia de um universo único em cada criança, quando ela passa a ser autora de sua própria história, quando produz e reproduz ao ouvir sua professora, seus pais e parentes, e principalmente com outras crianças, em um enredo que se mistura no seu próprio mundo. Compreender as conexões trazidas pelas crianças para sua autoformação humana e como esses elos contribuem formativo de uns como os outros.

[21] Segundo a BNCC são consideradas crianças pequenas as crianças de 4 a 5 anos de idade.

Para encerrar esse capítulo teórico e conceitual abordando as principais temáticas trabalhadas temos o tópico **2.4 Conto, reconto e reinvento,** que dentro desse processo de pesquisa as leituras e literaturas que aguçam o imaginário infantil dá suporte na sua estrutura cultural, quando permite conviver e dominar o meio que está inserido, como para suas emoções, conquistas, prazeres e desprazeres ao longo de suas vivências. As literaturas promovem momentos, espaços e tempos além daquilo que distinguimos, porém também ressaltaremos como a abordagem em sala de aula interfere na conexão ou desconexão do aluno-leitura-literatura para o elo entre prazer e aprendizagem.

2.1 Escola: um lugar para contar e sonhar

> *"Não sei o que está havendo com a formação dos professores hoje, mas com toda certeza [...] eles não tiveram seu entusiasmo pela literatura despertado e, sem isso, não estão preparados para transmitir aos jovens o que eles mesmos não têm. Não acredito que ninguém ensine outra pessoa a ler literatura. Pelo contrário, estou convencida, isso sim, de que o que uma pessoa passa para a outra é a revelação de um segredo - o amor pela literatura. Mais uma contaminação do que um ensino." (ANA MARIA MACHADO).*

Villardi (1997, p.2) diz que "[...] para formar grandes leitores, leitores críticos, não basta ensinar a ler. É preciso ensinar a gostar de ler. [...] com prazer, isto é possível, e mais fácil do que parece." Na fala do autor podemos perceber que ele corrobora com o pensamento da pesquisa, como também de outros autores citados ao longo deste trabalho, quando faz referência ao deleitamento do aprender, gostar e estar junto nessa aprendizagem. Por longos tempos, e até hoje, a prática da leitura ainda se mostra enfadonha e repetitiva, as crianças leem palavras, frases, textos, mas, muitas vezes não compreendem o seu sentido, decodificam os mais variados sinais gráficos, mas não conseguem entender a expressividade de cordéis, gibis, ou livros de imagens, isso decorre de um ensino que sua única função é a de garantir boas notas. Por isso, o autor chama a atenção para a união da aprendizagem e do prazer, sendo uma tarefa possível e que deva gerar grandes frutos futuros no processo do saber.

A didática do professor é essencial a esses momentos, principalmente, quando se necessita dessa intervenção como ponto de partida, o professor entra nos momentos de contação de história logo de inicio como forma de gerador da descoberta desse universo tão mágico e encantador que são as leituras, sejam elas de livros, narrações ou expressões que levem às crianças a se debruçarem ao ouvirem e/ou contarem histórias.

No dia a dia da sala de aula e da rotina do professor as crianças contam como foram seus momentos e suas experiências fora dali, assim como ouvem a de outros colegas, ou

sendo indagados pelo professor, com isso leva ao aluno ao se expressar e imaginar situações de mundo, resoluções de conflitos a sua volta, como também das suas emoções ao sentir e experimentar coisas novas. O universo infantil é cheio de tramas, vividas ou imaginadas, com ou sem regras, uma vez que as crianças muito pequenas não conseguem fazer essa distinção tão facilmente. Na utilização e seleção dos contos a serem trabalhados pelo professor é importante que tenha uma visão clara e objetiva para os pequenos.

É adentrando a escola que temos os primeiros contatos formais com a leitura, na maioria dos casos, principalmente quando isso envolve as classes sociais mais vulneráveis, a qual muitos, nem se quer tiveram ao menos um livro em casa, e seus pais e /ou responsáveis têm dificuldades em orientar seus filhos ao caminho da aprendizagem. Muitos fatores que dificultam o caminho da ponte entre, os sujeitos e os livros, precisam ser analisados.

O fator social para o acesso aos livros, ainda é bastante preocupante, apesar de existir programas de livros gratuitos, bibliotecas públicas, e outros, o ingresso ao mundo leitor é bloqueado, pois, é necessária uma mediação eficaz para que o sujeito compreenda a sua importância, como também, sinta prazer na prática. Não adianta falar que é essencial e não mostrar esses caminhos abertos.

A escola é, sem dúvidas, o espaço que de alguma forma todo e qualquer sujeito terá seus contatos com os livros e as leituras, e é nesses espaços que tecem os rumos dessa dissertação, o lugar que naturalmente se faz presente os livros e as mediações docente. Compreende-se a importância dos demais espaços formativos com as leituras, mas são espaços que deixam outras óticas, com outros objetivos diversos, sejam as bibliotecas locais, os programas de incentivos as leituras, os templos religiosos, as redes de educação privada, etc.

Trataremos então, nesse espaço de reflexão entre as leituras e literaturas e a escola pública de ensino, trazendo os debates e as análises para compreender e refletir sobre os papeis formativos da escola pública e seus acessos às leituras e mediações com os sujeitos, bem como, sua forma de mergulhar o universo leitor. Assim, conseguimos nos embasar por os muitos caminhos possíveis, sendo esses espaços possíveis ao leitor, podemos considerar que os demais também serão.

Faz-se necessário pensar na escola publica, pois é nela que está a maior parte da população que não tem acesso às leituras e aos livros, assim problematizamos nela, não somente a necessidade dos sujeitos e das classes menos favorecidas que clama por seus direitos básicos, que é a educação, como no papel plural da escola pública nesse meio de

transformação, a considerar as várias falhas que ocorrem no sistema público, como também a descrença por parte da população que nela exista qualidade no ensino. Entendemos as muitas falhas, quando observamos os declínios sofridos ao longo do tempo pela escola pública em seus índices educacionais. Como mostra Demo (2007), a exemplo, em médias de desempenho de Língua portuguesa no Ensino Médio:

> Na escola pública, a década inteira foi sempre de queda: caiu 12,4 pontos em 1997, 15 pontos em 1999, 3,6 pontos em 2001, 3,8 pontos em 2003, e 8,3 pontos em 2005. Na escola particular, também aconteceram alguns solavancos, mas recuperados depois: cresceu 10,4 pontos em 1999, caiu 12,1 pontos em 1999, avançou 3,8 pontos em 2001, mais 4,6 pontos em 2003, caindo 7,3 pontos em 2005. (Demo, 2007, p. 3).

Não somente essas médias como tantas outras e para outras disciplinas escolares, o declínio vem acontecendo, é necessário repensar as práticas cotidianas desse meio escolar, e procurar atender de fato, as aprendizagens que sejam significativas ao aluno, não está no perceber notas, mas nas dificuldades para compreender o que se está ensinando.

No exemplo acima, podemos refletir sobre essa ou outras tantas médias, a se pensar em educação pública e de qualidade que levam ao aluno e a escola ao dever de torna-lo um cidadão crítico e reflexivo, diante dos meios sociais em que vive, e produzir a mudança a ele. Essas médias são levadas em consideração a alunos ao concluem o ciclo da educação básica, mas elas poderiam ser de qualquer um nível a mostrar-se seu declínio.

Podemos analisar muitos fatores em uma breve amostragem nos índices de desenvolvimento escolar, primeiro, a suas quedas na qualidade, como nos investimentos governamentais feitos desde então, o que deixa um ponto ligado a outro. Como também, esse exemplo assim, em pesquisa realizada na área das linguagens, a Língua Portuguesa, especialmente ela que desde sempre é a "responsável" pela maior parte de leituras e textos apresentados aos sujeitos nos momentos de alfabetização, e assim segue durante o seu percurso escolar, em muitos casos, é somente nessa disciplina que os alunos têm contato as leituras de histórias infantis, contos, novelas, poemas, dramas, etc. E que considera que esse aluno foi um "leitor".

Não há chances de escolha para um futuro leitor quando é necessário que ele realize uma tarefa somente por realiza-la, sem compreende a importância do que se está fazendo e quais significados aquilo lhe traz como crescimento e amadurecimento, a forma como é entregue as leituras e os contos, já se torna aborrecido por exigir o cumprimento de uma tarefa escolar, por notas ou "para passar de ano" sem o zelo pela escolha e prazer do leitor. Faz-se

necessário observar os espaços formativos para que eles tragam a sensação direta de que o leitor é seu próprio potencial autor, de suas escolhas, de seus rumos e do seu caminhar.

Na escola podemos perceber, em seu seio, os muitos espaços capazes de transformar o gosto leitor, a sair da comodidade das leituras através de tarefas nos livros didáticos, apenas como reprodução automática de respostas, sem fundamentos para esses textos, e que não induz ao jovem leitor a experiência de mergulhar nas literaturas completas e para seu deleite. Assim podendo se fazer sozinho, ouvindo o professor, em conjunto, recontado para os colegas, como os ouvindo e reconfigurando o olhar para os enredos, como exemplo das histórias clássicas infantis, que levam suas muitas versões.

O recurso pedagógico da sedução é ponto de partida para a transformação da aprendizagem, com a leitura não será diferente, e que por intermédio inicial da ação docente que lhe mostra com encanto o ato educativo de ler, e se fazer por prazer. É preciso que esse novo leitor se familiarize com os espaços e objetos que estão disponíveis, sejam eles os livros físicos, a narração do professor, os corredores da biblioteca, a troca de ideias com os colegas. É sobre tomar consciência de o seu próprio saber e ate que ponto ele acontece.

> Há contos oferecidos a sua imaginação, a sua curiosidade, as opiniões que são trocadas ao seu redor e há os ensinamentos da escola. Se ela não estivesse inclinada a se deixar monopolizar e totalmente por cada uma de suas ideias sucessivas, com exclusão das que precediam, sua confusão e, provavelmente, seu desânimo seriam grandes diante inconciliável diversidade delas. (WALLON, 1989, p. 96).

É essencial que dos primeiros aos últimos contatos com a escola, em seu espaço físico, se construa a importância do ato da leitura, que experiencie situações e emoções através das leituras que os levem a outros espaços, a outros olhares sobre as diferentes situações cotidianas e que exigem o pensamento crítico e reflexivo desses sujeitos, sendo conscientemente responsável por cada ação social.

É imoral a utilização dos livros infantis como instrumentos para a decodificação de palavras, para unicamente a alfabetização e escolarização de crianças e jovens, a fim de copiar e transferir dados com o objetivo de cumprir deveres e "alcançar" notas escolares que o faça pensar que esse é o verdadeiro valor da aprendizagem, "para passar", "para terminar os estudos", "para ser alguém", "para conseguir um emprego", o que constantemente se ouve em nossa sociedade, como forma de mercadoria futura, sem se importar de fato com o que foi ofertado a esses alunos.

A exemplo da função do professor que, por muitas vezes ouvimos que é a de "transmitir" saber, como fosse possível, de uma forma tão "mágica" ou "cirúrgica" a

transferência de saberes, o que excluem a ação principal de cada sujeito de ser único e plural, de diversidade, a forma como aprende não ser igual, assim como o tempo que leva a alcançar esses saberes. A autora Rubina (2015, p. 215) "a escola tem tentado se apropriar do contar e ouvir histórias formatando-o dentro dos preceitos escolares que visam a legitimação de um conteúdo, ainda muito fragmentado e cristalizado ao longo do tempo" Reconhecendo, portanto que a escola utiliza-se dessas ações para seu cumprimento das disciplinas escolares.

O trabalho com as leituras nas escolas acontecem diariamente, essa temática é recorrentemente discutida no meio docente, e sua importância é explicita em todos os documentos oficiais que regem a educação, o valor é claro, mas a forma como é ofertada ainda é falha, pois ela é mecânica, não estimula, não seduz, não chama a atenção para querer mais, não é convidativa, assim, não é capaz trazer o aluno para perto, ela afasta. É comum encontrarmos crianças no ciclo da alfabetização que antes até gostavam das leituras, mas hoje não mais, em decorrência da escolarização da leitura, do aprisionamento do pensamento.

É tão mensurável a utilização das leituras infantis como forma de alfabetizar os pequenos leitores que essas ações acabam que fazendo um caminho reverso à proposta de unir o gosto prazer pela leitura e a decodificação das palavras, não atribuem conhecimentos, apenas afasta. Como corrobora Arena (2009):

> São tantas as práticas do leitor diante da escrita, tantas as funções, diferentes as estruturas, entretanto o nome consensual contemporâneo para esse ato é um só: leitura. Essa generalização traz alguns problemas de natureza pedagógica, pois encaminha o professor para ensinar, deliberadamente, uma única prática de leitura, a de vocalizar os sons, em vez de ensinar as práticas, suas funções e sua estrutura específica. (ARENA, 2009, p. 11).

O tratamento com as leituras ainda nesse formato revela que a preocupação está diretamente ligada com a decodificação de sinais gráficos, e tão pouco com a forma futura que os sujeitos se utilizarão dos benefícios e prazeres ocasionados por leituras de sentidos, de reconfiguração de lugares e espaços, de posicionamento social, de autonomia e de construção dos papeis sociais.

É preciso colocar sentido e sentimento no ato com as leituras, sentido para que de forma leve e como consequência da aprendizagem, as crianças e jovens consigam decodificar os sinais, as imagens, associar ao real, deitar no imaginário e compreender os demais conteúdos escolares como também, a cultura do seu lugar e todos os que vieram antes e estão a vir depois. E colocar sentimento, para compreender o motivo de suas ações, das alegrias, das

tristezas, das frustrações, do sucesso e do fracasso, para mergulhar a fundo nas suas intimidades e nas relações com os outros.

Acrescentando ao pensamento de Arena (2009) ao dizer que:

> [...] se colocam em prática atitudes do ato de ler que indiquem para a criança intenção clara que ler é a ação de atribuir sentido por meio de sinais gráficos, em situações elaboradas pela cultura humana. Essas atitudes, constituindo do entorno, são vitais para a formação do leitor e são desenvolvidas com os gêneros enunciativos porque são as relações culturais que orientam os modos de ler, ensinar a ler é ensinar as próprias práticas sociais e culturais que exigem o domínio desse sistema. (ARENA, 2009ª, p. 5).

A ação da leitura ultrapassa as perguntas de compreensão de texto que costumamos ouvir ao concluir uma leitura, ela está restrita a pergunta sobre o nome do personagem, narrador do texto, situação vivida pelas personagens e moral da historia, não fazendo sentido até mesmo para alfabetização. É preciso parar e ouvir com atenção o comportamento do aluno ao longo da contação de histórias e até mesmo após seu final, como no decorrer da história, e como ele se posiciona sobre as situações e querer ouvir mais, assim como fazer a leitura por si só, leitura é compreensão.

Compreendemos as lacunas deixadas por parte das famílias na ação de motivação a leitura, aos espaços não escolares, aos sujeitos que não tiveram acesso às letras e outros, mas levantamos aqui a busca incessante pelo espaço escolar oportunizar que cada individuo possa, de forma prazerosa, e em algum momento da sua escolarização, se fazer presente no universo literário, que possa sentir o prazer em contar e ouvir uma história, que possa criar e recriar as situações que nela são vividas, que esses espaços se façam presente, sejam abrigos nos dias mais escuros e seja morada da felicidade.

É preciso que a escola, por mais difícil e distante que seja, derrube barreiras, quebre os muros que não permitem a visualização dos horizontes, para que os sujeitos possam sentir as possibilidades na sua vida, enquanto criança e adulto, principalmente ao universo infantil, esse está carregado de processos criativos e afetivos, aberto às descobertas, e precisamos justamente nesse espaço promover as ações educativas e transformadoras.

Além do fator educativo que se espera dos espaços escolares, o que já proporciona a construção de saberes, mas em seguida temos o fator de que, é nesses espaços que acontecem as interações. E ela é fator importante para a troca de saberes, assim, ampliando seu repertório. Como diz Carvalho (1988): “Interação social é influencia ou regulação recíproca, ou seja, cada um, é diferente, pelo fato de se dar com o outro, do que seria isoladamente; não se explica pelo que cada um é (ou faz), mas por seus efeitos recíprocos”.

São através das situações de interação e compartilhamento que se agrega sentidos as aprendizagens advindas daqueles espaços, se modulando conforme as necessidades de cada um para a construção de significados aos conhecimentos escolares. Há muitas formas de compartilhar situações para proporcionar saberes, sejam eles: nas brincadeiras, nos compartilhamentos de objetos, na escuta ao outro, e nos momentos de leituras. Os aspectos de interação são múltiplos, seja no cognitivo, como no afetivo ou social, e as crianças ao adentrarem a escola estão no seu principal meio de interação e compartilhamento, depois do seio familiar.

Diante disso, o papel da escola se torna o alvo mais direto na ação de promoção leitora, pois nela, podem-se perceber similares nas práticas pedagógicas, o que seria diferente ao analisar o ambiente familiar, que viria carregado de particularidades, e dificilmente existiria um "modelo" a ser seguido, sabem-se formas de interação com os livros que podem ser reproduzidas nesse meio que ajudará essa ação, mas seria o "modelo" escolar a atingir maior compreensão por parte da sociedade, sendo que constantemente os profissionais da educação estão em evolução formativa para construir as vias ao ato leitor.

Na Educação Infantil, esses processos não são diferentes, primeiro que antes tínhamos na Educação Infantil um modelo assistencialista, que as famílias mais pobres precisavam sair para o trabalho, homens e mulheres, precisavam deixar seus filhos, e buscavam ao finalizar suas obrigações, sem o comprometimento com os saberes formais, algumas coisas mudaram e logo reconhecemos, em partes, sua importância, pois, ainda temos distorções resistências sobre a Educação Infantil ser necessariamente uma preparação para o Ensino Fundamental.

Desconsiderando que a criança não seja um ser completo, como se ao longo dos anos escolares fosse completando as peças, como um quebra-cabeça, despreparado, precisando de moldes para sua completude, e que a Educação Infantil não trouxesse condições plenas de desenvolvimento infantil. Afirmando Oliveira (2007) sobre essa etapa quando diz que:

> A instituição de Educação Infantil pode atuar, sim, como agente de transformação de conhecimentos elaborados pelo conjunto das relações sociais presentes em determinado momento histórico. Todavia, isso deve ser feito na vivência cotidiana com parceiros, significativos, quando modos de expressar sentimentos em situações particulares, de recordar, de interpretar uma história, de compreender um fenômeno da natureza transmite à criança novas maneiras de ler o mundo e a si mesma. (OLIVEIRA, 2007, p. 46).

É preciso pensar a Educação Infantil como etapa particular na vida dos sujeitos, ela é única nas suas características e singularidades, não está ligada a uma preparação, pois

ninguém é apenas metade, as crianças que estão vivendo esse momento-espaço, estão entregues a suas descobertas, sonhos e brincadeiras, envolve narrativas específicas de uma faixa etária que não será reproduzida depois, em formato melhorado, o momento vivido é exclusivo e necessário.

A educação Infantil, como as demais etapas da educação básica, é fundamental a noção de sua dimensão, cada uma delas em seus contextos específicos, e necessários a serem cursados. Todas essas etapas contribuem com a formação da cidadania dos sujeitos. É nos espaços escolares que, inicialmente, se promove interação, socialização e compartilhamentos de ideias, com os sujeitos semelhantes as suas faixas etárias, interesse específicos, curiosidade e descobertas.

A escola é; espaço de transformação, mas ela espera que esses sujeitos, que se fazem presente, a transforme, para que somente assim, ela se faça também. É via de mão dupla, uma não consegue se modificar sozinha, parada, sem estímulos, sem ações. Precisamos da formação plena de agentes que transformem as estruturas, questionem o que está sendo repassado, faça parte de todo o processo do inicio ao fim.

2.2 O doce e o aroma da pré-escola

Muitas discussões em torno da fase da pré-escola podem ser encontradas diante de algumas buscas nos bancos de dados das pesquisas acadêmicas, entre os fatores pesquisados e contados podemos citar:[22]as creches e as pré-escolas, as expressões corporais na pré-escola, a pré-escola e o assistencialismo, avaliação na pré-escola, a educação pré-escolar brasileira, trabalhos em projetos no pré-escolar etc. Porém esse número reduz rapidamente quando associado à formação do leitor para o deleite infantil, essas mesmas pesquisas apontam a formação de leitura para o preparo na chegada do Ensino Fundamental, para a alfabetização, não a para formação integral da criança.

Muito além de saber as letras, sílabas ou fonemas, é preciso primeiro dá chances da criança se descobrir, das suas brincadeiras com desafios, das artes, do equilíbrio físico e motor, da autonomia para comer, andar e se vestir sozinho, de conversar com um adulto sobre aquilo que lhe incomoda, como também aquilo que lhe dá prazer, o que gostou de aprender e das surpresas sobre o que antes não sabia.

[22] Busca rápida nos periódicos da CAPES, para utilizarem-se como exemplo as pesquisas encontradas com essa referida temática. Busca realizada em 17/03/2021.

E os caminhos seguidos para oportunizar a descobertas entre as crianças são muitos, enquanto escola, e enquanto pesquisa, citamos as leituras, o acesso aos livros, ao liberar a imaginação para poder voar em cada conto, para se imaginar o reconto, o que nasceu da sua criação ao ouvir ou ler uma historinha, seja ela na voz da professora ou pelas imagens nos livros, mas o que importa é o presenciar nos momentos e em cada canto literário.

Na pré-escola é possível experenciar as crianças o contato com as letras, com os números e com as junções da linguagem e escrita, mas é possível também, dentro desses processos a inclusão constante da imaginação infantil e o universo leitor para percepções de criações, para descobrir as aprendizagens de forma leve e significativa.

Durante muitos anos as creches e pré-escolas eram vistas como modelos assistencialistas às famílias que precisavam de todos os seus membros nos trabalhos e não tinham onde e nem com quem deixar seus filhos, não se sabia qual era a importância de deixa-los em um espaço para o saber, já que não se reconheciam como ser aprendentes, a criança vez na antiguidade era incapaz de pensar ou se expressar e segundo Belloni (2009, p. 121) a ideia predominante nesse tempo era de que a criança era "um ser em formação, incompleto, o futuro homem presente no homenzinho". Não se reconhecia características próprias de uma criança, mas de uma construção futura de um sujeito.

À medida que o tempo foi passando, com o avanço da racionalidade moderna, da ciência e das pesquisas no âmbito educacional, e que a necessidade das creches e pré-escolas foram aumentando, as famílias precisavam deixa-las para ganhar seus sustentos, os movimentos voltados para esses espaços foram ganhando visão de escolarização, de fazer com que esses pequenos sujeitos começassem a compreender a sociedade industrial, e a gerar sempre mais lucros, quanto antes se formassem mais "mãos de obra". Diante desse cenário foi se construindo a então Educação Infantil, e voltar os olhos com mais cuidado para essa etapa escolar.

Por muitas vezes não compreender o intuito da Educação Infantil, as famílias e sociedade consideraram e ainda boa parte consideram essa etapa como antecedente ao ingresso no Ensino Fundamental, motivo de orgulho para muitas famílias quando essas crianças são escolarizadas e desde ali já estão alfabetizadas, com isso também a pressão por parte dessas famílias para que anteceda esse momento da decodificação dos sinais gráficos, já conseguindo ler e escrever, inclusive com as letras cursivas, sendo considerada uma maestria ao desenvolvimento infantil na escola.

É preciso compreender que nessa fase as crianças aprendem, antes de tudo, a socializar, a estar com outras crianças, ir ao banheiro, se alimentar, se vestir, se expressar inclusive nos momentos de raiva ou tristeza, falar sobre seus sentimentos, se posicionar desde cedo sobre suas opiniões, à resolução de desafios enfrentados em seu dia a dia, os cuidados com a saúde, entre tantas outras aprendizagens experenciadas por esses momentos. É construir os meios sociais ao qual a criança se encontra e faz parte. A partir disso enfatizamos com as palavras de Baptista (2010) quando diz que:

> Creches e pré-escolas devem e podem realizar um trabalho de imersão da criança no mundo literário, superando uma visão institucional, pragmática, e escolarizante da literatura infantil. A escolha dos textos literários é uma condição importante para que esse trabalho contribua para o desenvolvimento literário. (BAPTISTA, 2010, p. 8)

Transformar esses momentos literários para a formação do desenvolvimento da criança, atrelada ao prazer nas literaturas ao ponto de ser uma brincadeira, brincar com o imaginário infantil, e que essas tarefas se transformem não somente em formação escolar na vida de um individuo como também na forma humana entre os sujeitos.

Oportunizar para que as crianças possam ter acesso aos livros nos diferentes espaços da Educação Infantil, manipulá-los mesmo que ainda não realizem as leituras dos sinais gráficos, pois a leitura está além, são nas imagens, nas vozes dos professores, no ouvir os demais colegas, na interação por diferentes meios.

Para abordagem do currículo na Educação Infantil, apesar das muitas pesquisas, elas ainda são novas, desde a necessidade de crianças muito pequenas e bebês no ingresso a esse espaço, como a compreensão no ensino-aprendizagem dessa etapa escolar. Acerca desse currículo na Educação Infantil para primeiras concepções trabalhadas temos o respaldo do DCNEI no art. 3º:

> É concebido como um conjunto de práticas que buscam articular as experiências e os saberes das crianças com os conhecimentos que fazem parte do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico, de modo a promover o desenvolvimento integral de crianças de 0 a 5 anos de idade (BRASIL, 2009, p. 1).

Que estabelece os parâmetros fundamentais do exercício na Educação Infantil e eleva a sua dada importância no desenvolvimento das crianças na faixa etária de 0 a 5 anos de idade. O desafio de atribuir a Educação Infantil a relevância de sua formação ainda é elevado, as dúvidas sobre sua necessidade é por vezes questionada pelas famílias que deixam suas crianças nesse espaço.

Não é necessária a separação de tempos, de idade, ou de etapa escolar para o favorecimento com a leitura, embora muitas escolas de Educação Infantil se utilizem de espaços programados para que elas aconteçam principalmente nesse período, que precisa se fazer presente o contato com os livros, contos, leituras e literaturas. Como ressalta Kishimoto (2013):

> A passagem do brincar para o letramento, que é um processo individual, diferente para cada criança, remete para a necessidade de oferecer, ao mesmo tempo, o brincar livre e o dirigido, com mediações do ambiente, com materiais, brinquedos e cenários para que cada criança possa utilizar sua liberdade de ação, utilizar sua agência, seu controle interno em conjunto com mediações culturais para efetuar essa passagem. (Kishimoto, 2013, p. 36).

A ação precisa ser mediada e não controlada, cada criança no seu espaço e tempo para aprender com liberdade da descoberta e de sentir seguro e confiante para interagir com espaço e tudo que o cerca. Utilizando-se dos mecanismos da ação pedagógica para a construção da aprendizagem, elementos essenciais para o desenvolvimento da linguagem oral e escrita, do raciocino lógico-matemático, da motricidade e da confiança consigo mesmo.

Essas ações não excluem ou desmerecem as ações dos momentos de roda, esperar sua vez, ouvir o outro colega, ou sentar e observar uma explicação do professor mediador, como também das rotinas já estabelecidas pela turma, é preciso que a criança compreenda todas essas ações e a importância delas para o funcionamento da turma como em um conjunto social.

Diante do papel da escola para a formação profissional e social de um sujeito, encontramos em cada uma das diferentes etapas de ensino a atribuição de enfatizar no aluno a sua autoformação que possibilita entre tantas: confiança, estimulo, imaginação, e experiências sociais, encontrando nas literaturas os métodos capazes de destacar esses ensinos. Como acrescenta Kramer (1985):

> Se as atividades realizadas na pré-escola e na escola enriquecem as experiências infantis e possuem um significado real para a vida das crianças, elas podem favorecer o processo de alfabetização, quer no nível do reconhecimento e representação dos objetos e das suas vivências, quer a nível da expressão de seus pensamentos e afetos (KRAMER 1985, p. 104).

É a promoção das aprendizagens de maneira indissociável entre os saberes que a criança irá adentrar no mundo da fala e da escrita, atrelados as suas experiências no brincar, interagir, calar, sentar, movimentar, traçar as rotas da própria formação humana.

Os currículos entre cada faixa de ensino estão entrelaçados, um mediando o outro, não há uma separação de tempo na escola que um é mais importante, mas relevante em suas necessidades, e as atividades abordadas na Educação Infantil também destacam para a continuidade no mundo da escrita e da fala, para a passagem ao Ensino Fundamental, sem perder as aprendizagens advindas da Educação Infantil para o seu desenvolvimento humano.

Criticas acerca dos currículos de Educação Infantil nas suas primeiras etapas e algumas hoje ainda reproduzidas, eram decorrentes de mecanismos de aprendizagem falha, que usava de repetições e cópias que insiste em apenas sentar e ouvir o professor e transcrever tarefas, modificar as letras escritas no papel e outras. Como também na fala de Kramer (1985)

> Ao se criticar o tipo de preparação dada na pré-escola, se criticava, na verdade, a forma treinadora e repetitiva com que a alfabetização era feita. Só que ao invés de se pensar outra estratégia para desenvolver a alfabetização na pré-escola, acabou-se por condenar a própria validade de alfabetizar (KRAMER 1985, p. 104).

As aprendizagens advindas desde a Educação Infantil são referências para os demais ciclos, mas que ela não seja tão somente uma preparação para a próxima fase de ensino, mas que contemple as aprendizagens essenciais para essa faixa etária, e que esse momento é fundamental para as relações de competências sociais, psíquicas e motoras da criança.

2.3 Ouvir e contar em detalhes: Criança, escuta e imaginação

> Todo artista invade e deixa-se invadir por sua infância, que pode ter diversas idades. A palavra infância tem muitas estações subjetivas, tal qual um rádio. Numa estação ouve-se uma sintonia, noutra, uma cantiga de roda. O fato de ligar-se o rádio sugere uma busca de prazer. Nós nos sintonizamos numa energia que faz parte vibrante do universo. A arte é mágica, bruxenta, esotérica, maravilhosa, nela existem o recreio, o faz de conta, a serenidade, o folguedo e a crença. Há infinitos caminhos a seguir, a escolha é do nosso livre arbítrio.
> SYLVIA ORTHOF.

Nas palavras da autora Sylvia Orthof, encontramos as traduções de seus sentimentos a exemplos do cotidiano, ao viver e ouvir os sons de rádio conecta as lembranças de sua infância para o seu saber, o saber de mundo, que lhes proporcionam sensações a cada toque e escuta. Entre o imaginário e real, passeia levemente pelos anos de sua vida e vai vivendo e compreendendo os sentidos do viver, e foi através desses meios de possibilidades encontradas pela autora que foi capaz de emprestar o seu devaneio para a produção da literatura infantil, tão mensurada até hoje.

Contar uma história, é viver um momento, é sentir outras vidas, é dar assas a imaginação, ela é ilimitada, pode ser feita da forma que cada um gosta de ouvir e sentir as emoções. É constante na nossa sociedade a prática de acompanharmos narração de histórias, entrarmos momentos de contos que nos tiram o fôlego, em razão de tecnologias digitais. Crianças costumam ouvir de seus pais, enredos que te façam pegar ao sono, para relaxar, para ensinar-lhes moral, etc...

É notório que desde sempre se contou histórias, elas nunca terminaram, ou ficaram para traz, nem se sabe ao certo quando começou a prática da contação de histórias, muitas ganharam novos formatos, nas telas, nas revistas, na internet, ficaram mais criativas, ganham enredos diferentes dos que sempre costumamos ouvir, repassamos para os amigos, ouvimos deles uma nova versão. Todos gostam de alguma forma de ouvir um conto. Não é diferente quando falamos em aprender e ensinar algo através de histórias.

Na escola, conduz-se a prática da contação de histórias com os objetivos da aprendizagem de conteúdos, na alfabetização de crianças pequenas, no entendimento da literatura, na junção do ensino entre as disciplinas. É necessário, mas é preciso também, avaliar a forma como esses contos chegam a cada faixa etária, tratar a contação de histórias, com a finalidade de cumprir tarefas reprodutivas, copiadas, é levar a prática ao insucesso escolar e leitor.

Na educação Infantil, é recorrente a contação de histórias, pois é preciso proporcionar os estímulos diante do seu imaginário, uma tarefa não tão complicada às crianças, em razão de que especialmente essa faixa etária, da Educação Infantil, as crianças muito pequenas e os bebês recebem estímulos em todas as ações, pelo fato de que são momentos de descobertas constantes, são as experiências de mundo que vão se construindo no caminho.

É na relação com mundo e com outros que se constrói sentido, e nessa relação envolve, brincadeiras, músicas, danças, conversas, jogos e os contos. A criança é movida pelos estímulos colocados em diversas situações que as conduza a aprendizagem. E todos eles são essenciais ao desenvolvimento infantil.

A brincadeira, como exemplo, é uma atividade infantil carregada de sentidas, pois direcionam as crianças para práticas sociais de relacionamento e compreensão das atividades humanas de forma lúdica e prazerosa, nesses momentos, elas aprendem a interagir e se relacionar com os seus semelhantes, experienciam situações-problema de cotidiano, como também de sentimentos. Durante as brincadeiras, o momento de faz de conta contribui para a aquisição de conhecimentos nos momentos de partilha.

A partir do pensamento de Dornelles (2001):

> Aos poucos, os jogos e brincadeiras vão possibilitando às crianças a experiência de buscar coerência e lógica nas suas ações governando a si e ao outro. Elas passam a pensar sobre suas ações nas brincadeiras, sobre o que falam e sentem, não só para que os outros possam compreendê-las, mas também para que continuem participando das brincadeiras. (DORNELLES, 2001, p. 105).

Assim, como o trabalhar é importante para os adultos, à brincadeira é para as crianças semelhante, é necessário, o trabalho nesses momentos para a relação com o social, afetivo e psíquico, por meio de dinâmicas pensadas a cada público-alvo que se instigam as descobertas e a inserção ao seu ciclo social, cultural e político.

Explorar por meio das relações infantis compartilhamentos, experiências e descobertas, modo de se relacionar e compreender o outro e a si mesmo, tende a adquirir as habilidades e competências necessárias para o seu desenvolvimento humano pleno. Com base em Rau (2011):

> Interações educativas que estabelecem capacidades que às crianças poderão desenvolver como impulso lúdico já nos primeiros meses de vida, na forma do chamado jogo de exercícios sensório-motor, do segundo ao sexto ano de vida, esse impulso lúdico predomina sob a forma de jogo simbólico para se manifestar, a partir da etapa seguinte, através da prática do jogo de regras. (RAU, 2011, p. 90).

A criança desenvolve sentidos e sentimentos através dessas interações sociais e com os símbolos que lhes são apresentados como representação de características reais para a formação humana, é nos jogos de faz de conta, de família, de escola, de casinha que vai aos poucos se moldando para o entendimento dos afazeres existentes. Nessas transições ocorrem as manifestações do desenvolvimento para a vida adulta e suas passagens pelos conflitos que os cercam, sejam eles: medos, angustias, superações e transformações.

Partindo desse principio, que é necessário às crianças nessas fases de descobertas, além das interações já citadas anteriormente, como: a aquisição dos jogos, dos momentos de ludicidade e dos diversos tempos experienciados na Educação Infantil, podemos citar os momentos de deleite com as leituras literárias, quando leem, falam, ouvem, e reproduzem, histórias, sejam elas através dos livros físicos, digitais, do conto imaginado, da leitura em voz alta, do coleguinha que está a imaginar o conto e da reprodução dessas crianças ao ouvirem e recriarem sua própria versão.

Nesse momento da pesquisa trazemos então, a importância de ouvir, contar e recontar os contos infantis, e as concepções das crianças ao compreenderem o universo leitor, como também fazer parte dele. Entre os estudos feitos pela autora embasados nas escritas dos teóricos estudados até aqui, que relacionam o imaginário à construção de significados feitos

pelas crianças em sala de aula da Educação Infantil, e como interligam com toda a formação humana.

Não deixamos especificado aqui nenhum autor de obra infantil, dinâmica utilizada pelo professor para a entrada às literaturas, espaços específicos da escola ou os momentos com as leituras, é de livre saber do educador, os momentos e estratégias utilizadas para introduzir as crianças ao contato com as leituras. É evidenciado que, toda ocasião é válida, assim, o profissional que a faça, conheça os recursos e as estratégias de leituras e reconheça a importância de se fazer na rotina escolar, que aflore as sensações de prazer para oportunizar as diversas formas de aprender.

Toda pessoa tem o potencial a ser um contador de histórias, pois a ela é dado à ação da palavra, que se comunica, se expressa, traduz na voz do outro, e quem ouve, recria. Quando falamos de profissionais da educação, mais especificamente professores, sabemos que esses, carregam a dom da palavra para que atinja a quem o ouve, estão em constante circunstancias que os façam falar para se comunicar com outro e fazer com que está a falar seja entendido e que carregue significados em suas palavras. No trabalho com crianças se torna ainda mais viável que esses profissionais se mantenham em ação narradora a contar histórias, cujas são de interesses de toda comunidade acadêmica.

Quando não temos o domínio da palavra falada, enquanto os bebês ou crianças muito pequenas, temos a noção de escuta, a mãe ao balançar seu filho no colo o envolve no diálogo rotineiro de seus desejos para o futuro e lhes transmite experiências sociais e culturais das quais irão fazer parte da sua vida. Como Benjamim (1993) denomina esse narrador de "artesão da palavra", a pessoa que mesmo sem qualquer formação acadêmica, mas com a formação humana transcende ao outro a sua voz, para dá asas ao imaginário, e possibilitar na escuta a construção dos sentidos.

É significativo ao ser humano ouvir narrativas de contos, sejam eles orais ou não, para a noção do saber, para se expressar, sentir e sentir da voz do outro que escuta. A troca de saberes repassados pela humanidade é histórica, pois sempre se ouviu histórias e essa era a forma como antes das tecnologias digitais eram propagados os ensinamentos em todas suas esferas sociais.

Mas além das trocas de saberes, experiências e vivencias humanas, as narrativas também eram base para a manifestação da fantasia criada por cada pessoa ou grupo por meio dos contos, nos momentos de relaxamento, de diversão. Como menciona Goulart (2003):

A linguagem está onde o homem está, pela necessidade de interagir, trocar, de

> comunicar. Somos seres linguageiros. As narrativas, principalmente, marcam a história da humanidade, possibilitando que cada nova geração conheça a história e as histórias das outras gerações que a antecedem. Orais e escritas, as narrativas compõem um acervo de conhecimentos rico e culturalmente diverso. (GORLART, 2003, p.10).

Faz-se necessário a memória humana e sua construção, a narração dos acontecimentos vividos e transcendidos pelas gerações, o modo particular da palavra, e da contação de visão do mundo de cada sujeito, das particularidades que foram vistas e estar a serem ouvidas. A memória nos é falha, é claro, ela pode e deve sofrer mudanças dos tempos e momentos para o esquecimento de como de fato aconteceu. O que não permite que se tire o crédito da narração. Ela é mutável, mas é mutável a quem a conta do que foi vivido, e recontado por quem foi ouvido.

Para a infância esses momentos de narrativas são ainda mais necessários à formação, mas precisa está envolvido no contexto infantil, falar a linguagem da criança, pura, criativa, e cheias de encantos, é o momento de o ouvinte transitar na trama e nos desfechos das histórias, uma vez os contos enriquecem o imaginário infantil, Reyes (2010, p 14) reforça que os contatos com as leituras promovem "nutrição cognitiva e emocional". Fazendo com que se expressem e participem de tudo a sua volta.

É preciso oportunizar nas crianças experiências em que elas passeiem através das literaturas livres e sem a necessidade de cumprir tarefas escolares para a repetição, essas experiências tanto no âmbito familiar como no escolar, para que elas consigam estabelecer ligações mais profundas tantos entre as outras crianças como com os adultos, e o elo de afetos.

Fundamentando com Patte (2012):

> Sem afetação nem condescendência da nossa parte, nossas experiências se juntam e se enriquecem. A dela é a do recém-chegado ao mundo que nos conta à sua maneira, com ingenuidade e intensidade, o quanto saboreia as pequenas coisas. Do mundo que descobre, ela quer provar todos os detalhes por ínfimos que sejam aos nossos olhos. Nossas experiências de adultos, sentinelas e barqueiros, encontra, ao lado dos pequeninos, o frescor e a força dos sentimentos da infância nas perguntas essenciais que eles se fazem, seus espantos e deslumbramentos. Existe ali um encontro ao mesmo tempo intimo e pudico: vivem na história do outro, e este é como para esses leitores miúdos, mesmo que se lhes apresente escondido sob a aparência de um urso, um gorila, uma rã ou uma simples mancha colorida. (PATTE, 2012, p. 118).

Em conformidade com as palavras do autor atestamos que é desde a infância que os primeiros contatos são simbologias para a construção do social em cada indivíduo, o florar dos aguçamentos de muitas sensações vividas e experimentadas durante toda vida.

Recordando sua infância o gosto prazeroso das descobertas. Um processo do leitor e do seu mais íntimo sentimento.

Toda história, seja ela de uma literatura infantil propriamente ou inventada, naquele instante é um convite a uma viagem para outros lugares, algo que sempre imaginamos viver ou experenciar, ou até mesmo um retorno a um espaço de que tanto gostamos de estar. Contar histórias é tão sensível que elas podem ter cheiro e cor, ano e espaço, é relembrar de algo que amou viver. É entregar-se

Gostamos de reinventar, de criar, é nativo do ser humano, está em seu intimo prazer, quando alguma prática, independente de qual seja ela, quando repetitiva nos desmotiva, pois não mais compreender como algo que está sendo criado, com inicio, meio e fim, ou como novos capítulos. Podemos exemplificar esses momentos em diversas ações do dia a dia, seja na prática de exercícios físicos ou no trabalho para o sustento, é enfadonho e nos desgasta.

É preciso fazer sentido, e também sentir, é no instigar que preenchemos essas sensações, Edgar Morin (2003) firma que "os saberes não devem assassinar a curiosidade [...] É isso que preenche a vida".

2.4 Conto, reconto e reinvento

> *Palavra puxa palavra, uma ideia traz outra, e assim se faz um livro, um governo, ou uma revolução; alguns dizem que mesmo assim é que a natureza compôs as suas espécies.*
> *MACHADO DE ASSIS*

Nas palavras de Machado de Assis podemos compreender que elas vão além de sinais gráficos, é uma interação entre quem lê o que é lido, incluindo todas as sensações para as suas transformações, do ser humano, como da natureza.

Não é de hoje que temos pesquisas no âmbito da importância das leituras e literaturas para a aprendizagem. Sabemos que quando elas se entrelaçam e alcançam o conhecimento, como, quando proporcionada com leveza, traz prazer e satisfação, e isso leva o ensino a níveis elevados na vida de um individuo. A criança após esse processo, quando adulto, transforma essa etapa mais suscetível ao sucesso durante toda sua vida, mas o que ainda não conseguimos compreender é em qual – ou quais momentos – isso acaba se perdendo nas práticas de escolarização, e quando essas ações através das leituras causam períodos exaustivos, enfadonhos e nada satisfatórios.

É impossível imaginar uma escola sem leitura, então estamos falando de dois pontos de extrema conexão, que as leituras são o ponto de partida. É constante perceber que a escola trata desses momentos como o suporte para o ensino-aprendizagem, é através das leituras que se estabelece uma analogia com todos os demais campos do saber e como passam a fazer sentido para os sujeitos quando compreendem, em especial, para as crianças que estão em descobertas. Mas ao invés das leituras trazerem um sistema libertador, para a prática social, cultural, histórica, e política passa a ser um mero repetidor de tarefas e afazeres escolares.

O processo de escolarização das leituras altera seu real objetivo que é o da formação de seres críticos socialmente para o detrimento de uma "obrigação escolar", por notas, por cumprir tarefas sem questionamentos e reflexões acerca dos assuntos estudados, confundindo o papel da escola como unicamente executar tarefas prontas. A desconexão com as leituras acontecem quando elas são consumidas sem objetivos concretos e com meras repetições de palavras, frases e textos.

O tratamento com as leituras e literaturas deve ser pensado para a compreensão dos sujeitos críticos, de seus mundos, de outros mundos, de suas práticas sociais e com os seus semelhantes, como na transformação de seus tempos e de se enxergar capaz de modificar os espaços, corroborando com a ideia de Britto (in: EVANGELISTA E BRANDÃO, 1988:84) quando diz que "a leitura tem de ser pensada não apenas como procedimento cognitivo ou afetivo, mas principalmente como ação cultural historicamente constituída".

A utilização das obras literárias em sala de aula tem teor de execução de tarefas de descrição de seus conteúdos, que são: os autores; nome da obra; falas dos personagens e detalhes de pontuação e acentuação dos textos, nada além das transcrições e memorização daquilo que foi lido, ele logo será esquecido. O trabalho com esses textos é levado com a finalidade de efetivação de ocupações.

O livro didático também se tornou um aliado na escolarização das leituras para cumprimento de funções em disciplinas escolares, como é exemplo; Língua portuguesa abordando seus gêneros textuais, as leituras ali presentes já são colocadas como as leituras por suficiente para a criança, impedindo um crescimento leitor-crítico de demais obras e por diferentes finalidades.

Na perspectiva de Kleiman; Moraes (1996, p. 66): "o livro didático, quando usado como única fonte de conhecimento na sala de aula, favorece a apreensão fragmentada do material, a memorização de fatos desconexos e valida a concepção de que há apenas uma

leitura legítima para o texto" contribuindo assim para o desprazer no ato da leitura como no da alfabetização.

Todos os materiais pedagógicos utilizados atualmente em sala de aula são de extrema importância, mas nenhum deles funciona sozinho, é necessário aliar demais ferramentas para a promoção da autonomia, da psique, do social e do formativo da criança, para que ela consiga fazer relação ao seu potencial educativo, entre tantos esses aspectos precisam ser sensíveis à linguagem infantil, e não somente para um a formação escolarizada.

Temáticas abordadas através das literaturas infantis permitem falar e ouvir os pequenos contadores as suas tramas de vidas, dentro das histórias cabem muitas outras, através delas é possível adentrar assuntos dos mais variados contextos sociais e desafios, como: o luto, as desigualdades, o amor, mas também a ira, o sucesso e fracasso, as trapaças, a fantasia e a realidade, descobrir amigos e companheiros de viagens sem fim.

Introduzir-se no ato imaginário é algo que acompanha o ser humano desde o seu nascimento, tudo que o cerca faz parte da sua interação consigo mesmo e com o meio em que está inserido.

> Tudo começa pela audição. Depois vão surgindo outras maneiras de ler e de interagir com as palavras (...) esse bebê já pode sentar e olhar algo além do rosto dos adultos. A página do livro nasce diante de seus olhos. Ele, então, interage com a mancha de texto, com as ilustrações, com o papel. É quando surge o que chamo de triangulo amoroso. A criança está sentada no colo de alguém que ama, posicionada entre o livro e o corpo desse adulto. O bebê enxerga o livro, mas a leitura é guiada pela voz do outro. Pelo mesmo som que ele já conhece. É um outro momento. Pouco a pouco, surgem mais palavras, mais imagens e a narrativa caminha cada vez mais para longe. (REYES, 2018).

Não existem livros exclusivos para crianças e livros exclusivos para adultos, há diversas abordagens que adultos dificilmente entenderia em literatura destinada à infância, ou "complexidades" nas tramas literárias destinadas a adultos que seriam facilmente desbravadas por uma criança. Ler está além de qualquer fator e todos, de alguma forma, leem o mundo, é a curiosidade nata de um sujeito, mais ainda em uma criança que desvenda o afora.

Tratamos nesse capítulo dos conceitos de leitura e literatura e como se destina nas salas de aula da Educação Infantil às crianças, como trata seu oferecimento, e como está intimamente ligada ao ciclo educacional e formação humana em cada sujeito. Assim, como cada autor estudado durante a pesquisa corrobora com ideias na construção do pequeno leitor.

Falar sobre leitura e literatura, principalmente voltadas para a infância é imergir-se muito além das teorias e práticas escolares, é ter sensibilidade a cada conto lido, ouvido e

reproduzido nas vozes tanto de adultos como de crianças para promover a aprendizagem com leveza e dar sentimento ao que foi reproduzido, colocar vida nos personagens, nas viagens e aventuras, como também nas desventuras, quando necessário.

Mas afinal, o que é leitura? O que é literatura? O que se faz quando se diz fazer leitura ou literatura? As respostas são múltiplas, nas palavras dos pesquisadores do assunto, cada um carrega sua definição, que não é acabada, mas que traz menções quanto seu valor educacional e formativo, do latim *"littera"* significa "a arte de escrever" ou o conjunto de habilidade de ler e escrever, podendo ser considerada uma arte, o que de fato é[23].

O poeta, considerado um artista, pois se utiliza da arte de escrever e encantar o leitor a cada novo conto, brinca com as palavras, e nessa brincadeira emana experiências que talvez jamais pudessem ser vividas por um sujeito durante toda sua jornada terrestre, que pudesse vir a ter, ele traduz em palavras outras vidas, outros mundos, outros tantos sentimentos. É a arte de fazer literatura, muito além de textos. Nas palavras de Moisés (2012):

> A literatura constitui uma forma de conhecer o mundo e os seres humanos convicta de ser acionada por uma "missão", ela colabora para o desvendamento daquilo que todos nós, conscientemente ou não, perseguimos durante a existência. E, portanto, se a vida de cada um correspondente a um esforço persistente de conhecimento, superação e libertação, à Literatura cabe um lugar de relevo, como ficção expressa por meio de vocábulos polivalentes. (Moisés, 2012, p. 28.)

São experiências plurais de vida, é está além do físico, não se resume a meras escritas de palavras sem nexo ou palavras soltas, mas tradução humana de vidas sensorial. É utilizar-se de pactos ficções para envolver o leitor nas tramas.

E a leitura é o ato produtivo dos textos, não somente de sua decodificação dos sinais gráficos, mas é tornar significativo o dialogo social e a emancipação dos sujeitos quando compreendem os fenômenos estudados para torna-los significativos. Como nas ideias de Rangel (2009):

> [...] o texto comporta uma concepção que não se esgota nele mesmo, mas no diálogo que provoca com o leitor. O diálogo será tanto mais produtivo quanto mais o texto puder possibilitar condições de identificação do leitor com ele, considerando que o autor, ao criar o texto, não tem objetivo de conformar o leitor, mas de tê-lo como coprodutor, parceiro, dando-lhe também possibilidades de criar outros textos. A obra, então, não é apenas um objeto que apresenta uma visão de mundo acabado, mas um espaço que pode contribuir na formação do leitor reflexivo. (RANGEL, 2009, p. 27.)

[23] Considerações próprias da autora.

A leitura está em processo a partir da provocação do leitor que renova sua ideia do texto, recria e reinventa a sua maneira, diálogo constante. Quando se conta uma história ela se renova, se recria em quem a ouve, cada uma ao seu próprio modo, e assim vai ganhando vida e asas, abrindo-se para novos rumos.

Ninguém é tão somente dono de uma história, ela é construída através de muitas vidas, apesar de existir por traz delas um escritor ou inventor, ela parte das histórias de outros, do pertencimento de muitos. E elas (as histórias) quando contadas as crianças provocam um emaranhado de ações que somente a imaginação é capaz de explicar, ou melhor, de não explicar, ela é sem limites. Segundo Coelho (2002,):

> A história alimenta a imaginação da criança há quem conte histórias para enfatizar mensagens, transmitir conhecimento, disciplinar até fazer uma espécie de chantagem "se ficarem quietos, conto uma história". 'se isso' 'se aquilo' quando inverso que funciona. A história aquieta serena, prende atenção, informa, socializa e educa. O compromisso do narrador é com a história, enquanto fonte de sofisticação de necessidades básicas das crianças. Se elas escutarem desde pequeninas, gostarão de livros vindo descobrir neles histórias como aquelas que lhes eram contadas. (COELHO, 2002, p. 12).

Enfatizando Coelho (2002), podemos dizer que as histórias servem como "armas" para o bem, como "cartas na manga", que é utilizada pelo professor para diversas tarefas, até mesmo as de "ficarem quietinhos", as histórias têm muitas funções, e esse momentos de utilizá-las também, cabe a cada docente no chão da sala de aula fazer o uso adequado, mas sempre se lembrando de elas precisam ser para o prazer da criança e não como forma de castigá-las a ler um livro, por exemplo. Elas necessitam de cuidados como fonte rica de aprendizagem.

Na ação de contar histórias, os agentes que intermediam esse processo é parte fundamental quando a criança não consegue sozinha decodificar os contos nos livros criados, o adulto mediador precisar está preparado minimamente para esse momento, pois, envolve emoção, transmissão de sentimentos, vozes e espaços. Assim como esclarece Abramovich (1997):

> [...] desde que ela seja bem conhecida pelo contador, escolhida porque a ache particularmente bela ou boa, porque tenha uma boa trama, porque seja divertida ou inesperada ou porque dê margem para alguma discussão que pretende que aconteça, ou porque acalme uma aflição.... o critério é do narrador... e o que pode se suceder depois, depende do quanto ele conhece suas crianças. (ABRAMOVICH, 1997, p. 20).

Em todas as esferas seja no social, no familiar, no cultural ou religioso, as histórias são fonte de entrada para construção de qualquer ação transformadora, e esse é o grande poder delas de não se acabar quando finaliza a contação, mas ali se iniciar, abrir as portas para novos rumos, novas discussões, novas criações, as leituras instigam, buscam perguntas, respostas, impulsionam, ou apenas acalentam e adormecem.

3. A CRIANÇA COMO ATOR PRINCIPAL DE SUA HISTÓRIA

E se as histórias para crianças passassem
a ser de leitura obrigatória para os adultos?

seriam eles capazes de aprender realmente
o que a tanto tempo têm andado a ensinar.
JOSÉ SARAMAGO

É possível falar a linguagem das crianças? Ou melhor, lembrar de que todos já fomos uma um dia? Retomar nossas memórias, nossas experiências, sonhos, fantasias, e até mesmos os nossos maiores medos, mas relembrar de tudo o que nos enchia de prazer, afetos e imaginação. É falar a linguagem infantil, a retomada da pureza das crianças no corpo do adulto, Saramago respalda uma retomada a infância entre os adultos para a compreensão infantil e somente assim haver uma comunicação para a aprendizagem.

Então, abrem-se as cortinas, pois o espetáculo já vai começar, a criança chegou e sua mochila vem carregada de sensações a desabrochar, na escola ela aguarda ansiosa pelas novidades que vai encontrar se junta aos colegas e o ambiente a observar. Vamos lá?

No terceiro capítulo dessa pesquisa temos o eixo central da prática, a observação e o olhar para tudo o que antes foi escrito e dialogado com autores que enriquecem a perspectiva da autora diante das ações infantis com o objeto norteador, a prática da contação de histórias, as leituras e literaturas, como todo o meio que envolve essas ações.

Para isso, elaboramos o terceiro capítulo em sete tópicos que tecem acerca dos momentos de ingresso ao campo de pesquisa, das descrições do diário de campo, do questionário feito com a professora e das observações das falas dos sujeitos investigados e tudo que cerca os momentos com as práticas de leituras e literaturas.

No tópico **3.1 E tudo se fez novo: Um contexto pandêmico** conduz o processo de pesquisa para repensar o campo físico de investigação, os momentos de observação e os instrumentos necessários para as práticas acontecerem. Diante das implicações do cenário pandêmico da COVID-19 e dos decretos estaduais e municipais de fechamento dos espaços físicos das escolas em todos os níveis de ensino, foi implementado nos sistemas de ensino o formado de aulas remotas, síncronas e assíncronas, e assim construímos a pesquisa sob esses sistemas. Nesse tópico apontamos os enfrentamentos advindos da pandemia, as dificuldades enfrentadas, os momentos de pausa para o cuidado consigo mesmo e com o outro, mas a ânsia da retomada como perspectiva para continuar.

Para a compreensão do passo a passo da formação da pesquisa em campo e de conhecimento desses sujeitos participantes, trataremos no tópico **3.2 Caracterização da pesquisa e do sujeito** desses passos para elencarmos os pontos norteadores da pesquisa como seu objetivo principal seguindo de seus específicos, bem como da escolha do campo de investigação e dos indivíduos que o formam.

Para o tópico **3.2.1 Instrumentos da pesquisa** ajustamos os percursos da pesquisa para o contexto pandêmico, e com isso a reconfiguração dos instrumentos de análises de todo caminho observado. O que antes se tratava da presença física da pesquisadora em sala de ala com as crianças, agora se trata de meios digitais, bem como a interação com a professora da referida turma, das descrições do diário de campo e das fontes de registros.

Seguindo com o item **3.3 A contação de histórias na prática – Abrem-se as cortinas** trataremos da prática docente e da ótica de uma professora investigada ao longo da observação em sua referida turma, trazemos um questionário, respondido virtualmente por ela, como também os momentos de interação dela com a autora para a troca de informações referentes à turma, autorização, e inserção na rotina com as famílias e as crianças.

A prática docente é um dos principais caminhos percorridos para a construção do leitor em sala de aula e fora dela, é com as metodologias apropriadas, com preparação dos planos escolares, das discussões entre os demais profissionais da educação e no elo com a família, que podemos identificar nas práticas do professor os alicerces para a base de construir os estímulos para o universo leitor.

Para o tópico **3.4 Com palavras pequenas o descrever a vida: Observação sensível** traremos mais afundo os momentos que antecedem as falas infantis, os pontos de observação da autora ao ingressar na turma e os primeiros contato com a professora e família, descritas em um diário de campo, suas visões acerca do ambiente investigado, das práticas docente propostas para esses momentos e a recepção da turma.

Seguindo para o momento ápice da pesquisa tratamos por **3.5 Um lugar para a escuta aos autores – O que foi possível dizer** abordamos as vozes infantis quando ouvem, contam e recontam histórias nos mais diversos momentos, sejam eles, nos espaços da aula quando está acontecendo no mesmo instante e é instigado pela professora, como nos espaços de distração, e no tempo livre. Trazemos recortes de falas infantis a partir da interação com os contos e no fluir da imaginação.

Zelamos pela descrição do tópico quando definimos as “crianças autores”, os motivos para essa descrição é por considerar ao longo de toda pesquisa, as crianças como

protagonistas, autores, coadjuvantes, escritores e tantos outros papéis na sua formação e como principal agente de transformação na sociedade, reconhecendo seus múltiplos papéis e sua importância em cada ato tomado ao longo de suas experiências.

3.1 E tudo se fez novo – Um contexto pandêmico

Campanha "FIQUE EM CASA"

Quem nunca, em algum momento desejou um tempo em casa? Tranquilo, sossegado, sem precisar sair para a correria do dia a dia, encontrar tantas pessoas, resolver muitos problemas no meio da rua, pegar superlotação no transporte, cumprimentar inúmeras pessoas. Desejamos por vezes alguns dias de tranquilidade sem precisar passar por tudo isso.

De repente uma campanha "Fique em casa", parecia o momento ideal, ficar em casa, descansado, fazer coisas que antes não tínhamos tempo, terminar uma leitura, cuidar mais da família, dar atenção para o bichinho de estimação que tem em casa, brincar com as crianças, assistir um filme ou novela, conversar sobre o relacionamento, ligar para algumas pessoas que antes não tinha tempo, dedicar-se a uma habilidade por prazer. Parecia o momento ideal.

Não imaginávamos, nem na pior das hipóteses o que viria pela frente, os dias sombrios, de angustias, de incertezas, e as despedidas. Precisávamos nos blindar para uma luta da qual nem conhecíamos nosso adversário

Em meados de março de 2020[24] iniciava no Brasil a paralisação dia após dia de serviços públicos e privados em decorrência da pandemia do Covid-19, de repente notícias eram televisionadas falando no assunto e a situação atual em todo o mundo. Não se falava em outra coisa, era o medo de um inimigo pouco conhecido e como enfrentá-lo. Os decretos de isolamento social era a arma inicial e a única conhecida para a luta contra o vírus, não se sabia como ele agia ou em quem ele poderia ser letal. Somente com o passar dos tempos que foi instituído o uso obrigatório de máscaras em todos os ambientes, inclusive nos espaços abertos e a utilização de álcool 70% higienizando constantemente as mãos.

O medo foi assolando, e nos vimos distantes dos amigos e conhecidos, e com o passar de dias, mais ainda dos que amamos, pois era a única segurança que existia o não abraçar e não se aproximar das pessoas era a forma mais carinhosa de preocupação com o outro.

[24] Data aproximada de início das campanhas no Brasil. A primeira vez que a Organização Mundial da Saúde (OMS) foi informada sobre o vírus Sars-Cov-2, ele não tinha ainda um nome definido. Em 9 de janeiro de 2020, a organização publicou um tuíte sobre o surgimento de um número elevado de casos de pneumonia em uma cidade na China. Informação do site g1.globo.com

Pouco a pouco o vírus foi se tornando ainda mais próximo, no país, no estado, no município, na vizinhança e nas nossas famílias. Os números de infecção passaram a ter nome e endereço, era real e estava bem próximo. Carregado de dores e sofrimentos, o luto não era de um somente, mas do mundo todo, ninguém sairia ileso disso.

Sem despedidas, sem aproximação, de forma rápida e silenciosa demos adeus a tantas pessoas que amamos, e assim que terminassem as poucas formas de dar adeus a que restavam precisávamos voltar para dentro de casa, se isolar, se proteger, sem receber nenhuma forma de carinho físico, abraços ou beijos, sozinhos e sem consolos para tamanhas dores, nem havia espaço para o sentimento de outros, pois estávamos tentando conter e entender as nossas, dores que mesmo coletivas cada um carregava a sua e com a missão de seguir.

Sentimentos esses de quem ainda conseguia ficar em casa, pois na maioria era o carregamento da dor das perdas atrelado às incertezas das instabilidades econômicas, sem solução, tantos não puderam ficar em casa e além de tudo enfrentava o temido sair às ruas, enfrentar o vírus de cara, diante de quadros de superlotação nas unidades hospitalares, sem a garantia de haver um tratamento adequado caso necessário ou de levar o vírus para quem ficou em casa.

Não é nem mensurável em palavras o trabalho dos heróis da linha de frente da saúde, todos que não tiveram opção alguma, a não ser encontrar o vírus cara a cara e continuar fazendo com muita maestria o que o aprendeu no ofício de suas profissões, cuidar do outro. A eles toda a admiração e luta pela classe, por quem não se deixou desanimar, mesmo com tudo que todos já estavam enfrentando, ligado a perdas de colegas, as notícias aos familiares e fazer sempre o possível para manter a esperança de que não irá se abater diante de tantos problemas.

Cada um sairá com uma história a contar, mas nenhum sairá intacto de tamanho caos frente a uma crise sanitária, financeira, social, e humana, as perdas são imensuráveis, e muitas irreparáveis, já que falamos, além de tudo, de vidas que foram ceifadas pelo vírus.

Para contingenciamento da disseminação do coronavírus (Covid-19), foi estipulado em todo país um decreto de suspensão das aulas presenciais em todas as etapas de ensino do país, em 18 de maço de 2020:

> Art. 1º Autorizar, em caráter excepcional, a substituição das disciplinas presenciais, em andamento, por aulas que utilizem meios e tecnologias de informação e comunicação, nos limites estabelecidos pela legislação em vigor, por instituição de educação superior integrante do sistema federal de ensino, que trata o art. 2º do decreto nº 9.235, de 15 de dezembro de 2017 (PORTARIA Nº 343, de março de 2020).

Diante desse quadro continuamos a luta por a construção dessa pesquisa que antes tinha alguns rumos diferentes dos que precisam ser modificados para a conclusão dela. Por vezes foi o apego naquilo que tanto gostamos de escrever e pesquisar foi nosso refúgio, em muitos momentos ele teve pausas para cuidado e atenção das pessoas que estão a nossa volta, mas sempre com a certeza de que ele não pararia e que independe do espaço a ser pesquisado, e o formato, o elo infância, leitura e literatura continuariam, mas agora em outros cenários, eles não acabaram eles se expandiram.

As pesquisas para o trabalho de dissertação em questão que iniciaram no ano de 2019 e que se encontrou dentro de uma pandemia que assolou o mundo, não poderia deixar tamanho fator passar despercebido diante dessa situação atípica, que tudo precisou a ser reinventado e transformado as ações em múltiplos caminhos para a sua continuação.

Mesmos desconhecendo caminhos para a educação de crianças pequenas a não ser a escola em sua forma física, os honrosos profissionais da educação refizeram as rotas alguns meses após os anúncios de decretos de isolamento social, possibilitando a cada parte da casa virar a escola, traçando as vias para que a educação não parasse e que as perdas fossem no mínimo diminuídas.

Todas as situações, de cada família, foram cuidadosamente analisadas por cada escola, diante desse contexto tão complicado de pandemia, a qual as únicas medidas de contingenciamento do vírus eram/é[25] ficarem distantes, e a escola se adaptou, apesar de refazer os rumos do ensino e aprendizagem, e a incansável luta de todos que fazem a educação, para que a aprendizagem de todos os estudante não parasse.

Houve muitos impasses que não permitiram o acesso de grande parte do público-alvo, em maioria, estudantes carentes, de situações menos favoráveis economicamente, que o ensino acontecesse, evidenciando ainda mais as desigualdades sociais no país, pois, para isso, era necessárias ferramentas para esse acesso, como: internet de qualidade, computares, *smartphones*, ambiente adequado e preparado para o estudo e concentração desses alunos, que se distancia da realidade do povo brasileiro, que sua maior preocupação nesse momento é com a comida na mesa e moradia digna.

A educação de crianças pequenas sejam elas no Ensino Fundamental e principalmente da etapa da Educação Infantil, um desafio à parte, pois tem seu currículo voltado para o trabalho com as interações diretas com as outras crianças, no estimulo do contato físico e

[25] Tempo verbal no presente, pois ainda estamos enfrentando essa pandemia. 10/07/2021

visual, que também está em evidencia nos rumos iniciais do projeto dessa pesquisa. O olhar para o desenvolvimento entre as crianças, os livros e as interações.

Partindo do princípio que mesmo após o decreto de fim da pandemia no mundo todo, é ilusão cogitar que a educação retome da mesma forma que parou com o início da ceifa causada pelo vírus, a educação se transformou como sempre se transforma e que mesmo após retomar déficits causados por essas circunstancias as mudanças já são evidentes, é importante sempre se lembrar das discrepâncias sociais e o quanto é prejudicial para a educação que os estudantes não tenham as mesmas condições, ou até mesmo, as mínimas condições, mas há um formato que a educação como um todo retomará são os patamares dos quais sobreviveu com o uso das tecnologias da informação e da comunicação como essenciais nas ações pedagógicas dentro e fora da escola.

Considerando assim, que mesmo alterados alguns pontos da pesquisa, a mesma reconfigura nos formatos, agora presentes, na escola, com o acesso dos meios digitais que quebram as barreiras geográficas e a impossibilidade do meio físico escolar de se fazer presente.

3.2 Caracterização da pesquisa e do sujeito

> *"Para isso é que o escritor foi feito. Para mostrar a realidade sob um novo ângulo, para criticar o que se passa por toda parte e para não dar solução a coisa nenhuma e, sobretudo, para não dar conselhos. Cada um que encontre a sua verdade sozinho".*
>
> *RUTH ROCHA*

Assim como nas palavras da autora Ruth Rocha iniciamos o tópico na função presente do escritor em mostrar não o "novo" ou "exclusivo" ou uma "descoberta", mas para identificar as suas próprias visões de mundo e como outras interpretações poderão surgir a partir dessa escrita.

O objetivo dessa pesquisa é compreender como a prática da contação de histórias com as crianças de 4 e 5 anos contribui para o processo de formação leitora na educação infantil. A escolha dessa faixa etária deu-se em razão de ser essa fase o intermédio entre a chegada da criança à Educação Infantil e o seu ingresso no Ensino Fundamental. Sendo assim, a fase da pré-escola abrange todo o sistema de práticas e currículos que envolvem a criança no universo letrado, permitindo assim, a sua autonomia infantil, a autoformação humana, e, consequentemente, a sua formação escolar. Para as demais análises específicas, nas observações temos os objetivos de: caracterizar a contação de histórias como prática de

formação do pequeno contador na Educação Infantil, identificar nas práticas de contação de histórias saberes que contribuem para a formação da criança na Educação Infantil e analisar as histórias dos pequenos contadores e as contribuições na sua formação na Educação Infantil.

A investigação ocorreu em uma escola pública do município de Mossoró no Rio Grande do Norte, a escolha por essa escola motivou-se pelo fato de ser uma escola pública e está situado em uma zona periférica, o que contempla no estudo o embasamento de que o contato com livros não se limita a espaços devidamente adequados, o que seria o ideal, ou que está para uma pequena parcela da população, mas em todos os lugares é possível se fazer no universo leitor, assim tenhamos alguns recursos didáticos e a prática ativa do professor para incluir esses momentos no dia a dia.

Grande parte dessas famílias que estão com seus filhos matriculados na referida escola são de classe social baixa, o que permite a análise de como esses sujeitos caminham para a formação leitora e como a escola interfere diretamente na mudança social de cada uma dessas crianças, oportunizando contato, talvez o único, com os livros, as leituras e as literaturas, e assim, possam aguçar seu imaginário e ser o agente de transformação dos espaços.

Além disso, o prédio onde atualmente funciona a estrutura física da escola é um espaço alugado pela prefeitura do município de Mossoró-RN, em relato com a professora da pesquisa, entendemos que as mudanças de espaço são comuns, o que faz com que se necessite de alteração em cada nova chegada, o que é feito com muito zelo por todos os profissionais para deixar o espaço o mais agradável possível para que as crianças possam se sentir tranquilas e seguras nas suas aprendizagens.

A escolha pela referida turma se deu em razão da professora, no caso uma mulher, ser uma professora pesquisadora e essas práticas serem recorrentes em sua formação, por também ter passado pelo processo de escrita de sua dissertação e hoje ter a titulação de professora mestra. Os momentos de conversas com a professora foram bem produtivos e instigadores, é uma profissional sempre muito dedicada, atenciosa, muito competente e sempre atenta a sua formação e das crianças.

Diante do contexto de pandemia mantivemos contato com a professora através das redes sociais, mas antes já tínhamos demonstrado interesse em pesquisar na turma em que ela lecionava e ela sempre se manteve disposta a ajudar e com a certeza de que a pesquisa seria um fator muito relevante na sua formação e também na de futuros profissionais. Em meados de setembro de 2020, após o processo de banca de qualificação da referida dissertação

entramos em contato e fomos aos poucos delimitando como aconteceria o período de observação.

Entretanto, alguns motivos de força maior em decorrência das fatalidades[26] ocorridas pela Covid-19, a pesquisa se manteve em pausa, momentos de muita dor, inseguranças e incertezas, as perdas ficaram cada vez mais próximas, os números passaram a ter nome e ligação familiar, nesse tempo, também de contaminação da autora, e dos mais próximos, tensos e com necessidade de atendimentos hospitalares, tempo de cuidar um pouco mais da família, nas necessidades físicas e da alma.

Sempre acreditando e juntando as forças para continuar, um passo por vez, a pesquisa teve retorno e as conversas com a professora estavam rendendo bons frutos, ficamos bem animadas e com muito mais expectativas para a ida ao campo de observação. Em consequência da pandemia alguns pontos foram alterados, mas sua essência não foi perdida, ela agora tem outros olhares.

3.2.1 Os instrumentos da pesquisa

Por razões do contexto pandêmico antes explicado, a pesquisa que tinha como foco inicial o espaço físico da escola e a interação com as crianças como promoção ao universo leitor, se reconstrói nos paralelos à distância, em formatos síncronos e assíncronos, em formato remoto, *online* e através das plataformas digitais. Através dos decretos de fechamento dos espaços físicos em todos os níveis de ensino ficou impossibilitado ir ao encontro físico das crianças e suas falas.

Com o "novo" formato para o acontecimento das aulas em todas as redes de ensino, fixamos por continuar e sensibilizar aos novos espaços e olhares para que essa pesquisa pudesse vir a ter a saída do espaço físico para o espaço virtual, o que exigiu exige uma retomada para o que os encaixes com os objetivos, com a temática, de modo que toda a pesquisa não viesse a se perder. Contudo, seguimos certos das múltiplas aprendizagens que iríamos encontrar mesmo diante de um cenário diferente.

É certo que o espaço físico, principalmente, falando-se em Educação Infantil, é essencial para a troca de aprendizagens entre aluno-aluno e professor-aluno, por isso este ambiente não será descontextualizado e continua válido para a aplicação da pesquisa em

[26] Tio, tia, prima e sua bebezinha, fiquem bem, pois também estamos tentando ficar. Deus sempre tem um propósito!

momentos atuais e futuros da educação, mas é preciso olhar para os territórios não tão explorados antes para a utilização com as leituras.

A observação da pesquisa dar-se-á no campo virtual, com a utilização dos aplicativos digitais *Google meet, whatsApp, google forms, youtube*[27] e outros já utilizados pela referida professora da turma. É preciso compreender que a educação pública teve perdas elevadas para esse "novo formato" de aulas síncronas e assíncronas.

As razões são múltiplas, primeiro pela questão social, que ocasionou a ausência dos estudantes às aulas, devido as condições precárias de acesso a esse formato de ensino, necessitando dos meios digitais e não havendo as condições financeiras por parte das famílias para manter o uso dessas ferramentas como, por exemplo, celular, computador, internet de qualidade, bem como de tempo de dedicação dos pais/responsáveis no auxílio dessas tarefas e ainda pela questão das dificuldades de comunicação nessa faixa etária, pois trata-se de crianças pequenas. A interação nesse sistema implica na diminuição de sincronia entre os pequenos, muitas vezes, limitando-se somente a~~o~~ responder as perguntas feitas pela professora.

É notório o incomodo por esse formato de aulas devido as dificuldades nas interações e é perceptível que, por vezes, a aulas eram momentos para a checagem de participação. Com um número já reduzido de alunos, a professora, lançou-se ao desafio, e com isso, o andamento da pesquisa tornou-se possível.

O instrumento "diário de campo" seguiu sua construção com anotações desde o primeiro encontro com a professora ao último momento com os alunos, e assim, cada áudio, foto, vídeo ou chamada de voz foram incluídos nas escritas e cuidadosamente observados.

Para a compreensão das práticas pedagógicas, da rotina da professora, da turma investigada e de como contribui para construção do ser leitor, elencamos além das observações por parte da docente e das conversas via *WhatsApp*, acrescentamos o instrumento questionário para análise desses dados e desvendar a fundo os incentivos por parte docente e técnica da escola, referentes a projetos, planos de aula, rotina, tarefas e outros os investimentos nas leituras.

3.3 A contação de histórias na prática – Abrem-se as cortinas

[27] Estratégias utilizadas pela professora, como de toda a escola, para suprir os espaços físicos, para o momento. Alguns desses aplicativos foram os citados pela professora.

A leitura da palavra não é apenas precedida pela leitura do mundo, mas por uma certa forma de "escrevê-lo" ou de "reescrevê-lo" quer dizer, de transformá-lo através da nossa prática consciente. PAULO FREIRE

Nas palavras do grande mestre Paulo Freire, compreendemos, pois, a necessidade dos investimentos no incentivo às leituras, que está para construção do ser de transformação, de mudança, e de formação sozinha, com o outro e com o meio, tudo se transforma a medida que damos espaços para o conhecimento, somente assim seguimos vivendo verdadeiramente.

Para assim iniciarmos esse capítulo falando sobre a ação docente e suas práticas de contação de histórias, mencionamos duas pessoas essenciais nesse tópico e ao longo da pesquisa, são elas: o então professor Paulo Freire, como citado logo acima, e a professora da turma investigada, que logo lhe daremos um pseudônimo.

A pesquisa com foco nas vozes infantis foi mencionada durante toda a construção deste texto e diante da necessidade de dá voz e vez aos pequenos leitores, escritores e inventores de histórias, é no palco da vida que se espera que eles atuem efetivamente. No imaginário e no real que sempre se perdure a sua reação às ações da vida, mas antes da entrada do ator principal desse conto, precisamos fazer menção honrosa de um personagem que nunca perde o seu brilho, que seu papel sempre será fundamental, e que sem ele, dificilmente estaremos abordamos esse sentido aqui. Falamos dele, o PROFESSOR.

Ao longo dessa pesquisa não perdemos, nem nos esquecemos do brilhantismo da ação do professor, o profissional essencial no meio educacional, e o agente mediador desse elo aluno e leitura, ele é por vezes o principal condutor das práticas de incentivo às leituras. A junção família e escola é primordial, quando ela não acontece, cabe à escola, reconhecer esses déficits e de alguma forma, contornar qualquer situação que tire desse foco, do foco formativo das aprendizagens advinhas das leituras e literaturas. É no prazer de ouvir e contar que vai aos poucos nascendo um potencial leitor.

No âmbito escolar, é ele, o professor, que desperta no aluno, em muitos casos, o único momento de contato com universo letrado. Assim, o incentivo aos livros cabe então ao trabalho docente, bem como é do professor o esforço para preencher essas lacunas não supridas por parte dos adultos que cercam essas crianças sem acesso as literaturas.

Começamos então, pedindo permissão a professora investigada para a observação não somente dos alunos de sua turma, como também de suas próprias práticas, planejamentos e todas as falas ao longo das conversas, para construir esse texto em parceria com seu trabalho e descobrirmos o poder da ação nas práticas de contar histórias associado ao trabalho com as crianças.

Para preservamos toda a estrutura de trabalho do professor, a comunidade escolar, e, principalmente, as crianças, todos os nomes utilizados nessa pesquisa serão fictícios, de livre criação da autora. Então para referenciar a professora da turma, também investigada, utilizaremos como o pseudônimo *Ariana*[28].

As razões pela escolha desse pseudônimo se dão em virtude do saudoso Ariano Suassuna, um nordestino, paraibano, com inúmeras qualificações: escritor, dramaturgo, poeta, advogado e professor. Ariano foi referência nas suas escritas, criava personagens icônicos e únicos em seus jeitos de ser. Famoso pela obra "O auto da compadecida" obra conhecida em todo Brasil e traduzida para diversos idiomas, Ariano é querido por todos que se encanta com suas obras.

Mesmo com personagens tipicamente nordestinos, como *João grilo* e *Chicó* principais personagens da obra referida acima, não impediu que agradasse até mesmo quem não conhecia sua cultura, até mesmo no exterior. Suas criações sempre fizeram sucesso e agradava, e ainda diverte as mais diversas faixas etárias. Ariano era leve, simples e irreverente[29], e é por essa e outras razões que trataremos o trabalho docente aqui investigado com o mesmo cuidado e importância que tem o escritor.

O professor no trabalho com as leituras deve saber, antes de tudo, que para ser mediador é necessário primeiro ser um leitor, pois instigar exige competência para proporcionar experiências aos pequenos leitores, as mesmas que um dia ele já sentiu quando fez as leituras, é uma troca de sensações únicas, mas que podem ser experenciadas na fala sensível de quem já viveu.

Sabendo então que a professora investigada atendia aos nossos requisitos para a pesquisa, uma vez que, Ariana é uma professora com vasta experiência em sala de aula, já leciona há 9 (nove) anos na educação, tanto no Infantil como no Fundamental, e hoje é fixa, na Educação Infantil. Em suas falas ela relata o prazer que é estar nessa etapa de ensino~~, e~~ para sua formação.

Ariana é graduada em Pedagogia e mestra em educação, uma pesquisadora que busca ativamente aprimorar suas práticas e se renova sempre que preciso, tem um vasto currículo acadêmico com pesquisas que envolvem: a educação infantil, as práticas docentes, a inclusão e outras temáticas. Podemos perceber em suas falas a emoção de estar em sala de aula e o quanto ela dá o melhor de si a seus alunos, sempre preocupada com o acesso de todos, principalmente nesse momento de pandemia.

[28] Escolha da própria autora quando a professora investigada deixou a seu próprio critério de escolha.
[29] Sentimento da autora ao ler as obras do escritor Ariano Suassuna.

A professora dialoga com as famílias e é atenta a cada necessidade especifica dos seus alunos, compreende as dificuldades de acesso aos meios digitais e planeja novas rotas para chegar as demais crianças que não conseguem ser inseridas nesse formato. Ariana é leve e tem o riso solto, sempre muito contente e disposta para as aulas síncronas e assíncronas, mesmo entendendo as tantas dificuldades que não só ela, mas todo o mundo vem enfrentando, e mesmo diante de tudo isso tenta não se mostrar abalada frente aos seus alunos, para que eles possam enxergar nela as sensações que os contos têm a mostrar.

É na ação comunicativa que se desenvolvem nos sujeitos os entendimentos de leitura e de mundo, e nas suas palavras e ações que se interpretam novos rumos. É no trabalho do professor que se espelha o envolvimento os sujeitos e suas viagens sem fim, é impossível que se tenha um elo entre o professor contador e as interações mais íntimas com as leituras e literaturas, sendo que esse profissional não esteja envolvido fielmente ao que está a passar.

Paulo Freire ao ligar esses laços, referencia que:

> Enquanto ensino, continuo buscando, reprocurando. Ensino porque busco, porque indaguei, porque indago, e me indago. Pesquiso para constatar, constando, intervenho, intervindo educo e me educo. Pesquiso para conhecer o que ainda não conheço e comunicar ou anunciar a minha novidade. (FREIRE, 1996, p. 29).

Recorremos a observação do trabalho docente para compreender quais os pontos principais para a construção do sujeito leitor, uma vez que ele não se constitui sozinho, é na presença do outro que se alicerça a troca de experiências e vivencias. Uma das principais características em torno das leituras é saber que ela é um ato dialógico, relativo ao diálogo, ou seja, da construção com outros indivíduos, com outras vidas.

Em sala de aula é possível o diálogo, mas ele tão somente não se modifica, quando falamos sobre leitura, estamos falando do convite à leitura, principalmente do pequeno leitor, do cuidado com as crianças pequenas, de creches e pré-escolas, como também do entorno da comunidade em que vive. O ato dialógico se configura nas relações entre os sujeitos, essenciais a sua formação.

Para a construção do questionário destinado a docente em questão, selecionamos previamente seis perguntas, que nos possibilitaria enxergar sua compreensão acerca das aprendizagens com as leituras para deleite, bem como de suas ações com a prática de contação de histórias que antes já foram feitas e para o momento das observações com a professora.

A razão da limitação de perguntas no questionário é por considera-las satisfatórias evitando assim torna-las repetitivas, de modo a manter o foco da professora ao responder

fielmente todas as perguntas. Assim como enfatiza Gil (1987. p. 107) “questionários muito extensos apresentam alta possibilidade de não serem respondidos”.

Após relatar, em uma conversa particular com a professora por meio de recurso digital, a necessidade do questionário destinado a ela, a deixamos livre em seu tempo para o retorno dessas respostas:

> **Pesquisadora:** Então *Ariana*, esse questionário é singular para a nossa pesquisa, onde destinamos um espaço especial para a observação com a sua atuação docente, não somente do seu momento atual, mas para durante sua experiência em educação como um todo, suas visões acerca das aprendizagens advindas leituras. Sabemos que o momento atual é corrido para os professores em suas tarefas, então, fique a vontade para respondê-lo
> **Ariana:** Respondo sim, sem problema, só preciso que me lembre. (Diário de campo).

Após deixar o questionário para a reflexão da professora, antes do ingresso na turma, lançamos ainda com tempo tranquilo, para que ela consiga expressar livremente e sem pressa a sua própria visão de suas práticas com os contos, assim como ela pode se enxergar ou não uma leitora e mediadora desse processo.

A ideia central desse questionário não está somente em compreender a visão do professor na prática da contação de histórias, mas na sua ligação direta com as leituras, como esse profissional consegue se observar enquanto um potencial leitor, quando realiza também para seu próprio deleite. O envolvimento do autor para essa prática está diretamente relacionado à sua personalidade, ao seu pessoal. O professor precisa antes de tudo também ser um amante das leituras.

No início do questionário está a identificação desse profissional com: o nome (que será mantido em sigilo), a formação profissional, a série que leciona e o tempo de experiência na educação como um todo. A professora investigada é graduada em pedagogia, tem especialização e mestrado em educação. Atualmente leciona a pré-escola (Infantil II), etapa final da Educação Infantil e pré-requisito para a investigação. Está na educação há 7 (sete) anos. A primeira pergunta desse questionário busca saber acerca concepção do professor para a contação de histórias e sua prática em ministrar aulas e a literatura infantil:

> **Pesquisadora:** Você se considera um professor leitor? Por quê?
>
> **Professora Ariana:** Sim, pois em minha prática diária sempre utilizo a leitura, seja de livros literários, de imagens, com o intuito de incentivar o gosto por ela, além de despertar a criticidade e criatividade.

A professora afirma que o contato com o universo leitor é constante em sala de aula, é uma prática recorrente e as formas de fazê-las são diversas, assim como desde o início da pesquisa enfatizamos a liberdade e autonomia docente para a escolha da forma de como fazê-la. A abordagem dos contos também necessita de uma identificação por parte docente, pois, necessariamente não é preciso ser um excelente contador de histórias, é importante, claro, mas se esse profissional conseguir.

> Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a histórias é lida. [...] (BRASIL, 1998, p. 143).

Existem outras formas de permitir o acesso às leituras, o ingresso ao universo leitor, sem a necessidade de ser um contador em potencial, aquele professor que entra no personagem ou facilmente inventa um conto. No entanto, é preciso compreender que muitos não atingem essa prática, e tudo bem, outras maneiras são imprescindíveis, basta buscar.

Um exemplo de ligação com as leituras está na prática de constante ida as bibliotecas das escolas, se possível, e permitir que o aluno leve esse material para casa, para que possa fazê-lo sozinho, em um ambiente tranquilo ou com outro familiar, seja na brincadeira com um irmão ou na hora de dormir, quando os responsáveis a fazem. Como enfatiza o RCENEI (1998):

> Deixar as crianças levarem, um livro para casa, para ser lido junto com seus familiares, é um fato que deve ser considerado. As crianças desde muito pequenas podem construir, uma relação prazerosa com a leitura. Compartilhar essas descobertas com seus familiares é um fator positivo nas aprendizagens das crianças, dando um sentido mais amplo para a leitura. (BRASIL, 1998, p. 135.).

As táticas de construção para o futuro leitor são vastas, e nos diferentes níveis de ensino, as formas de apresentação à leitura são essenciais para seu desenvolvimento e sedução aos contos, todas elas trabalham em conjunto. Dependendo da idade, do nível de interesse ou da etapa de ensino, os indivíduos vão gostando ou não de algumas formas.

Logo após a questão envolvente a condição do professor ser um leitor em potencial, precedemos o questionário com uma pergunta a respeito da visão da Ariana acerca do ensino de literatura voltado para a escola e sua sala em particular para que possamos traçar um elo

entre criança/professor/leitura/escola, e assim associar a todas as esferas educacionais o posicionamento de incentivo às leituras, que não se esgota na sala de aula.

> **Pesquisadora:** Como você vê o ensino de literatura na sua escola ou na sua sala de aula?
>
> **Professora Ariana:** Tanto na minha sala, como na escola que atuo, a literatura está presente. Preparamos para as crianças um espaço aconchegante e com livros acessíveis, para que elas possam realizar suas leituras de um modo prazeroso. Além disso, cada sala tem livros disponíveis para que crianças e professores façam uso.

É reconhecido na fala da professora que os contatos com os livros em sala de aula e com literaturas reconhecidas, tradicionais ou não, são costumeiros. Além disso, ela cita a preparação dos espaços, precisando ser aconchegantes e chamar atenção dos pequenos para que possam fazer a leitura livremente, sem horário específico, apesar de também haver esse momento e ser importante. Assim como evidencia Lima; Valeingo (2011):

> No interior da escola da infância, os livros de literatura infantil, particularmente cada vez mais atrativos e com uma riqueza literária a ser destacada, tornando-se suportes para o fascínio das crianças para as primeiras leituras, que vão além das palavras, envolvendo-as. Quando há livros dessa natureza disponíveis e acessíveis à criança, assim como quando existem momentos diários de leitura ou contação de histórias, damos aos pequenos a possibilidade de vivências com as formas de ideias da leitura: como professores, assumindo papéis de leitores efetivos, organizando um espaço para essa atividade (a própria sala da turma, a sombra de uma árvore, o quiosque da escola, ou algum canto propício), apresentando o livro (autor, ilustrador, nome da história), lendo a história e mostrando as ilustrações, envolvendo cada criança no enredo da história e chamando-a à participação ativa, por exemplo, fazendo questionamentos sobre o que vem na sequência da história. (LIMA; VALEINGO, 2011, p. 59).

Nesse contexto, a exposição aos livros seja em sala de aula ou em diversos ambientes, permite as crianças experienciarem as muitas sensações aos contatos com livros, seja no seu manuseio, nas imagens que transcendem a leitura de mundo em cada indivíduo e torna cada vez mais presente sua cultura e as contribuições em sua formação no mundo letrado.

Dando continuidade às referências de inserção de leituras na escola, questionamos a professora investigada acerca das práticas de projeto que envolvam as leituras na escola, uma vez que, a Educação Infantil é uma etapa essencial na construção de projeto, pois agrega sentido e vai se moldando na medida em que as aprendizagens vão acontecendo. De acordo com Corsino (2012):

> Os projetos valorizam o trabalho e a função do professor quem vez de ser alguém que reproduz ou se adapta ao que está nos livros didáticos e nos seus manuais, passa a ser um pesquisador do seu próprio trabalho. O professor torna-se alguém que também está em busca de informações, que estimula a curiosidade e a criatividade

> do grupo e, sobretudo, que entende que as crianças não são receptoras passivas, mas sujeitos, que tem seus interesses, que tem uma história, que participam ativamente do mundo, construindo e reconstruindo a cultura na qual são imersos. (CORSINO. 2012, p. 20).

O trabalho com projetos na Educação Infantil é indispensável, pois possibilita a liberdade de construção de sentidos, parte de uma iniciativa do professor que ocorre geralmente por curiosidade da turma que vai se moldado as propostas de trabalho, contribuindo assim para que todos os sujeitos participem ativamente do processo e modifiquem-se com ele. Eis a razão para nosso questionamento a professora investigada:

> **Pesquisadora:** Na escola existe algum projeto de leitura? (Se houver, citar quais)
>
> **Professora Ariana:** Sim. O nosso projeto de leitura é anual, ele recebe o título de acordo com a proposta abordada, já tiveram títulos como, "Leitura: uma caixa Mágica de surpresa", "Uma viagem ao mundo da imaginação". Dentro do projeto anual, temos as segundas literárias, em que cada professor conta ou ler uma história para todas as turmas utilizando materiais diversos. Nesse projeto, exploramos diversos gêneros textuais, além de sempre escolhermos um ou mais escritores para homenagearmos e explorarmos suas obras literárias, como foi o caso de Elias José, Cecília Meirelles, Vinícius de Morais, Ana Maria Machado, dentre outros. A culminância do projeto sempre acontece como forma também de despedida das turmas dos infantis II, que abrilhantam a noite fazendo apresentações musicais e também teatrais, além do grande momento que é da entrega do livro produzido por eles e organizado pelas professoras das turmas, com histórias trabalhadas durante o ano letivo. O livro é composto por história coletiva, releituras, história produzida pela criança. No ano de 2019, conseguimos realizar um grande sonho da UEI, que foi o de levar as crianças para encerrar o projeto de leitura no teatro, foi um momento mágico para todos.
> Infelizmente, nesse período de pandemia, não estamos trabalhando com projetos, mas a leitura, a contação de história é constante em nossas práticas síncronas com as crianças.

A professora já inicia com a afirmação do trabalho constante com as leituras e na renovação anual dos projetos com as temáticas literárias nas escolas, os quais trabalham com temáticas cheias de afeto e muita sensibilidade. É imprescindível que todos os profissionais que formam o espaço escolar estejam envolvidos nos projetos, pois estes não se esgotam na sala de aula, mas saltam aos demais espaços, estando presente até mesmo no sabor da cozinha ou na visão da criança para o ambiente externo desse espaço escolar.

Outro ponto de destaque da professora está para o investimento nas literaturas infantis reconhecidas pelos órgãos competentes na seleção dessas obras, nomes conhecidos dos professores e de toda comunidade escolar, como: "Elias José, Cecília Meirelles, Vinícius de Morais, Ana Maria Machado, e outros" como a mesma cita no trecho da resposta. Bem como a variedade de gênero nas leituras que é fundamental para o vasto conhecimento de todas as formas textuais de leitura e escrita.

Trabalhar os diferentes tipos de gêneros textuais literários permite a aquisição de percepção da linguagem, seja ela formal ou informal, pois dependendo do seu enredo, ele envolve a entonação da voz, a rima, os versos e estrofes das partes do texto, e criação de nomes imaginários para cada personagem, entre outros. Brasil (1998):

> Ter acesso à boa literatura é dispor de uma informação cultural que alimenta a imaginação e desperta o prazer pela leitura. A intenção de fazer com que as crianças, desde cedo, apreciem o momento de sentar para ouvir histórias exige que o professor, como leitor, preocupe-se em lê-la com interesse, criando um ambiente agradável e convidativo à escuta atenta, mobilizando a expectativa das crianças, permitindo que elas olhem o texto e as ilustrações enquanto a história é lida. [...] (BRASIL, 1998, p. 143).

Assim como os projetos não ficaram somente no espaço físico da escola, a professora *Ariana* também ressalva para os espaços que foram além, ela cita a criação das obras produzidas pelas crianças ao final dos projetos, que são anuais e o momento de entrega dos livros físicos às crianças e às famílias, ocasião que conta com recitais, musicas, apresentações, e em um acontecimento especial, a apresentação no teatro da cidade.

As formas como essas literaturas são apresentadas para as crianças são de extrema importância, pois é com ela que o professor se baseia para produzir outras aulas, e dependendo de como recebido pelas crianças, mudar o projeto, ou continuar sua metodologia para aperfeiçoar o que já tem dado frutos positivos.

> **Pesquisadora:** Você poderia falar um pouco sobre que metodologia utiliza nas suas aulas de Literatura? (Contação, fantoche, recitação, varal literário...)
>
> **Professora Ariana:** As metodologias são diversas, realizamos contação de história utilizando diversos recursos, como fantoche, cenários, leituras utilizando o próprio livro. Também realizamos dramatizações, reconto de histórias pelas crianças, dentre outros.

Em suas palavras, a professora investigada cita algumas de suas metodologias de trabalho com a inserção ao universo leitor e as estratégias utilizadas para diversificar a contação em suas aulas. Para criança pequena, é necessário que esses profissionais compreendam que nem sempre um único formato fará morada, a criança se apaixona pelo novo, pela descoberta, então vale a atenção para a exploração de variados recursos pedagógicos. Bem como nas palavras de Machado (2004):

> A intenção, o ritmo e a técnica constroem passo a passo a possibilidade da presença, a capacidade de responder criadoramente a tudo que ocorre no instante da narração, com vivacidade e confiança. Confiança na potencialidade de seus recursos internos e externos, confiança na história como um presente que ele oferece a si mesmo e à sua audiência. Estar presente é poder PRESENTEAR. (MACHADO, 2004, p. 81).

Seguindo a lógica das questões feitas à professora e que envolvam o trabalho para a construção do ser leitor, elencamos o questionamento para a percepção da professora sobre a influência das literaturas em sala de aula, e sua formação:

> **Pesquisadora:** De modo geral, você acha que a literatura infantil influencia no letramento do aluno e no processo de formação leitora? Comente.
>
> **Professora Ariana**: Com certeza! A literatura infantil possibilita de forma brincante e prazerosa adentrar em mundos desconhecidos, permite que as crianças explorem outras realidades, ela aguça a imaginação, a criatividade e o desejo em ouvir, recontar e criar suas próprias histórias.

A professora Ariana corrobora com a afirmação de que nas literaturas as contribuições são muito simbólicas para as crianças pequenas, ingressantes no processo formativo, tanto como pessoas e enquanto profissional futuro, e que não se esgota em um destino letrado, mas ultrapassa as barreiras do que está além, sendo enraizadas na infância e retornadas em qualquer momento futuro. A criança tende a lembrar de todos os momentos marcantes, e esses sem dúvidas são nos espaços para deleite, em que tiveram a oportunidade de ser e viver o momento.

Dando continuidade as suas palavras, ela (Ariana) também relata as viagens que o universo leitor permite no aluno, explicita no brincar e atravessar mundos, tempos e espaços diferentes, em cada conto, é essencial que ele se der diariamente e acostume aos pequenos ouvintes o contar e recontar diário.

O brincar com as palavras traduz nas crianças momentos em que elas conseguem interagir umas com as outras, e entre adultos, bem como identificar situações vividas em seu cotidiano. O poder das leituras possibilita que circunstâncias que sejam desagradáveis para uma criança, por exemplo, seja transmitida para a escuta de adulto, como em casos de violência.

> Modelos mais recentes de Educação Infantil mostram a importância de seus educadores serem sensíveis às necessidades pessoais e sociais das crianças, tornando-se seus parceiros especiais em situações de adaptações e acolhimento, identificação e explicitação de sentimentos, ou no enfrentamento de conflitos. Essas situações, tão comuns no dia a dia da Educação Infantil, não podem mais ser consideradas fortuitas. São ao contrário, a essência do cotidiano dos grupos infantis, e o professor deve estar preparado para participar delas e encaminhá-las. (OLIVEIRA, 2012, p. 71).

Nas palavras da autora acima mencionada, relacionamos as experiências infantis no contato constante com as leituras e o ser leitor em formação com o cotidiano que o cerca, pois

estão em ligação e podem contribuir para aquisição da linguagem e da percepção de mundo, nas palavras sensíveis do professor o aluno abriga-se, quando muitos não encontram outras moradas e ali confia seus pensamentos, sonhos e segredos.

É importante sentir no professor a confiança de guardar algo ou com ele expor também, mostrar uma novidade, agregar a algo que ouviu, imaginou ou sonhou, a escuta sensível desse profissional permite que as crianças se abram para o prazer em viver uma história.

Na última questão levada à professora Ariana especificamos os espaços para os momentos de contação e contanto com as literaturas a fim de compreender como ocorre para transformá-los em locais aconchegantes e chamativos para os olhares infantis, de modo que desperte o interesse da criança para conhecê-lo e querer viver ali, apesar das dificuldades que venha a encontrar.

> **Pesquisadora:** Descreva a literatura na escola (espaços, condições, materiais, planejamentos)?
>
> **Professora Ariana:** O espaço é um pouco limitado, mas resinificamos e procuramos organizá-lo de modo que se torne um ambiente atrativo e aconchegante. As condições não são as melhores, mas diante de nossas possibilidades ofertamos e dispomos para as crianças o que temos de melhor, temos alguns livros e os materiais são poucos, mas as professoras sempre produzem seus materiais. Os nossos planejamentos contemplam a segunda literária, a semana à luz do universo infantil, onde as crianças recontam suas histórias favoritas, envolvemos também a família, convidamos mães, pais, avós para contar histórias para as crianças, além da culminância de encerramento do ano letivo com o fechamento do projeto.

Podemos perceber que, como na maioria das escolas públicas, ocorre a escola investigada uma limitação no seu espaço físico, pois seu funcionamento acontece em espaço de uma casa alugada a prefeitura do município e vez ou outra precisa passar por processo de licitação de espaço, o que na maioria das vezes, faz com que a unidade escolar mude de endereço, não conseguindo se manter por muito tempo no mesmo local, até mesmo por questões estruturais, por já estar deteriorada.

Mesmo os contatos com as literaturas acontecendo de formas limitadas, devido seu espaço físico, que também é importante, percebemos nas palavras da professora Ariana que a mobilização por parte da equipe escolar é de imediato, logo reconstroem o espaço e modicam a medida das necessidades das crianças, recriam lugares temáticos que envolvem memórias de outros tempos e culturas.

Outro relato feito pela professora é do limitado acervo de livros físicos encontrados na escola, assim como da falta de atualização de novas literaturas produzidas que seriam de base

essencial para formação leitora das crianças pequenas, bem como relata a escassez de livros adequados às faixas etárias que contemplam a Educação Infantil. Sabemos que não existem livros específicos a adultos ou crianças, mas há adaptações que são necessárias para as crianças pequenas e os bebês, como por exemplo, algumas obras que contém em sua estrutura o formato cartonado, de pano ou de plástico, por facilitar o manuseio.

A professora Ariana também menciona os esforços feitos pelos demais professores para a produção de materiais necessários na prática de contação de histórias, o que preenche algumas lacunas na prática diária. Neste sentido, sabemos que este ainda não será o cenário ideal, mas é o melhor que cada um conseguiu fazer com o que tinha, enfatizando a ideia de que mesmo diante das dificuldades, o trabalho docente para ver o crescimento dos pequenos que ali adentram não para.

Outro fator plural citado pela professora é o investimento em dias específicos para enfatizar os momentos com as leituras, ~~do~~ que ela denomina de "segunda literária" e a semana "à luz do universo infantil" momento no qual todos os profissionais se envolvem nos projetos propostos e quando destinam parte de seu planejamento para a aquisição do universo letrado. Nesses planos também enfatizam a voz da criança, uma vez que ela pode se expressar livremente sobre o que lê, o que ouve e até mesmo o ficar em silêncio, sem a obrigatoriedade de responder perguntas, apenas para o cumprimento de tarefas.

E para finalizar, ela complementa falando sobre o envolvimento da família, presente nesses momentos, instante que acaba envolvendo toda comunidade, o que é válido, pois acredita-se que somente com todos os presentes nos espaços de formação da criança é que se alcançará seus sucessos futuros, assim como aprender a lidar com outras circunstancias da vida, é preparar o seu humano integralmente.

> Para que uma estória realmente prenda a atenção da criança, deve entretê-la e despertar sua curiosidade. Mas para enriquecer sua vida, deve estimular-lhe a imaginação: ajuda-la a desenvolver seu intelecto e tornar claras suas emoções; estar harmonizada com suas ansiedades e, ao mesmo tempo, sugerir soluções para os problemas que a perturbam. Resumindo, deve de uma só vez relacionar-se com todos os aspectos de sua personalidade – e isso sem nunca menosprezar a criança, buscando dar inteiro crédito a seus predicamentos e, simultaneamente, promovendo a confiança nela mesma e no seu futuro. (BETTELHEIM, 2002, p. 13).

É necessário para fortalecer os laços entre família e escola na aprendizagem de uma criança a relação de trocas no ensinar e a contribuição constante entre círculo aprendente, onde todos ensinam e aprendem moldando-se conforme as curiosidades entre os sujeitos e as

necessidades de mudanças. Nenhuma aprendizagem se esgota no decorrer do tempo, elas são infindáveis.

3.4 Com palavras pequenas o descrever a vida: Observação sensível

> *Ler é algo que contribui para o acolhimento de algo, sentir seus efeitos e sonhar com o desconhecido ou o impossível encoraja ao enfrentamento dos desafios. É preciso estar apaixonado pelo que pretende ler, contar ou ouvir, para que possa fazê-lo da melhor maneira possível. A paixão anima e pode ser uma doce surpresa na vida de quem deseja se constituir leitor em toda complexidade.*
>
> *MÍRIA HELEN*

E assim iniciamos o tópico chave da pesquisa, o momento de encontro com as falas infantis, das descobertas com as leituras e literaturas, da contação na voz da professora e dos diversos momentos ofertados por ela junto às crianças e das surpresas encontradas por elas quando ouvem, contam e recontam histórias. Abrimos esse capítulo, em especial, com as palavras da professora Míria Hellen, que corrobora com o entendimento sobre ler, que é algo de sentidos, quando lemos sentimos e quando sentimos, vivemos e aí transformamos.

É na paixão pelo aprender e ensinar que enfatizamos o início do tópico da obtenção dos dados da pesquisa como o ponto chave entre todas as relações pedagógicas e humanas, pois acreditamos que essa paixão por fazer e saber é o que move as transformações entre as pessoas e o ambiente. Somente com ela é possível construir pontes capazes de nos levar para todos os lugares.

Configuramos o ápice da pesquisa as quatro semanas de observação com a turma escolhida para a construção de todo esse estudo, iniciamos com a permissão da professora Ariana, em uma conversa no aplicativo de conversas no celular: o *whatsapp*, dialogamos sobre os momentos e ela fazendo relatos iniciais de como está nesse momento remoto com as crianças e como acontecem suas interações.

> **Pesquisadora:** Boa tarde Professora Ariana gostaria de combinarmos como serão feitas as observações. Serão quatro semanas junto com você e a turma e em todos os momentos que houver interações síncronas e assíncronas, principalmente quando esses momentos envolveram: Leitura, literatura, contação de histórias, livros.... Marcaríamos o dia de início das observações e claro, como você se sentir mais confortável. Como estamos em momento de aulas remotas, pensei em fazer um vídeo com minha apresentação sobre o que irei fazer e qual as minhas intenções com a pesquisa e com os contatos com as crianças, o que ficaria mais fácil do que um encontro virtual com as famílias, já que todos estão com muitos afazeres, assim cada um visualiza quando e onde for possível.
> **Professora Ariana:** Acho importante, de fato o encontro virtual com eles seria bem complicado. E assim o vídeo de sua apresentação ficaria disponível a qualquer momento. Irei combinar com eles a sua entrada no grupo (WhatsApp) e depois te

retorno.
(DIÁRIO DE CAMPO, 06 DE JULHO DE 2021).

Logo, a professora foi ao preparo de um pequeno texto sobre a minha entrada no grupo dos responsáveis da turma para explicar sobre os momentos da pesquisa e as intenções com ela. Enfatizamos entre as conversas com os responsáveis, antes de tudo, a privacidade das informações sobre os nomes e rostos das crianças.

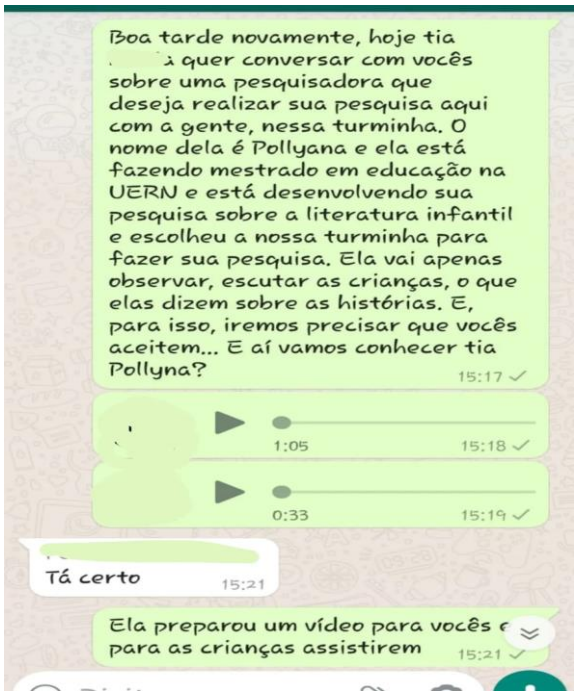


Figura 1 – Conversa com a professora Ariana e os pais/mães/responsáveis da turma.
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 2 – Envio do vídeo de apresentação
Fonte: *Arquivo da pesquisadora*

As demais conversas logo foram a respeito da aprovação da investigação com a turma e do tempo destinado para a pesquisa, sempre enfatizando a privacidade que será respeitada de cada criança, da professora e da escola como um todo. Alguns pais/mães/responsáveis comentaram sobre o que acharam a respeito da importância de pesquisa e de como ela se dará em todo processo e alguns mandaram mensagens escritas, outros de áudio do próprio aplicativo (*WhatsApp*).

> **Responsável 1-** Eu gostei muito do que ela falou, eu concordo com a pesquisa e gostei também de quando ela falou que respeitará a privacidade das crianças com fotos e nomes.
> **Responsável 2-** Eu lembro que em outro ano, meu filho também teve uma pesquisadora em sua sala, e foi muito bom a experiência.

A escola investigada já costuma receber estagiários e pesquisadores em geral e está sempre aberta para novas aprendizagens e formação de futuros profissionais, bem como seu aperfeiçoamento, assim como é um orgulho ter em seu quadro docente profissionais com títulos acadêmicos, não pelo título em si, mas pela busca de saber.

Assim como a professora Ariana teve sua identidade preservada e com uma escolha a altura de seu pseudônimo, as crianças também receberam nomes fictícios para relacioná-los com as suas falas e imagens. Seguindo na proposta de literaturas infantis, escolhemos então nomes para as crianças que saíram de autores conhecidos da literatura infantil, bem como de seus personagens mais marcantes.

RELAÇÃO DAS CRIANÇAS (INFANTIL II "A")

Criança 1- MARINA
Criança 2- LILI
Criança 3- CLARICE
Criança 4- MÁRIO
Criança 5- RAUL
Criança 6- MARCELO
Criança 7- PEDRO
Criança 8- MAURÍCIO
Criança 9-SYLVIA
Criança 10- ANA
Criança 11- EVA
Criança 12-RUTH
Criança 13- MÔNICA
Criança 14-VINÍCIUS
Criança 15- JOSÉ

Os nomes utilizados levam em consideração a mesma sequência da professora, uma escolha pessoal da pesquisadora, retirados de obra infantis em homenagem aos respectivos autores literários. Alguns tradicionais e outros relativamente novos para boa parte do público ou do acervo escolar, mas que demanda o mesmo cuidado e atenção em suas obras como os demais.

A escolha por *Marina* se dar por motivo da renomada escritora Marina Colasanti, que nas suas obras demandam fantasias no imaginário infantil que sempre se encontra nos acervos escolares e boa parte de projetos nas escolas que contemplem seus contos, sempre há suas obras presentes nesses meios.

Mário e *Lili* estão contemplados no mesmo formato, o criador e sua criação, Mário demanda do escritor prestigiado Mário Quintana e uma de suas tão famosas obras “Lili inventa o mundo” também bastantes presentes nas bibliotecas públicas escolares. A escolha pelos dois pseudônimos se deu por ser uma obra cheia poemas com viagens a lugares desconhecidos, mas repletos de sensibilidades e criações.

O pseudônimo *Clarice* é carregado de sentimentos, pois, é em lembrança às obras infantis de Clarice Lispector que são demandas de ficção entre humanos e animais que se

relacionam e ensinam lições que dificilmente se entenderia em outro formato, Clarice é reconhecida nacional e internacionalmente em diversos países.

Raul e *Ana* também consagram como uma ligação de autora e obra, Ana Maria Machado é a criadora do personagem infantil da obra "Raul da ferrugem azul" que traz em seu enredo as diferenças físicas e pessoais em cada indivíduo, à obra retrata a forma de como lidar situações desconhecidas como "as manchas azuis" na pele do menino e a sua viagem em todo caminho para descobrir-se.

Ruth e *Marcelo* também abrilhantam nossa pesquisa e as falas infantis por se tratar da famosa escritora Ruth Rocha e uma de suas muitas obras infantis "Marcelo, marmelo, martelo" normalmente encontrado nas escolas públicas, na obra o divertido personagem é um menino muito curioso por tudo que o cerca e vive enchendo seus pais de perguntas bem instigantes, sempre brincando com as palavras e rimas o que sempre anima a trama.

Pedro é retirado da obra internacional "Pedro coelho" já traduzido em diversos idiomas e com direito a produção e sequência de filmes, da autora britânica Beatrix Potter, criou o personagem marcante pelas aventuras de um coelho bem esperto que inventa um universo particular dentro e fora de casa.

Maurício e *Mônica* são em razão do querido escritor brasileiro Maurício de Souza, criador da famosa turma da Mônica sempre divertindo a criançada e atualizando conforme seus tempos e idades, desde o formato infantil original, como da turma mais jovem em outra versão, seus personagens não ficaram somente nos quadrinhos e gibis, mas ultrapassaram as telas da televisão, foi relacionado a filmes e pequenas series, Mônica é uma menina esperta e junto da sua turma de amigos descobrem o mundo.

O pseudônimo *Sylvia* faz referência as tramas infantis da escritora Sylvia Orthof que se encarregou de encher o imaginário infantil e infanto-juvenil com suas escritas, muito premiada e reconhecida nacionalmente por produzir contos que envolvem desde bruxas a o mundo animal, também bastante encontrada nas escolas públicas.

Para *Eva*, buscamos nos encantamentos da escritora Eva Furnari, muitos dos seus principais livros infantis são característicos por somente conter imagens e mexer com o lúdico e visual das crianças, muito conhecida suas bruxinhas que saem do papel de vilãs e se transformam em personagens divertidas e atrapalhadas nas escritas da autora.

Vinícius faz alusão ao escritor Vinícius de Moraes que se destacou no universo literário infantil quando suas obras a princípio de cunho religioso em "A arca de Noé" que

diverte as crianças com as histórias dos bichos, como também em "A casa" que adultos e crianças cantam até os dias atuais, uma casa imaginária que segundo o autor "não tinha nada".

Finalizando com *José* por ser lembrança às escritas de José Mauro de Vasconcelos no clássico "O meu pé de laranja lima" que o personagem principal da trama "Zezé" passa por situações bem típicas de uma criança não compreendida pelos adultos, com relações de comportamento agitado, sentindo-se sozinho ele começa uma amizade com um pé de laranja lima em seu quintal, ensinado sobre injustiças e negligências na infância.

Para os momentos de observação com a turma contamos com quatro encontros de forma assíncrona, o acompanhamento das tarefas de forma assíncrona e as interações por fotos, vídeos, áudios e textos. Totalizando quatro semanas de observações, sendo que na semana tivemos um encontro através do plataforma *Google Meet*, e no restante da semana, a devolutiva dessas interações.

No ingresso da pesquisadora ao grupo de *WhatsApp* com a turma, podemos dizer que foi um encontro bastante receptivo, uma vez que as crianças e as famílias já tinham sido comunicadas pela professora responsável e recebido o vídeo de explicação da pesquisadora. Assim que a professora adicionou a pesquisadora ao grupo e deu início a semana de aulas, muitas crianças e familiares cumprimentaram a pesquisadora, como também a professora.

Ressalva da professora Ariana é que o que se tornou bem complicado na educação pública brasileira em geral, foi à ausência de grande parte das crianças desassistidas por problemas sociais, emocionais e econômicos durante a pandemia do covid-19. Tornando assim, nessa turma, também, uma parcela das crianças ausentes desses momentos virtuais.

1º encontro – 23/07 – BRANCA DE SETE E OS SETE ANÕES

Os encontros síncronos são marcados nas sextas-feiras de toda semana, pois no início da semana é introduzida à temática trabalhada com outras tarefas para compreensão de um assunto de forma assíncrona, assim, na sexta-feira é feito um encontro virtual, através do *Google Meet*, de mais ou menos uma hora e meia de duração, no qual a professora, as crianças e seus familiares acompanham a interação em tempo real.

Por motivo de a professora fazer questão de dar ênfase, a pesquisa em questão, combinamos de focar nos momentos com a contação de histórias e o envolvimento com a literatura trabalhada na semana em evidência. Assim, como já mencionamos a professora

Ariana já realiza a contação de histórias em suas aulas, e agora, com as necessidades do momento, muitas são feitas em plataformas digitais.

Diante de tantas mudanças ocorridas ao longo dos tempos em relações às tecnologias digitais, a internet e todo esse meio, podemos perceber que os hábitos mudaram no mesmo formato, consequentemente, as pessoas ficaram mais atentas às telas: celulares, *tablets* e computadores e assim passaram a ter contato maior com leituras variadas. Não necessariamente com leituras eficientes, mas diversidades de textos e formatos variados de leituras. Santaella (2004, p. 36) afirma:

> Fora e além do livro, há uma multiplicidade de modalidades de leitores. Há o leitor de imagem, desenho, pintura, gravura, fotografia [...] hoje, esse leitor das telas eletrônicas está transitando pelas infovias das redes, um novo tipo de leitor, imersivo [...]. (SANTAELLA, 2004, p. 36).

A autora corrobora nesse assunto quando se conversa sobre o leitor emissivo, transcrevendo um novo formato de leitor, que está em contato direto com outras redes de apoio e comunicação. Abrindo-se a um leque de possibilidades que transcendem os livros físicos ou formatos tradicionais de contato com as leituras, sabendo que todos eles são essenciais nessa formação. É necessário fazer uma dissociação entre os textos necessários à formação do indivíduo e eficientes de meros textos jogados na rede sem fundamentos.

Assim Ariana incorporou junto a esse momento de contatos virtuais, as ferramentas digitais como apoio a contação de histórias, então ela compartilha ao grupo de pais/mães/responsáveis links de acesso a conteúdos literários digitais.

Nessa primeira semana de observação começamos a identificar a temática trabalhada pela professora diante dos contos abordados e, como influência, nas falas infantis a partir de interesses já existentes pelas crianças e das suas realidades ouvidas e vividas em convivências com outras crianças e demais adultos. Ariana inicia suas aulas de forma síncrona, com tradicionais "bons dias" por parte das crianças em formato de áudios com ajuda dos responsáveis, músicas de início, data e chamadinha.

Para introduzir a leitura trabalhada a professora Ariana dinamiza a aula com a descoberta do conto em destaque, ela então instiga nas crianças por meio de músicas referentes ao conto:

> **Professora Ariana:** Gente olha só, a tia *Ariana* irá cantar uma musiquinha para vocês e vocês vão me dizer se vocês sabem de que história é essa música tá bom?
> - Eu vou, eu vou, pra casa agora eu vou, eu vou, eu vou, parara tim bum, eu vou, eu vou...

José: é a branca de neveeeee...
Ruth: branca de neve, tia!
Vinícius: é a branca de neve
Ana: É a dos sete anões.
Professora Ariana: Isso criançada, é a branca de neve e os sete anões.

Algumas crianças depois também responderam à pergunta inicial da professora e foram unânimes sobre a referência do conto com a música cantada por ela. A professora Ariana seguiu com a dinâmica da aula e instigou as crianças a assistirem a contação da história "Branca de neve e os sete anões" de forma virtual, a própria professora enviou um vídeo realizando a contação.

Nesse contexto de pandemia, os professores em geral, tiveram que se reinventar e buscar outras soluções para chegar até as crianças e fazer com que os conhecimentos escolares não ficassem à deriva. Assim, utilizou-se de ferramentas digitais como nunca feito antes, uma vez que, todo e qualquer interação precisaria ser desse formato.

> **Professora Ariana:** é muito difícil e complicado esse momento, sabe Pollyanna, as dificuldades são muitas, e mesmo buscando diariamente a participação desses alunos ainda é muito baixa, alguns não conseguem de forma nenhuma participar, mesmo enviando tarefas impressas para casa, ou coisas desse tipo, as famílias também estão passando por esse momento e não está fácil. A nossa escola, sempre busca soluções, e nós, professoras, sempre criamos diversos conteúdos, coisas que precisamos aprender do zero e se virá. (DIÁRIO DE CAMPO, 08 DE JULHO DE 2021).

Na turma em questão a participação ainda é bem inferior comparado aos momentos no presencial e do total de crianças matriculadas na turma cerca de 10 (dez) participam diariamente e o restante alterna entre uma atividade ou outra, ou até mesmo nenhuma participação. A participação nesse dia contou com um número significativo de crianças.

Alguns minutos depois, a professora repassou áudio perguntando se as crianças ouviram a histórias e se reconheceram a voz da narradora, pois ela tinha gravado o vídeo com a contação, assim como também questionou as crianças sobre gostar ou não da história contada, a maioria respondeu com um positivo para as duas perguntas e a então uma mãe comentou:

> **Responsável:** Mônica não tirou os olhos da contação da história, ficou muito atenta e sorriu bastante, principalmente ao ouvir sua voz tia Ariana.
> **Professora Ariana:** Que bom Mônica, e o restante da turma, sabem dizer onde essa história está se passando?
> **José:** na floresta tia!
> **Professora Ariana:** Isso José, na floresta. E vocês sabem quem são os personagens dessa história?
> **Raul:** A branca de neve, os sete anões, a bruxa malvada, os pais da branca de neve.
> **Lili:** e o príncipe.

Outras crianças também repetiram os nomes dos personagens e a professora seguiu com outras perguntas relacionadas ao conto como “quem era o personagem mal dessa história” “o que aconteceu ao final” “o que a bruxa fez para adormecer a branca de neve” e assim seguiu.

É comum encontramos na prática do professor e sua contação de histórias, ouvirmos perguntas relacionadas à interpretação do conto sobre respostas já prontas e esperadas, uma vez que, a sensação e emoção ao contar, ouvir e recontar uma história é involuntário, principalmente nas crianças, e esperar sua reação pode dar a intenção de que a criança não assimilou o que foi contado. Contudo, as experiências das crianças a partir desses contos infantis são imprevisíveis e segundo Dewey (2011):

> Qualquer experiência que tenha o efeito de impedir ou distorcer o amadurecimento para futuras experiências é deseducativa. Uma experiência pode ser de tal natureza que produza indiferença, insensibilidade e incapacidade de reação, limitando, assim, as possiblidades de experiências mais ricas no futuro. (DEWEY, 2011, p. 27).

O silêncio por parte das crianças não quer dizer “não gostar” ou “não entender”, mas simplesmente o desejo por guardar para si mesmo a sensação, elas precisam estar livres para expressar-se, não necessariamente as perguntas sobre a interpretação do texto seja errôneo, mas pode tornar-se enfadonho a uma tarefa a cumprir, se ela encerrar nessa função. Pois se espera que a função das leituras e dos contos tenha caráter promotor da formação leitora em cada indivíduo, assim como relata Vygotsky (2014, p. 360) “o sentido saneador e saudável na vida emocional da criança”.

Outro relato feito pela professora Ariana é que a participação da família junto às tarefas dos alunos é um fator muito positivo, mas em algumas vezes se torna “intruso” nos momentos de expressão das crianças.

> **Professora Ariana:** Eu sempre falo para os pais deixarem as crianças livres para falar e dos jeitinhos delas, mas algumas vezes percebe-se a voz deles ao fundo, como se tivesse coordenando as falas, fica complicado, pois eu sempre lembro de que é importante que eles falem e se comuniquem comigo e com as outras crianças. (DIÁRIO DE CAMPO, 08 DE JULHO DE 2021).

Ao longo da semana foram realizadas atividades que envolviam o conto “A branca de neve e os sete anões” bem como, as do livro didático. Outro relato pela professora é sobre a dada importância desses livros aos responsáveis, dependendo da tarefa pode sofrer alterações de devoluções por parte das crianças. Quando não é feita pelo livro didático, o retorno é mais demorado.

Alguns desenhos:

Figura 3 – Maçã

Figura 4 – Maçã

Figura 5 – Maçã

Figura 6 – Maçã

Figura 7 – Maçã

Figura 8 - Maçã

Em outro momento de interação assíncrona, depois de receber as crianças com músicas e “bom dia”, em seguida pela chamadinha, a professora inicia a aula com um link de

acesso para uma plataforma de vídeos que abre uma música sobre o conto da "branca de neve" mais especificamente relacionada ao espelho. Nela, a professora questiona aos alunos:

> **Professora Ariana:** Na música fala que podemos ver o mundo melhor através do espelho. Se vocês pudessem ver qualquer coisa por traz do espelho, o que eles escolheriam ver? Vou começar por mim, ok? – Eu gostaria de ver por traz do espelho as crianças felizes em um mundo sem fome.
> **Vinícius:** Tia, eu olho no espelho e me vejo.
> **Mauricio:** Eu gostaria de ver o Titanic de verdade.
> **Ana:** Gostaria de ver brinquedo pra eu brincar.
> **Marcelo:** dá pra ver um menino bom, que sou eu, Marcelo.
> **Ruth:** Eu queria ver um unicórnio.
> **Lili:** Eu gostaria de ver um coração, gigante.
> **Sylvia:** Eu gostaria que a pandemia acabasse para eu ir pra praça brincar.

Nas falas das crianças podemos perceber a variedade de criação entre cada uma, a imaginação flui e transcende qualquer limite do real, uma vez em que são possibilidades de realizarem qualquer desejo. O contato com os contos diversos enriquece suas experiências de mundo e dos contatos com os outros. Engel (1999, p. 207) retrata essa vivência que "quanto mais rico for o repertório de gêneros e o vocabulário narrativo da criança, mais competente e poderosa ela será na reflexão sobre suas experiências e em sua comunicação com os outros".
E ela continuou a indagar as crianças sobre seus desejos:

> **Professora Ariana:** A bruxa má tinha um espelho mágico e lá ela pedia coisas ao espelho. E vocês, se tivessem um espelho mágico que pudesse pedir coisas, o que vocês pediriam?
> **Lili:** Eu pediria uma chuva de chocolate
> **Ana**: Eu pediria o fim da pandemia.
> **Ruth:** Eu pediria um pônei
> **Sylvia:** Uma amiguinha
> **Maurício:** Chuva de chilito.
> **Vinícius:** Que todo mundo fosse pra igreja
> **Pedro:** Um brinquedo novo

É perceptível as particularidades em cada criança, e o quanto cada uma tem características e vontades diferentes a sua maneira, a "chuva de chocolate" pedida por *Lili* é a caracterização de que a criança adentra em uma realidade paralela a de qualquer outro adulto, que não é tão incomum como costumamos pensar em relação a criança, é basicamente sua livre expressão da fantasia de algo já relacionado com sua experiência de mundo, que segundo Vygotsky (2003, p. 16) são "combinações dos mesmos elementos tomados da realidade, submetidos a modificações e reelaborações em nossa imaginação".

Em outra atividade relacionada ao conto em questão, a professora Ariana promove uma produção de um desenho dentro do espelho para um desejo da criança que ela irá pensar

em qualquer pedido para que o espelho realize. Fotos de atividades enviadas ao grupo em momento assíncrono de interação:

Atividade – Espelho, Espelho meu, realize um desejo!

Figura 9 – Sylvia "Uma amiga com cabelo longo"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

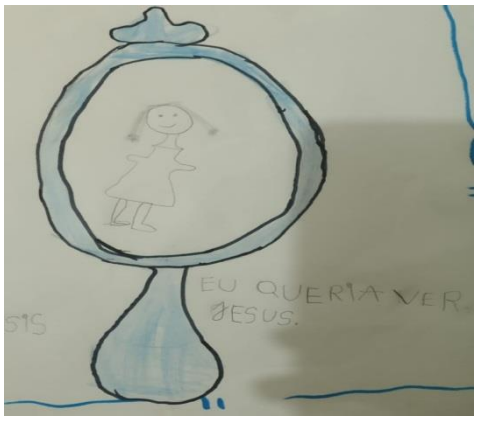


Figura 10 – Ana "Queria ver Jesus"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 11 – Pedro"Ter irmãozinhos gêmeos
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 12 – Vinícius"Brincar com os amiguinhos na escola"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

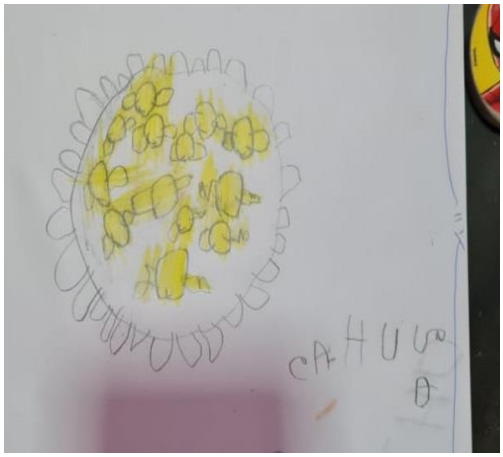


Figura 13 – Lili *"Chuva de chocolates"*
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 14 – Ruth*"A princesa Elza"*
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Diante as imagens dos desenhos produzidos pelas crianças podemos identificar suas singularidades ao desejo de algo possível ou não, para alguns, esse desejo profundo pode ser por um momento como enfatiza Vinícius em "brincar com os amiguinhos da escola" e em se tratando de estar a tanto em tempo em casa, como o vivido nesse presente, as crianças ficaram ainda mais ansiosas nos contatos com as outras.

Já Lili fantasia uma "chuva de chocolate" momento vivido através do experimento antecessor do sabor de um doce, e da vontade de multiplicar essa sensação, reproduzir a um nível elevado essa experiência. Assim se renova suas fantasias e desejos, como corrobora Vygotsky (2003):

> O ser que se encontra plenamente adaptado ao mundo que o cerca, nada poderia desejar, não experimentaria nenhum afã e certamente nada poderia criar. Por isso na base de toda ação criadora reside sempre a inadaptação, fonte de necessidades, sonhos e desejos [...] a existência de necessidades ou sonhos põe, assim, em movimento o processo imaginativo. (VYGOTSKY, 2003, p. 35-36).

O autor acima comprova que é com bases em desejos para suas realizações que se movimentam os sonhos e consequentemente às intervenções para transformá-lo em possíveis, uma que esse é ponto de partida, os sujeitos são inacabados. Sempre há vontade em melhorar-se e transformar-se.

Para o encontro síncrono dessa proposta, a professora Ariana, que durante toda semana abordou em atividades a contação da história "Branca de neve e os sete anões", contou com

essa interação para saber das falas infantis o interesse pela contação, e as contribuições para essa faixa etária tanto em âmbito escolar, como também no familiar, e a construção do leitor.

A interação inicia com alguns pontos importantes para destacar, o fato de que as crianças preparam fielmente esse momento de encontro com a professora e os colegas, ficando sempre atentos a fala de todas. Um ponto em destaque é que a maioria das crianças estavam vestidinhas com as fardas da escola, arrumadas, e com alguns materiais escolares disponíveis sobre mesas.

A professora Ariana recontou a historinha "A Branca de neve e os sete anões" agora de forma direta com as crianças, momento principal para a expressão dos pequenos, assim que finalizou ela questionou:

> **Professora Ariana**: E aí crianças, gostaram da historinha?
> Maurício: Não.
> **Professora Ariana:** Não? Por que não Maurício?
> **Mauricio:** Porque não! Ué?

Mauricio não sabia explicar o motivo por não ter gostado da historinha, ele simplesmente não gostou, compreendemos a ação do questionamento da professora, pois percebemos sua empolgação pelo conto, e também por questionar no sentindo de saber o que não tinha agradado o aluno, até como uma forma de modificar algo ou fazer de outra forma.

Como esclarece Piaget (1994 p. 297) "o individuo começa a compreender tudo e tudo sentir a partir de si próprio, antes de distinguir o que pertence às outras coisas ou às outras pessoas e o que resulta de sua perspectiva intelectual e particular". Para a criança, o primeiro momento é o que fica e no caso do Mauricio, talvez não exista algo de "errado", mas o simples "Não gostei! Ué?".

Um fato interessante é pensar que no momento assíncrono, da primeira contação, no início da semana, todas as crianças que participaram da aula, retornaram com áudios positivos, que tinham gostado bastante do conto, mas no momento síncrono, a primeira criança logo manifestando a sua sensação com negação. Talvez isso aconteça em razão, de que no primeiro momento as expressões das crianças estavam de certa forma em "controle dos pais/mães/responsáveis", o que permite entender na fala da professora Ariana, que é bem comum que os responsáveis interfiram nesses momentos.

> **Professora Ariana:** é muito importante a participação de todos, não deixem de realizar as tarefas, se possível façam vídeos das crianças no momento de reconto da historinha, mas eu peço família, que deixem que elas se expressem sozinhas, falando da forma delas, elas conhecem a história.

(DIÁRIO DE CAMPO, 23 DE JUNHO DE 2021, MENSAGEM VIA WHATSAPP).

A participação da família sempre foi fator positivo na aprendizagem das crianças, principalmente, nesse formato em colaboração com a escola, essa é uma ação muito benéfica, pois ambas compartilham saberes. Mas esses momentos não podem sobrepor a livre expressão das crianças. Outro fator a ser considerado é a participação nas tarefas, que quando é realizada no livro tem participação maior do que as demais, como por exemplo, essas em relação à contação, são de participação menor.

2º encontro – 30/07 – A CASA DOS MEUS AVÓS

Em comemoração ao dia dos avós, a professora Ariana inicia a semana com esse conto "A casa dos meus avós" de autoria de Ariana Pinheiro Cyrino, a autora retrata na sua obra a seu convívio com o ambiente aconchegante e acolhedor que é a casa dos avós, esses atores que são tão subjetivos nas aprendizagens de uma criança, a todo canto e todo cheirinho lembra a casa dos avós, é uma retomada a infância de qualquer pessoa, são os momentos de partilha com toda família.

Figura 15: Livro – A casa dos meus avós
Fonte: site docero.com.br

A professora seguiu a contação fixando as páginas uma a uma à medida que ia realizando a leitura por meio de áudio. Em resumo a historinha conta detalhes que podemos encontra na casa dos avós, além disso, a autora também usou suas próprias ilustrações no livro, na medida da leitura a professora relata de lista de comidas a brinquedos que podem ser encontrados na casa dos avós. Fazendo uma alusão a tudo que uma criança gosta e imagina.

Ariana finaliza com “Fim da históriaaaaa! Quem gostou bate palmas”, todas as crianças presentes afirmaram ter gostado da história, e como a tia Ariana tinha falado sobre as palmas, também foi possível ouvir nos áudios enviados, até mesmo de mais de uma pessoa, pois muitos também têm irmão e eles acabam participando da interação, contribuindo a sua forma, o que deixa mais enriquecido o momento.

> **Professora Ariana:** Gente, na casa do vovô e da vovó pode tudo?
> **Pedro**: Não!
> **Eva:** Nem tudo
> **Lili:** Na casa da minha não
> **Raul:** Pode não, porque vovó fica gritando.
> **Professora Ariana:** Vocês acham divertido ir à casa da vovó?
> **Marina:** Eu gosto
> **Ana:** Eu gosto lá da outra vovó, que é do sítio.
> **Mônica:** Eu estou na casa da minha vó, minha bisavó.
> **Ana:** que lá tem cavalo, galinha.
> **Mário:** Gosto de ir pra casa dos meus avós

As crianças puderam compartilhar uma pequena parte dos seus sentimentos com as relações entre seus avós. Logo de inicio afirmaram que nem sempre é possível fazer tudo, uma atenção à fala de Raul é no momento em que a sua avó grita com ele. Durante esse período pandêmico muitas crianças precisaram ficar com os avós, para que as mamães e papais pudessem trabalhar. O que não é uma tarefa fácil para ambas as relações. Primeiro para a criança, cheia de energia, muitas perguntas e bagunça, e para os avós que na maioria das vezes já se encontram bem cansados fisicamente e impacientes com coisas de crianças.

A segunda fala de destaque é da Ana que se sente realizada em visitar uma de suas avós que mora na zona rural da cidade, e suas aventuras são muitas quando encontram os bichinhos, animais que não são de seu convívio ou de costume encontrar no seu dia a dia na cidade.

Assim como relatado antes, em Raul, Mônica também estava na casa da avó, confirmando o pressuposto de que muitos precisaram sair de suas rotinas para cuidar dos netos enquanto os responsáveis trabalhavam, sem a ida presencial à escola. E o diálogo segue com a professora:

> **Professora Ariana:** Agora só um segredo entre a gente. O que seus avós deixam vocês fazerem que a mamãe e o papai não deixam?
> **Eva:** Comer doce, mainha não gosta de eu comer doce.
> **Pedro:** Ela deixa eu comer tudo o que eu quero.
> **Mônica:** comer pirulito
> **Marcelo:** Tia, minha vó deixa eu correr, minha mãe não deixa.
> **Clarice:** Ela deixa eu tomar banho na cascata, gastando água e me empresta o celular dela.
> **Sylvia:** Minha vó deixa eu fazer tudo que minha mãe não deixa.

> **Mariana:** Minha vó não deixa eu correr, porque tem medo que eu caia.
> **Professora:** Gente eu estou me divertindo ouvindo esses áudios. Então agora vocês vão fazer uma atividade bem linda, vocês vão desenhar o que vocês mais gostam de fazer na casa dos avós de vocês. Façam com bastante capricho e contem aventuras feitas na casa da vovó.

As crianças demonstraram com muita sinceridade, falaram o que faze mesmo sabendo que não é possível nas regras com os responsáveis, tornando assim a ida à casa dos avós um momento muito particular e especial, e algumas vezes "quebrando as regras" estabelecidas em casa. Os doces e tarefas fora de hora regrada, é sem dúvida o ápice para uma criança, é uma sensação de fora de seu cotidiano.

A maioria relatou ações e comidas que não são permitas pelos seus responsáveis, mas com atenção para a fala de *Mariana* que é diferente das demais, quando diz que não é possível "correr" na casa da vovó, pois cada família tem sua particularidade e a da *Mariana* já segue um instinto mais protetor que segue até mais do que as regras dos pais.

A leitura possibilitou fazer um elo entre o conto e o cotidiano de cada indivíduo, permite reviver sensações, e querer ouvir mais uma vez uma história, ela não é somente formada por letras ou imagens, mas também contém sabor e aroma, à medida que cada criança foi fazendo seu relato sobre as possibilidades da casa da avó, percebemos as emoções no relato das comidas preferidas e doces tão desejados. A partir desse conto as crianças puderam reviver essas sensações.

Clarice rememora os banhos de cascata sem fim, para ela aquele é o momento em que o tempo para, e mesmo que se passem horas, continua permitido viver e viver novamente esse momento tão mágico. Mesmo sem entender ao certo o valor financeiro de gasto de energia, ela consegue atribuir como sendo tão importante as medidas de banho, umas horinhas naquela cascata é um passeio no tempo da sua imaginação. Assim, como afirma Abramovich (1997):

> É ouvindo histórias que se pode sentir (também) emoções importantes, como a tristeza, a raiva, a irritação, o bem-estar, o medo, a alegria, o pavor, a insegurança, a tranquilidade, e tantas outras mais, e viver profundamente o que as narrativas provocam em quem as ouve. (ABRAMOVICH, 1997, p. 17).

Nas palavras da autora percebemos que esses momentos se traduzem nas viagens, e uma das formas mais importantes de eternizar memórias é sentindo-as como uma forma de voltar ao tempo, mas como um sopro que nos vem e vai.

A professora mencionou mais uma atividade para as crianças que, em sua maioria gostaram e ficaram tão atentas durante o conto infantil e as demais que não puderam participar que lançou mais um desafio às crianças: produzir um desenho que relacione a

história infantil “A casa dos meus avós” e a real casa dos avós de cada criança. Todos se mostraram muito animados, pois gostariam tanto de mostrar a turminha coisas que tinha na casa dos avós, como também apresentar aos avós essa produção, como a proposta da professora uma vez que a data comemorativa do dia dos avós ocorre em 26 de julho.

E assim as crianças aceitaram a desafio:

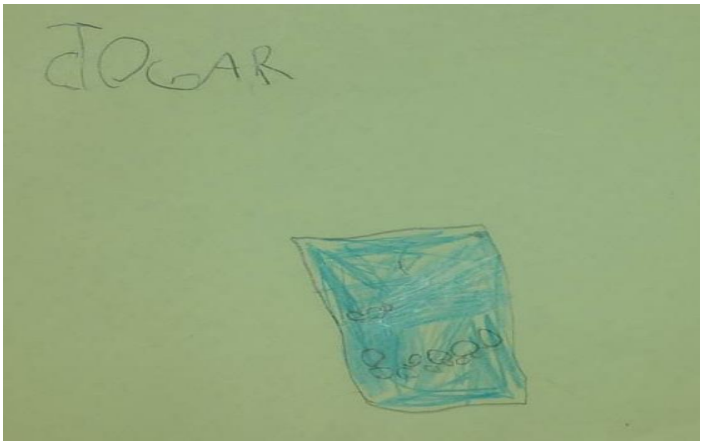


Figura 16: Jogar no celular
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Mauricio retrata em seu desenho e explica através de áudio enviados ao grupo que não é comum receber dos pais o celular para brincar, mas quando chega na casa da avó ele recebe o aparelho para ficar a vontade na internet.

> **Maurício:** Minha vó deixa eu ficar com ele por muito tempo, é muito bom.
> **Professora Ariana:** É mesmo Maurício? Ahh então é por isso que você deve gostar muito de ir na casa da vovó.
> **Maurício:** é sim tia.

As possibilidades na casa da avó, é percebida tanta no conto referido acima quanto nas palavras da criança, para ele, a lembrança desses momentos enche sua vontade de retornar a casa dos avós, mesmo sabendo que é uma condição reprovada pelo pais.

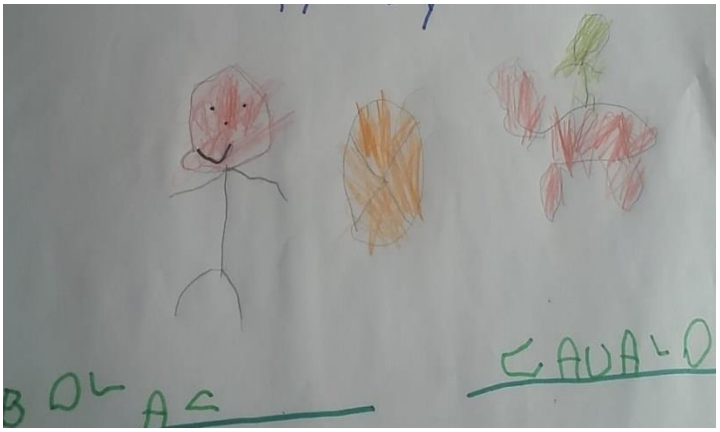


Figura 17: "Andar de cavalo"
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Já *Ana* experimenta sensações que não é possível em seu cotidiano na cidade, o "andar a cavalo" é uma relação direta em entre ela e a avó, consequentemente o contato com animais não presentes no seu ambiente normal.

Figura 18: "Jogar no celular, tomar sorvete e assistir tv no balanço da rede".
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Mariana assim como no conto referido reproduz uma "listinha" de afazeres na casa dos avós que lhe dá muita alegria, ela relata os afagos da avó com ela, assim como o amor dos a pais e da sensação semelhante a proteção deles. Os afetos dos avós na vida dos netos são plurais no desenvolvimento das crianças.

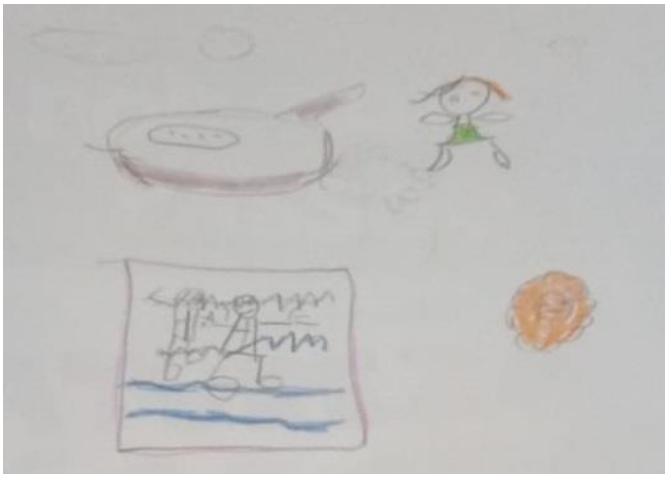


Figura 19: "Tomar banho de praia mais minha vó"
Fonte: Arquivo da pesquisadora.

Professora Ariana: Que legal Clarice, você vai a praia com a sua avó?
Clarice: É porque tia, minha vó mora na praia, e sempre é bom lá. Eu amo tomar banho de praia, é uma das minhas coisas favoritas

Figura 20: "Comer bala fini"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 21: "Chupar picolé"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Mário e *Sylvia* retraram na memória os sabores dos momentos com os avós, são as nossas memórias "gustativa" que mesmo involuntariamente a sentimos e recordamos-nos do paladar pela lembrança do momento vividos, são entre tantas as sensações uma das mais fortes sentidas quando somos intigados a visitar uma afeição antes produzidas. No caso das crianças, principalmente, são os doces desgustados, mesmo não sendo os intruidos pelos pais.

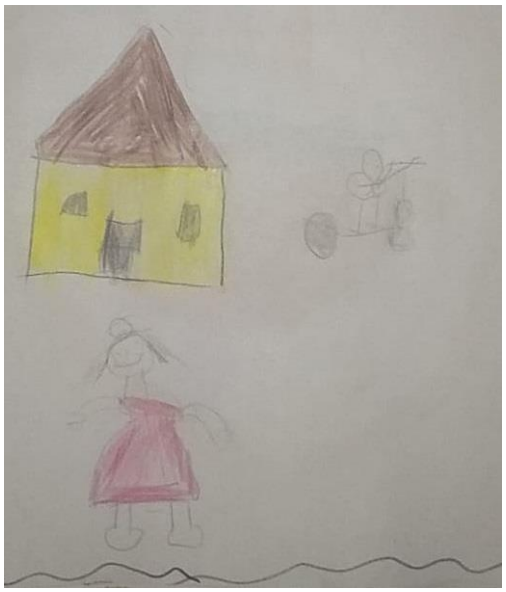


Figura 22: "Andar de bicicleta"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 23: "Te amo vovó"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 24: "Eu e meu vovô"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 25: "Minha família com a vovó"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Os desenhos dos alunos *Mônica, Raul* e *Lili,* respectivamente, retratam os sentimentos de felicidade com os avós, da expressão desses afetos e da união "família" com esses membros tão importantes para o crescimento saudável de uma criança criar afetos, por diferentes membros da família, reforça os laços de proteção e segurança que toda criança necessita para seu pleno desenvolvimento em sociedade, de igual modo, a ligação entre eles e para consigo.

3º Encontro - 06/07 – A BRUXINHA ATRAPALHADA

Para a abertura de mais um encontro tanto de forma síncrona como também assíncrona, temos como referência uma das autoras de obras infantis citadas a partir dos nomes fictícios dados às crianças da pesquisa, a autora Eva Furnari, autora de diversas obras, se consagrou nesse universo literário na chamada "Leitura de imagens". Suas obras são destinadas ao público da Educação Infantil, na maioria das vezes, por considerar que as

crianças pequenas que não têm o domínio da palavra escrita, possam fazer a leitura através dos elementos existentes em seu cotidiano.

Além de escritora, Eva Furnari também ganhou destaque por ser ilustradora, seus livros contem reprodução próprias e do seu imaginário através das viagens a sua infância, ela já inicia sua produção desde pequena, por gostar de desenhar e assim pôr em desenhos suas palavras. Outra característica em suas obras é pela sua personagem principal na maioria delas, a bruxinha, em contradição às demais obras infantis, nas leituras de Eva, a bruxinha não é má, muito pelo contrário, é uma bruxinha muito simpática, divertida e atrapalhada.

Figura 26: "Autorretrato: Eva Furnari"
Fonte: Site wikipédia.com

A imagem acima retrata a própria autora com referência às suas obras caracterizada de bruxinha, sempre sorridente, alegre e divertida, Eva transforma um tradicional sentido de má atribuído às bruxas em algo contente e brincalhona. Tipicamente às bruxas dos contos de fadas são responsabilizadas pelos momentos de maldade e ações traiçoeiras, adjetivos não admirados, com sentido, pelas crianças e adultos que leem, mas nas obras de Eva pudemos nos divertir e reconfigurar esses sentidos para as ações positivas e assim, também querer "ser uma bruxinha".

A professora *Ariana* após as intervenções de inicio da aula envia um link de acesso a uma plataforma de vídeos que reproduz o conto "A bruxinha atrapalhada" da autora citada, após minutos de aguardo para a reprodução por parte das crianças a professora inicia uma interação.

Professora Ariana: Me contem, o que vocês acharam da historinha? E como foi a história.
Mário: Eu gostei Tia

> **Pedro:** Tinha um gato e uma bruxa.
> **Lili:** Tia, a bruxinha atrapalhada achou no chão uma chave ai depois ela fez uma porta e entrou.
> **Mário:** Tia Ariana a bruxa achou o gato, achou a chave e fez uma cama para eles se deitarem.
> **Professora Ariana:** Muito bem pessoal, foi isso mesmo.

É interessante perceber que mesmo assistindo e ouvindo uma única história a reprodução dela é diferente em cada fala, há diferenças, mas há o destaque no reconto pela voz em cada criança, com seu jeito e peculiaridade.

E mesmo sem a escrita de palavras, o entendimento em cada criança é único e particular, pois são seres múltiplos que mesmo fazendo algo semelhante, descrevem ao seu modo particular. Assim indaga a professora:

> **Professora Ariana:** Gente, e para vocês entenderem a historinha, precisou ter algo escrito nela?
> **Vinicius:** eu entendi pelas imagens
> **Professora Ariana:** Isso mesmo, porque as imagens nos disseram tudo.
> **Lili:** Não tia Ariana, eu vi mesmo a historia, aí eu reconheci.
> **Professora Ariana:** Isso mesmo Lili, e quem fez essa história foi Eva Furnari, ela faz história só com imagens, a gente que precisa usar nossa imaginação para compreender. Mas é fácil de entender. Essas histórias que só tem imagens cada um pode criar a história que quiser, de qualquer forma. E agora eu tenho um desafio para vocês. Eu trouxe outra história de imagens e nós vamos criar um texto coletivo. E quero que todos participem, eu vou mostrando as imagens, vocês vão me falando e eu vou notando aqui para vocês. Combinado?
> - todos os alunos concordam.

A professora Ariana, como de costume começa perguntando para as crianças se elas gostaram do texto e o entendimento delas sobre a obra. Assim, cada criança ao seu modo e com suas interpretações pessoais. Em seguida, ela menciona o tipo de leitura abordada, a leitura de imagens, e a não necessidade de conter palavras escritas para se fazer a leitura. É muito importante frisar o quanto essas leituras são benéficas e cheias de incentivos, principalmente nessa fase, para a introdução ao mundo literário e para o prazer de ler histórias.

Em seguida a professora comenta a respeito da escritora, que deixa a margem dos leitores à história criada a seus modos. Desse modo, incentiva as crianças de que elas podem criar sua própria historinha e se divertir.

Logo depois, ela lança o desafio para a turma, fazer a história na forma que eles interpretaram como visualizam, à medida que for falando, a professora irá enviar as imagens e cada um vai contando a história junto com os demais, a professora nesse momento será a escrita e ao final da atividade ela irá reproduzir como a história se formou. E assim começou:

Figura 27: "O chapéu parte 1"
Fonte: arquivo da professora Ariana

Professora Ariana: Aí está escrito "O chapéu"

Figura 28 – "O chapéu parte 2"
Fonte: arquivo da professora Ariana

Professora Ariana: Me contem ai
Mário: O chapéu está na cabeça, a bruxa está sentada com um negocio azul e o gato.
Lili: Era uma vez uma bruxa com chapéu pastorando o seu gato
Raul: A bruxa tá descansando ao lado do gato.
Mônica: A bruxa achou um passarinho azul
Professora Ariana: Então tia Ariana irá pegar a opinião de cada um aqui. – "Era uma vez uma bruxa sentada perto do seu gato e de repente apareceu um passarinho azul".

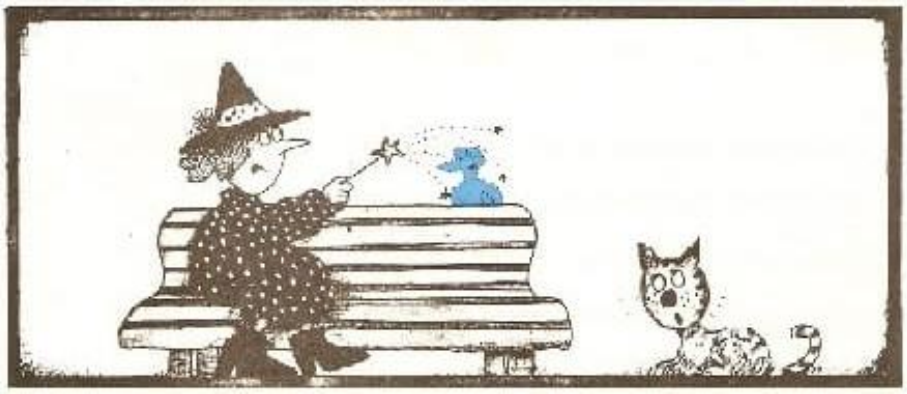


Figura 29 – *"O chapéu parte 3"*
Fonte: arquivo da professora Ariana

Professora Ariana: E agora? O que aconteceu?
Raul: Fazendo uma mágica no passarinho.
Mário: uma vez a bruxa tava no seu banco com seu gato, e logo chegou o passarinho, e foi conversar com ela e a bruxa pegou a varinha e transformou em outro animal.
Professora Ariana: Então irei colocar assim "A bruxa pegou sua varinha e fez uma mágica no passarinho..."
Mário: Para falar, fez o passarinho falar.
Professora Ariana: Vamos descobrir o que ela transformou o passarinho na próxima imagem

Figura 30 – "O chapéu parte 4"
Fonte: arquivo da professora Ariana

Professora Ariana: Eita! E agora?
Mônica: mais oque que a bruxa fez, virou o passarinho em chapéu.
Lili: Tia, a bruxa transformou o passarinho em chapéu.
Raul: Fez ele virar um chapéu.
Mário: um chapéu bonito
Professora Ariana: Então tia colocou assim "A bruxa pegou sua varinha e fez uma mágica no passarinho, transformou ele em um lindo chapéu azul.

Figura 31 – "O chapéu parte 5"
Fonte: arquivo da professora Ariana

Professora Ariana: E agora? Oque está acontecendo?
Mário: Ela botou em sua cabeça
Lili: Ela botou o chapéu azul na cabeça
Mônica: A bruxa transformou o passarinho em um chapéu azul e colocou na cabeça.
Raul: Ela colocou o lindo chapéu dela na cabeça
Lili: colocou o chapéu mais bonito na cabeça
Professora Ariana: Ah! Então vou colocar assim "Ela achou ele tão lindo que o colocou na sua cabeça" e agora para terminar a história, é a ultima imagem.

Figura 32 – "O chapéu parte 6"
Fonte: arquivo da professora Ariana

Professora Ariana: E aí crianças, como vai ser esse final?
Lili: Tem asa e voou da cabeça dela, e ela ficou no banco.
Mônica: e o chapéu da bruxa voou
Pedro: tava um vendo muito forte e o chapéu da bruxa voou
Professora Ariana: Gente eu acho que o chapéu não voou por causa do vento não.
Raul: Foi o passarinho azul
Professora Ariana: E aí, como a tia coloca?
Raul: tirando seu chapéu, é um passarinho, aí eu acho que tava se transformando num passarinho.
Mônica: e o chapéu criou assas e fugiu e voou
Ana: o chapéu já tinha asas e voou.
Professora Ariana: Então eu vou colocar assim "Ela achou tão lindo que o colocou na cabeça, só que o chapéu tinha asas, e voou" e como foi que ficou o gatinho nessa história?
Lili: o gatinho ficou admirado porque viu, ficou assustado.
Raul: O gatinho ficou muito assustado, muito [...]
Professora Ariana: Então vou colocar assim "O gato ficou assustado, observando, a mágica atrapalhada da bruxinha". Pode ser?
-Todos concordaram

A professora lê a história completa criada por eles

Professora Ariana: e aí gente, vocês gostaram?
Raul: Gostei
Mônica: Gostei muito tia
Lili: Gostei

As crianças acompanharam atentamente as imagens que eram enviadas pela professora e consequentemente o aguardo da continuação da história, era imediato as resposta vindas por elas, também podemos perceber a interação das respostas de uns com os outros, que em momentos concordavam, e em outros, já eram bem diferentes. Ramos (2013, p. 31) corrobora com esse pensamento quando diz que esse tipo de leitura "pede entrega e envolvimento emocional".

É preciso colocar as crianças como o centro dessa interação e compreender nas suas reações as muitas colaborações para sua aprendizagem, assim como observar situações que envolvam o emocional que pode vir causar ações negativas, como: o medo, a insegurança, a fadiga emocional, por exemplo. Nessas situações, as reações adversas são contribuições para a interpretação de adultos que cuidam e as protegem como fator social.

Como interpreta Camargo (1995):

> [...] experiências de cada um e das perguntas de cada leitor faz ás imagens, ele pode se tornar um ponto de partida de muitas leituras, que podem significar um alargamento do campo de consciência de nós mesmo, de nosso meio, de nossa cultura, e do entrelaçamento das nossas com outras culturas, no tempo e espaço. (CAMARGO, 1995, p. 79).

Promovendo ao universo infantil uma fonte inesgotável de ações para compreensão de comportamentos, dúvidas, incertezas e tantos outros sentimentos infantis difíceis de decifrar por parte dos adultos e de todos a sua volta, muitas vezes, as crianças não conseguem colocar em palavras os seus anseios, o que também torna mais difícil para o entendimento dos seus responsáveis. Através das histórias contadas, inventadas e reproduzidas pelas próprias crianças e pelos adultos é possível criar caminhos para seu entendimento.

Para a atividade devolutiva, a professora *Ariana* lança a proposta de uma produção de desenho semelhante às ilustrações da autora e ilustradora Eva Furnari e do envio de áudios contando um conto inventado pelas crianças, podendo realizá-la em um momento de calmaria e sossego das crianças, deixando que elas se expressem e que façam a sua maneira. Adulto

então, só irá intervir nas ocasiões de dúvidas em relação à proposta e no envio do material para a professora, imagem e áudio.

A proposta de atividade lançada pela professora investigada é da percepção, através de uma sequência de imagens criando um conto que é produzido sobre a ótica individual de cada sujeito. Para as crianças são essenciais essas atividades que favorecem o ato inovador e produtivo, que segundo Borba; Mattos (2011, p. 216) "[...] o contato com imagens não-estereotipadas, não padronizadas, originais, sugestivas, significativas, complexas. São essas imagens que deixam o espaço para a criança pensar."

Retorno das atividades:

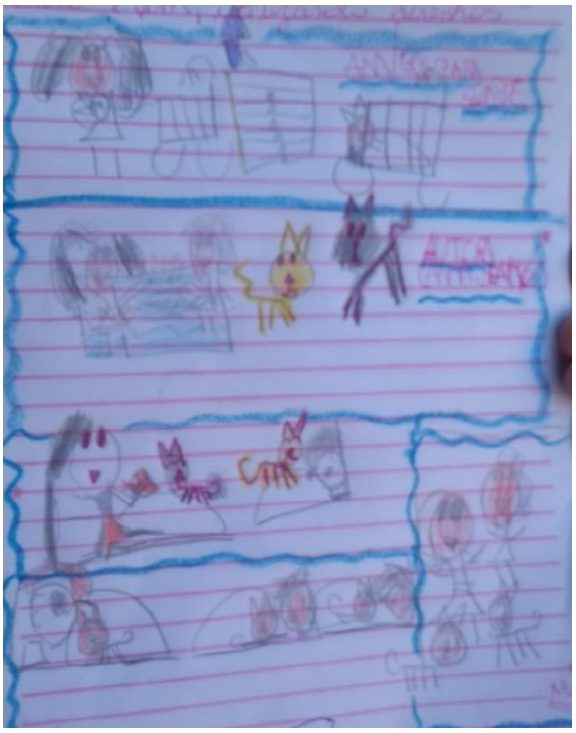


Figura 33 – "Amigos para sempre"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Clarice: O nome da minha história é "Amigos para sempre" e os personagens são quatro, duas irmãs e dois gatinhos irmãos. Era uma vez, eu tava colocando o meu gatinho para dormir no berço aí eu fui e botei, e ele dormiu, liguei o abajur e fui lá para a sala e fui lá para a área aí depois fui brincar mais Cecília na caixa, aí eu me diverti muito, e fiquei muito cansada, tomei banho, me enxuguei, troquei de roupa e fui dormir, depois anoiteceu depois tava amanhecendo e amanheceu. Aí o fim da minha historia foi eu brincando com os gatinhos e minha irmã. E o nome da autora é Clarice.

Clarice retrata afazeres de seu cotidiano e os personagens são exatamente as pessoas de seu convívio, então ela descreve partes de suas brincadeiras e situações que gosta, como

também dos contatos com os animais de estimação, faz a ligação de parentesco entre ela e a irmã que é com quem costuma brincar e dos bichinhos criados em casa. Clarice, literalmente, vive a história inventada por ela em todos os sentidos, ela reconhece também as estruturas de um conto como: o titulo, os personagens e os espaços em que acontece.

Figura 34 – "A pequena princesa"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

> **Lili:** Era uma vez uma princesa que foi presa no quarto pelo uma bruxa, aí ela ficou muito triste, aí ela encontrou uma chave, aí ela pensou o que ela poderia fazer com a chave, aí ela olhou para a porta e pensou, ela destrancou a porta, e ela foi feliz para sempre.

Lili é muito espontânea produz seu conto com base em contos já existentes, é comum ouvir histórias de princesas, castelos e bruxas, mas muitos são envolvendo as ações de príncipes como ator principal que salvará a princesa. No conto de *Lili* essa presença é dispensada, a própria princesa mesmo com sua tristeza, resolve solucionar o seu problema, ela pensa no que poderia ser feito, e encontra a solução que será feliz. Fazendo assim, na percepção da criança, ser o ator principal de sua história. Muitas meninas se colocam na posição de princesa, mas não deverá ser induzido a esperar uma felicidade, mas buscá-la.

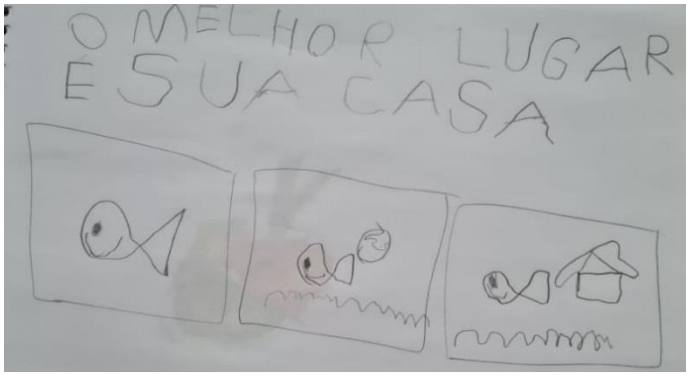


Figura 35 – "O melhor lugar é sua casa"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

> **Mário:** O melhor canto do peixinho canto do peixinho é o mar, mas só que o melhor canto dele é a casa dele.

No conto de Mário percebemos os espaços de diversão entre o bichinho, que é um peixinho que se diverte e adora o mar, e mesmo assim, existe um lugar melhor: "a sua casa". Compreendemos assim, que é sempre bom viajar, brincar, se divertir e descobrir novos espaços, mas nada se compara ao aconchego de seu lar. Tal como enfatiza Abramovich (1993, p. 23) sobre esses contos com imagens "São, sobretudo, experiências de olhar... De um olhar múltiplo, pois se vê com os olhos do autor e o olhar do leitor, ambos enxergando o mundo e os personagens de modo diferente, conforme percebem esse mundo".

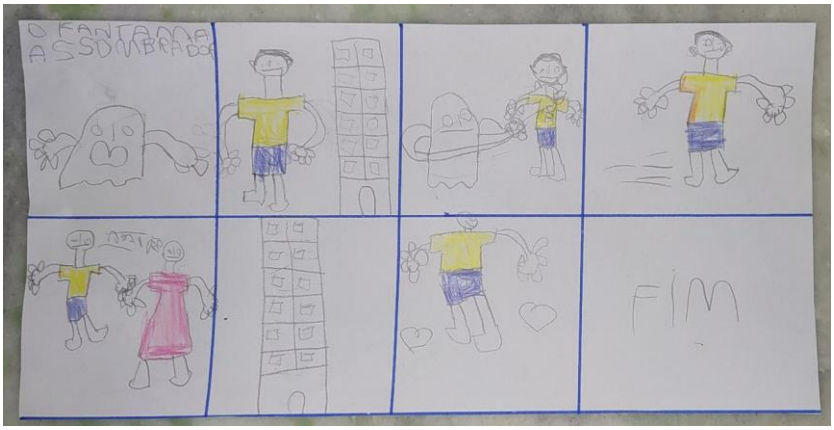


Figura 36 – "O fantasma assombrado"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

> **Raul:** Hoje eu vim contar a minha história, o autor é Raul, e eu vim contar a história do fantasma assombrador, e era uma vez o João procurando a sua irmã no hotel e ele foi pego pelo fantasma e consegui sair das mãos do fantasma e saiu correndo, achou a irmã, conversou com a irmã que nunca mais voltasse para esse hotel e fim.

Nas palavras de *Raul* podemos perceber um gênero até raro nas vozes de crianças, começando pelo título: “O fantasma assustador”, fazendo referência que além do terror fala também de histórias de fantasmas que geralmente se voltam para o medo, mas Raul foi além e adicionou um adjetivo para torná-lo mais enfático: “assustador”. Também faz relação à estrutura do conto com expressões tradicionais do conto como o “Era uma vez”, assim como seus conhecimentos já pré-estabelecidos.

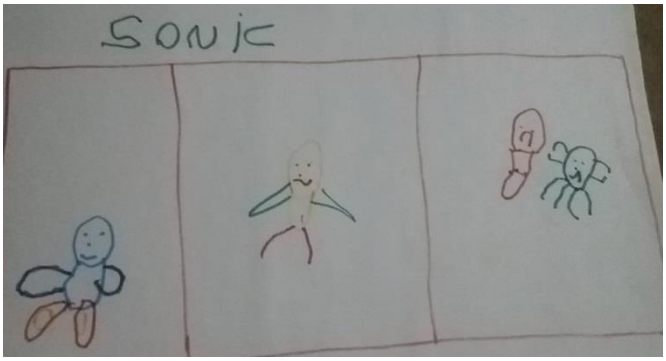


Figura 37 – “Sonic”
Fonte: Arquivo da pesquisadora

> **Pedro:** O sonic gosta muito de ficar pulando e sair correndo e vê uma bola e pegar os anéis e ele chamou o *Tails* e o *Tails* sabe sair voando e o Sonic consegue pegar os inimigos com um pulo só e o Tails consegue voar sobre os bichos e pegar eles.

Na contação de *Pedro,* ele envolve seus personagens favoritos já existentes e reconta ações típicas deles nos desenhos transmitidos pela televisão. Pedro não faz alusão à estrutura do texto, mas já consegue realizar a contação com personagens e suas principais características e poderes.

Figura 38 – "A menina e sua varinha mágica"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Mônica: Era uma vez uma meninas que era muito vaidosa e morava em uma casinha muito *modesta*[30], e ela tinha um sonho de tornar tudo bonito e depois ela encontrou uma varinha mágica e tudo que ela tocava ficava bonito, as bonecas dela ficavam bonitas, a casa ficou bonita, tudo ficou bonito. E o nome da autora é Mônica.

Mônica retrata uma história inventada por ela, na qual ela mesma se vê na personagem inventada, conta com as partes de um cenário como a casa em que mora, também acrescenta a fisionomia da personagem que é cheia de vaidade. Comumente, vemos meninas na faixa etária de *Mônica* cheias de enfeites, laços e brilhos em seu estilo, um modo enfatizado pela maioria das famílias com crianças do gênero feminino.

Assim, o conto de *Mônica* envolve um desejo pela beleza, o que está direto na sua imaginação, ela não detalha esse embelezamento que lhe chama a atenção, mas podemos perceber que a vontade da personagem ao encontrar uma varinha mágica entre tantos, é produzir o belo, seja em sua aparência física, na casa de morada e em tudo que a cerca. Destacamos também a palavra "modesta" reproduzida pela criança sobre orientação de um adulto, os demais espaços do conto são dela própria.

Todas as crianças retrataram seus desejos mais profundos ou assimilação de histórias já existentes ou fatores típicos de seu cotidiano. Contudo, identificamos em cada fala a reprodução de suas experiências e subjetividades de sua personalidade.

4º Encontro - 13/07 – "*O homem que amava caixas"*

[30] É possível ouvir durante a contação uma voz ao fundo, logo reproduzindo essa palavra.

Os espaços físicos para a prática da contação de histórias podem ser múltiplos e em situações diversas, esse ambiente é essencial está preparado para receber as crianças em seu aconchego. Trata-se de um lugar em que ela possa sentir-se livre para se expressar podendo ser um espaço silencioso ou não, ou espaço de descanso quando no âmbito familiar, ou de barulho para a interação nas bibliotecas escolares, em ambas as situações ocorre o aprender e ensinar.

O último encontro inicia com a professora *Ariana* solicitando à turminha fotos dos lugares em que as crianças gostam e costumam ouvir histórias no âmbito familiar, além disso, a professora questiona as crianças se esse lugar é reservado para essa prática ou se é em lugares alternados, se têm horários específicos ou até mesmo companhias, como: bichinhos de pelúcias, irmãos e outros.

Figura 39 – "Raul com sua irmã"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 40 – "Ana e sua mãe"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

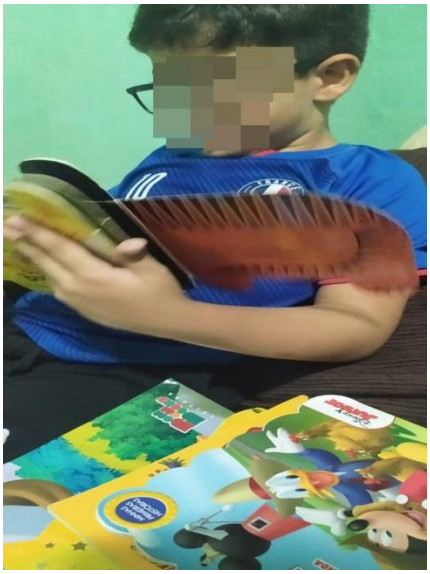


Figura 41 – "Maurício"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 42 – "Lili"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 43 – "Clarice"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 44 – "Ruth e sua mãe"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 45 – "Mônica e sua irmã"
Fonte: Arquivo da pesquisadora

A maioria das crianças apresentou os espaços reservados às leituras nas suas casas sendo seus quartos, junto a bichinhos de pelúcia e demais brinquedos, estando vestidos com roupas confortáveis ou de dormir, perto de almofadas, travesseiros, e objetos aconchegantes. Para os familiares que contam historinhas aparecem às figuras das mães e irmãos.

O espaço reservado ou não para o momento ou momentos de leitura, dependendo da rotina familiar em que a criança está inserida, se constrói o afeto para essa ação, é importante lembrar que independente do lugar que a família se utilize para esse fim, ele deve ser leve e cheio ternura, para que somente assim a criança construa castelos na sua imaginação, castelos no sentido de transformar todos os espaços à sua morada, ou ao seu ponto de partida, a quem ele saiba que pode voltar e confiar.

Raul tem uma referência familiar que é seu grau de maior aproximação, sua irmã mais velha que ele, mas que também o acompanha e incentiva. Assim como *Mônica*, que tem o prazer em fazer junto com a irmã. Já *Ana* e *Ruth* tem a companhia das mamães para esse encontro com as leituras. *Clarice*, *Mauricio* e *Lili* aparecem cercados de livros físicos infantis, cheio de cores e tamanhos variados.

É essencial ao desenvolvimento do trabalho com as leituras a organização dos espaços, no ambiente é escolar é mais favorável que ele esteja de acordo com as necessidades das crianças: em prateleiras de tamanho que eles possam alcançar, de variados gêneros e texturas, seja na sala de aula ou em bibliotecas. Conforme ressalta Bagnasco (2014):

> A organização do espaço da classe é relevante para o sucesso da atividade de leitura. O professor pode criar um clima de informalidade, um ambiente agradável, e na disposição dos alunos – se pedirá para eles sentarem em roda, ou em fila, no chão, na cadeira, etc. – e em como ele se posicionará para que todos tenham facilidade de enxerga-lo e ouvi-lo. Da mesma forma, a arrumação da sala de aula visando o acesso aos livros por parte dos estudantes, a proposta de uma biblioteca de classe e até mesmo a ida à biblioteca – caso a escola ofereça uma – são fatores que auxiliam favoravelmente neste trabalho. Ressalta-se ainda que o professor como mediador desta prática, ao ocupar o papel de leitor torna-se modelo aos alunos, passando, com isso, o cuidado com materiais, expondo o acervo e incentivando que todos utilizem. Nesse aspecto especifico, o professor passa a ser um exemplo a ser seguido. Ele ocupa uma figura de referência às crianças. (BAGNASCO, 2014, p. 36).

Nesses momentos vivenciando a pandemia, as famílias adaptaram ainda mais esses espaços para os momentos de contação, sabemos que o âmbito familiar, independente da função da escola, também deve proporcionar o contato das crianças com os livros e serem mediadores de leituras para as crianças que ainda desconhece o universo literário.

Seguindo, a professora *Ariana e*nviou ao grupo o conto "*O homem que amava caixas*" do autor Stephen Michael king, que conta a história de um homem que amava caixas e o amor pelo seu filho, mas o homem não sabia como dizer para seu filho que o amava, era muito difícil explicar em palavras o seu sentimento de carinho e afeto pelo filho. O livro envolve a comunicação na relação familiar e as diferentes formas de expressar sentimentos.

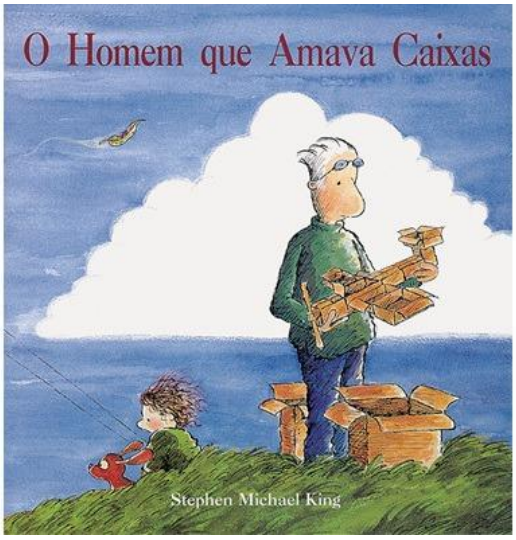


Figura 46 – "O homem que amava caixas"

Fonte: site mercadolivre.com

Após o conto a professora *Ariana* questionou as crianças sobre ter gostado ou não do conto e se tinham entendido, todas as crianças presentes responderam que sim, que acharam bem legal. E em seguida enviou o vídeo "Amigossauro – caixa de papelão" que são amigos construindo brinquedos com caixas. E trabalhou a interação do conto com o vídeo assistido.

Professora Ariana: E aí criançada, assistiram ao vídeo?
Lili: Sim tia Ariana, eu assisti duas vezes.
Mário: Eu assisti e é muito legal.
Professora Ariana: Então agora, vamos começar a conversar sobre o vídeo, vocês viram que os personagens lá do vídeo, os amigossauros, eles construíram vários brinquedos usados caixas?
Clarice: Sim tia
Professora Ariana: Qual o brinquedo que eles construíram que vocês mais gostaram?
Mário: Eu gostei do avião, então eu vou fazer o avião.
Pedro: O avião
Raul: Gostei do avião
Marina: eu gostei mais do castelo
Professora Ariana: Que legal gente, eu gostei mais do fogão, que eles fizeram bolinhos de areia/lama e colocaram para assar. Vocês perceberam que esse vídeo se parece muito com a história do homem que amava caixas?
Mário: é, o homem que amava caixas.

> **Clarice:** Porque não tinha condições de comprar brinquedo.
> **Professora Ariana:** Pois é Clarice, sabe por quê? Porque nós não precisamos de muitas coisas para nos divertir não, tem pessoas que penam que só nos divertimos com brinquedos caros, não gente, nós podemos nos divertir muito com uma simples caixa.

A invenção do conto que instiga as crianças a construírem brinquedos e a se divertirem com objetos inventados tem ligação direta com o vídeo, as crianças criam, inventam e reinventam a todo instante. Uma caixa para um adulto é diversas possibilidades para uma criança. Winnicott (1975, p. 79) referência que "[...] é no brincar e talvez apenas no brincar que a criança ou adulto fruem sua liberdade e criação".

E logo depois ela lançou um desafio:

> **Professora Ariana:** Então, com uma caixa a gente consegue transformar em vários brinquedos. Agora eu tenho um desafio maravilhoso para fazer com vocês. Vamos começar uma brincadeira, tá bom? Um pequeno desafio. Mas para isso nós não vamos modificar nossa caixa, não podemos cortar, não podemos riscar... Nós vamos usar nossa imaginação, através dela a gente conseguem muita coisa. Vamos fazer uma magia na nossa caixa, para que ela fique encantada, mas ela não vai ficar encantada sozinha não, vai ser com ajuda da nossa imaginação. Plim! Plim! A caixa encantada sim!
> **Lili:** Obaaaaaa!
> **Professora Ariana:** Então, a tia vai lançar o desafio, eu vou falar assim "vocês vão transformar a caixa de vocês em ...." e você vão usar a caixa com a transformação. O primeiro desafio é ... CHAPÉU.

E a professora *Ariana* citou Avião, tambor, sapato... E outros.

Figura 47 – Professora Ariana
Fonte: Arquivo da pesquisadora

Figura 48 – "Uma caixa... Um chapéu"
Arquivo da pesquisadora

Professora Ariana: Agora para encerar nossa interação é com vocês, vocês irão inventar com a caixa de vocês o que vocês quiserem, pode ser qualquer coisa. Eu amei muito
Lili: Tia Ariana eu amei, amei, amei, amei muito.

Figura 49 – "Uma caixa... Muitos brinquedos"

Fonte: Arquivo da pesquisadora

> **Professora Ariana:** Muito bem crianças. Eu amei a criatividade com as caixinhas de vocês
> **Mário:** Tia eu fiz um carro
> **Mônica:** eu inventei um carro de passeio cheio de bonecas
> **Clarice:** eu fiz uma bolsa
> **Mariana:** Eu fiz uma televisão
> **Professora Ariana:** quem advinha o meu?
> - Professora envia uma imagem
> **Mário:** Tia tá bebendo água
> **Lili:** Garrafa pet
> **Mônica:** Eu acho que é um copo de suco
> **Professora Ariana:** Adivinhou quem disse que eu estava tomando água ou suco, aqui com meu copão.

É perceptível a interação divertida das crianças com a professora e das crianças com seus colegas e, depois de certo tempo a professora que estava como centro, até o momento, organizando a interação, passou a mediar, pois as crianças começaram a conversar e interagir com as imagens e áudios que iam sendo mandados. Nesses momentos de ensino remoto compreendemos que o elemento interação criança-criança foi se perdendo, elas iam interagindo com base nas perguntas da professora e se limitando as tarefas enviadas e recebidas.

Com essas interações nos momentos de contação e na ação do inventar diminuiu significativamente as barreiras da falta do espaço físico e aos poucos todos foram aprendendo uns com os outros o que instigou a participação nas aulas e a professora *Ariana* tornou esses espaços em um convite ao imaginário infantil, convidou a brincar e a aprender.

3.5 Um lugar para a escuta aos autores – O que foi possível dizer

A escuta aos autores é um espaço da escrita destinado à volta aos objetivos da pesquisa e dos momentos ápices da observação, para assim, compreender as vozes desses grandes autores que são as crianças da pesquisa e de tudo o que os cerca. Entender a criança é dar espaços para o seu pleno desenvolvimento, sem limitar ou podar seu crescimento.

Podemos perceber nas palavras das crianças seus mais diversos encantamentos pelas leituras, pelo prazer em ouvir as histórias contadas pela professora com todo o entusiasmo necessário, e as mais diversas criações que foram possíveis a partir desses contos. Em todos os encontros, foram atribuídos sentidos a objetos do cotidiano da criança com a sua imaginação.

O clássico “A branca de neve e os sete anões” é o que abre as cortinas para o palco desses encontros e os grandes autores de suas histórias são as próprias crianças, um conto com muitas versões, mas sempre uma história cheia de elementos que são acrescentados ou retirados conforme o passar dos tempos, a necessidade de adaptação do contexto atual e da linguagem.

Apesar das modificações em sua estrutura, o conto continua encantando a quem ouve, especialmente as crianças, pois trata-se de um enredo que lança a criação de sua identidade e gostos, desperta suas preferencias em cada escuta, tendo o domínio de conhecimento de mundo a unir e separar o real do imaginário, e mesmo assim, sempre querer ouvir mais uma vez aquele velho conto, mesmo já conhecendo seus personagens, a trama e todo enredo que será contado, é prazeroso ouvir.

No segundo encontro intitulado “A casa dos meus avós” percebemos nas ações da professora a introdução em um universo do “faz de conta” um momento de possibilidades onde as crianças se deliciam ao relembrar situações que não são comum com os pais/responsáveis, diferente dos da casa dos avós. A intencionalidade na ação da professora é trazer para as memórias infantis um reencontro com essas sensações, cheiros e sabores.

Nesse momento é aberto um espaço para a expressividade das crianças em diálogo com a leitura realizada para a construção de sentidos de si mesmo e do universo que a cerca, buscando a fundo as suas tomadas de decisões e de reflexões com o vivido e imaginado. As crianças se expressam por múltiplas ações: no brincar, cantarolar, sonhar, e conviver com o outro e são nesses momentos que se se desenvolvem. Como aponta Jou (2013 p. 45):

> A leitura de narrativas ou, no caso de crianças pequenas, a escuta de contos infantis, promoveria o entendimento das crianças dos desejos, crenças, interações e sentimentos dos personagens, assim como promoveria a compreensão dos sentimentos e pensamentos próprios que a história lhes provoca. Ou seja, se a tristeza ou alegria do personagem sensibiliza a criança, a leitura estaria estimulando sua empatia, domínio afetivo da teoria da mente; por outro lado, se a história remete para solucionar problemas ou desvendar mistérios, a criança deve inferir o comportamento do personagem, considerando suas crenças, desejos, e intenções, estimulando então o domínio cognitivo. (JOU, 2013, p. 45).

É a partir da promoção de sentidos com os contos, as narrativas e as demais histórias contadas/inventadas que as crianças reconhecem suas subjetividades, os contos até então têm o papel de transitar em cada ser que os ouve e recria a sua maneira. Assim como os muitos sentimentos vividos por cada criança no conto “A casa dos meus avós”.

No terceiro encontro tivemos “A bruxinha atrapalhada” obra de autoria de Eva Furnari que encanta crianças com seus enredos em cima de uma personagem, que é a bruxinha, sempre vista como a vilã dos contos, mas que neste torna-se uma personagem querida, amável, atrapalhada e sempre muito divertida; a trama conta ainda com a presença de animais e personagens bem singulares. As situações nas obras de Eva Furnari, assim como em “A bruxinha atrapalhada” é contada através das leituras de imagens que possibilita o leitor adaptar-se às suas vivências, no social ou emocional daquele momento vivido, as imagens são retratadas de forma sensível e com múltiplas possibilidades de conto/reconto. As crianças na maioria das vezes repetem as histórias antes já contadas, assim como nos clássicos infantis, e nas literaturas de Eva Furnari uma oportunidade de novas perspectivas sempre quando é lido.

No quarto encontro pudemos acompanhar os deleitamentos das crianças com o conto “O homem que amava caixas”, nessa trama, o autor que sempre se refugiou em seus desenhos e histórias, reproduziu um conto de um homem que juntou duas paixões: as caixas e seu filho, mesmo não sabendo como expressar seus sentimentos o homem mediava formas de contar esses sentimentos ao seu filho.

Assim como muitos adultos, as crianças, não sabem ao certo como expressar seus sentimentos, o que cabe a compreensão humana conduzir essas relações e guiar para os caminhos de equilíbrio emocional e psicológico. De dentre as leituras podemos encontrar essas brechas que procuramos para desenvolver assuntos tão diversos e de difícil compreensão. Muitos autores esboçam em seus contos, os contatos de suas próprias vidas, como um refúgio tranquilo e possível, sem questionamentos ou dramas, apenas sentido.

4. A SATISFAÇÃO VEM DO CRIAR UMA CONTAÇÃO DO COMEÇO ATÉ O FIM PARA, DE REPENTE, RECOMEÇAR.

Os estudos aqui nessa dissertação apresentados foram respaldados a luz de autores e teóricos trabalhados e, minuciosamente, estudados ao longo de todo processo de pesquisa, a fim de alcançar o objetivo principal proposto de *"Compreender como a prática da contação de histórias com crianças de 4 e 5 anos, contribui para o processo de formação leitora na Educação Infantil"* e assim, promover a formação leitora em todos os educandos e suas respectivas series de ensino.

Buscamos ampliar os conhecimentos sobre a prática da contação de histórias em educadores e futuros educadores como em toda base familiar que uma criança se encontra e antes de qualquer contribuição social, o sentido da contribuição emocional, onde cada sujeito poderá se expressar livremente, conhecendo seus direitos e deveres em uma sociedade, capaz de compreender as injustiças de seu tempo, como também a parte de sua autoformação.

Definimos nessa pesquisa três objetivos específicos que contemplam os capítulos em sequência, que são eles; "Caracterizar a contação de histórias como prática de formação do pequeno contador na Educação Infantil", "Identificar nas práticas de contação de histórias saberes que contribuem para a formação da criança na Educação Infantil" e "Analisar as histórias dos pequenos contadores e as contribuições na sua formação na Educação Infantil" que nos permitiu atingir a compreensão da oferta das práticas leitoras às muitas contribuições para o ensino e aprendizagem.

Percebemos que o estudo ao longo dos processos que seguiam só reafirmou as principais ideias de: autoformação do ser humano, a criança que se torna a partir dela mesmo e com as outras, e sozinha, a sua formação enquanto sujeito errante e aprendente, e o universo a sua volta. As contribuições da ação leitora tanto para a formação docente, quanto à formação de crianças pequenas, enquanto sujeito social, como nos processos de alfabetização e letramento.

A leitura propicia contatos diversos, através de muitos sentidos, quando ouvem na prática docente e em sala de aula, mais especificamente, configurando as aprendizagens de mundo, aquilo que ela já viu ou conhece, em imagens e contos e de forma prazerosa ao ouvir e recontar.

Além da sensibilidade da escuta com as crianças pequenas de pesquisas já existentes sobre o assunto e reafirmando essa ação. Conseguimos elevar nosso principal objetivo de

pesquisa: a criança que tanto ouve quanto reconta o aprendido, imaginado, sentido ou vivido. É um convite ao mergulhar nessas tramas que envolvem quem as ouve.

Fazer um reconto é permitir reviver mais uma vez as emoções que afloram em cada imaginário. E as crianças por sua vez, são mais sensíveis a essas ações e se entregam com mais destreza e disposição, somente elas podem dizer ou descobrir seus limites, onde e como querem voar.

Enquanto pesquisa, poderíamos nos contentar com resultados da ação da contação de histórias, como uma metodologia que auxilia nas habilidades e competências da Educação Infantil para o processo de ensino-aprendizagem futuras, para prosseguir para as demais etapas da educação básico, mas esperar somente isso de crianças é pouco, elas sempre vão além, surpreendendo e se entregando todos os dias, com todas as suas intensidades.

Na Educação Infantil, mais especificamente a pré-escola, crianças na faixa de 4 e 5 anos de idade, pudemos concluir como uma ponte que liga: a chegada a creche antes já experienciada pelas crianças no contexto escolar e o ingresso ao ensino-fundamental para a alfabetização e letramento, unindo a necessidade desses meios escolares com a influência das leituras/literaturas em seu imaginário.

Conclui-se que a oferta da prática da contação de histórias não só no ambiente escolar, como no familiar e em todo entorno de uma criança, traz contribuições significativas, um elo entre quem ouve e o texto que é lido/contado e por crianças cria uma relação de aproximação com experiências de mundo.

A leitura é uma ponte para construção de seres reflexivos e criativos em todas as faixas etárias da vida, é conseguir compreender injustiças e saber diferenciar situações do cotidiano para a tomada de decisões no social, emocional e psíquico de cada ser. É a liberdade de amarras não entendidas ou explicadas, onde somente cada um será capaz de quebrar.

O trabalho com leituras/literaturas não traz uma “receita pronta” para os docentes ou famílias, mas mostra situações capazes de unir necessidades, assuntos, e caminhos para conduzir cada ser para grandes voos, guiando pessoas honestas, do bem e no controle de sua vida e de suas decisões. Durante esse trabalho trazemos um dos principiais recursos pedagógicos: a sedução, em cada palavra, gesto, ou atitude de quem ouve, ler ou reproduz as histórias, pois, somente com esse recurso trazemos para bem perto o entendimento de vida, afastando a ignorância social.

REFERÊNCIAS

ABRAMOVICH, Fanny. **Literatura infantil: gostosuras e bobices.** 2.ed. São Paulo: Scipione; 1991.

ALMEIDA, Paulo Nunes de. **Educação Lúdica: Técnicas e Jogos pedagógicos**. 11. Ed. São Paulo: Edições Loyola, 2003.

ARAÚJO, Ana Nery Barbosa de. **A narrativa oral literária na educação infantil: quem conta um conto aumenta um ponto.** Recife: O Autor, 2009.

ARENA, D. B. **Função e estrutura em atos de leitura**. In: REUNIÃO ANUAL DA ANPED, 32, 2009, Caixambú. Anais eletrônicos. Rio de Janeiro: Anped, 2009ª. Disponível em: http://32reuniao.anped.org.br/arquivos/trabalhos/GT10-5111--Int.pdf. Acesso em: 26/004/2021, às 10:33h.

BAGNASCO, D. G. P. **Leitura de histórias na educação infantil: como se desenvolve?** 2014. 159f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Estadual de Campinas, 2014.

BAPTISTA, Monica Correia. **Leitura literária na primeira infância: a experiência da bebeteca** Can Butjosa em Barcelona. In: MACHADO, Zélia Versiani (org). A criança e a leitura literária: livros, espaços, mediações. Curitiba: Positivo; Rio de Janeiro: Fundação da Biblioteca Nacional, 2012.

BELLONI, Maria Luiza. **O que é sociologia da infância**. Campinas: Autores Associados, 2009.

BENJAMIM, Walter. Magia e Técnica, Arte e Política – **Ensaios sobre literatura e história da Cultura**. 6. Ed. São Paulo: Editora Brasiliense, 1993.

BETTELHEIM, Bruno. **A psicanálise dos contos de fadas.** Trad. Arlene Caetano. 16ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2002.

BEZERRA. Adiza Cristiane Avelino. **Manifesto de coordenadores – Área da Educação**. UERN. 2019, Disponível em: http://propeg.uern.br/poseduc/default.asp?item=poseduc-apresentacao> Acesso em 01 de maio de 2020

BOGDAN, Robert; BIKLEN, Sari. **Investigação qualitativa em educação: uma introdução à teoria e aos métodos**. Porto editora, 1994.

BUONOCORE, Domingo. **Dicionário de biblioteconomia: termos relacionados a biblioteconomia, bibliografia, bibliofilia, biblioteconomia, arquivologia, documentologia tipografia e assuntos relacionados**. 2nd ed. aum. Buenos Aires: Marymar. p. 452. 1976.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **Repensando a pesquisa participante**. São Paulo: Brasiliense, 1999.

BRASIL, **Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** MEC/SEB. Brasília: Ministério da Educação/Secretaria de Educação Básica, 2010.

_____. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Revisão das Diretrizes Curriculares Nacionais para a Educação Infantil.** Parecer CNE/CEB nº. 20, de 11/11/2009. Brasília: MEC, 2009

_____. Ministério da Educação. **Diretrizes Curriculares Nacionais Gerais da Educação Básica**. Secretaria da Educação Fundamental. Brasilía. MEC/SEF. 2013.

_____. Portaria. nº 343, de 17 de março de 2020. **Dispõe sobre a substituição das aulas presenciais por aulas em meios digitais enquanto durar a situação de pandemia do Novo Coronavírus – COVID-19.** Disponível em: http://www.in.gov.br/en/web/dou/-/portaria-n-376-de-3-de-abril-de-2020-251289119. Acesso em: 10/07/2021

_____. Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil (RCNEI). Ministério da Educação, Secretaria de Educação Fundamental. Brasília: MEC/SEEF, 2002, vol. 3.
CARVALHO. Ana Maria Almeida. **Algumas reflexões sobre a categoria "interação social".** Anais da XVIII reunião anual de psicologia (SPRP), p. 111-116. Ribeirão Preto, S.P. Brasil. 1988.

_____. Ministério da educação e do desporto. Secretaria de Educação Fundamental. **Referencial Curricular Nacional para a Educação Infantil.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria da Educação Fundamental. **Referenciais curriculares nacionais para a educação infantil. Documento introdutório. Versão preliminar.** Brasília: MEC/SEF, 1998.

_____. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Departamento de Políticas Educacionais. Coordenação Geral de Educação Infantil. **Subsídios para elaboração de orientações nacionais para Educação Infantil.** Brasília: MEC/ SEF/DPE/COEDI, 1998.

CAMARGO, L. **Ilustração do livro infantil**. Belo Horizonte: Editora lê, 1995.

CAVALCANTI, Zélia. (Coord.) **Alfabetizando.** Porto Alegre: Artes Médicas, 1997.

CAPES. Fundação. **PIBID – Programa Institucional de bolsa de iniciação a docência.** Fundação CAPES, 2008, Disponível em: https://www.capes.gov.br/educacao-basica/capespibid/pibid Acesso em 16 de março de 2020

COELHO. Betty. **Contar histórias uma arte sem idade.** São Paulo: Ática, 2002.

CORSINO. Patrícia. (Org.). **Trabalhando com projetos na Educação Infantil.** Campinas, SP: Autores Associados, 2021.

COUCEIRO, Maria do Loreto. **Processos de autoformação: uma produção singular de si-próprio**. 1992. Tese de Doutorado. Universidade Nova de Lisboa: Faculdade de Ciências e Tecnologia.

DEMO, Pedro. Escola pública e escola particular: semelhanças de dois imbróglios educacionais. **Ensaio: avaliação e políticas publicas em educação**, v. 15, n. 55, p. 181-206, 2007.

DEWEY. J. M. **Experiência e educação**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2011.

ENGEL, S. **The stories children tell: Marking sense of the narratives of childhood**. Nova York: W. H. Freeman, 1999.

EVANGELISTA, A; BRANDÃO, H. (Orgs.). 1999. **A escolarização da leitura literária**. Belo Horizonte: Autêntica.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia do Oprimido.** Rio de Janeiro. Paz e terra, 42ed. 2005.

_____. **A importância do ato de ler em três artigos que se completam**. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Questões da Nossa Época).

GIL. Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. São Paulo: Atlas. 1987.

GOULART. Maria Cecília Aldigueri. **Oralidade, escrita e letramento.** In: Boletim: Letramento e leitura da literatura. Maio/2003. Salto para o futuro.

INSTITUTO PRÓ-LIVRO. **Retratos da leitura no Brasil**. Amorim, Galeno. (Org.). – São Paulo: Imprensa Oficial: Instituto Pró-livro, 2008.

JOU. G. I. D. **Narrativas infantis e teoria da mente**. ComCiência Revista Eletrônica de Jornalismo Cientifico. 2013.

KLEIMAN, A. MORAES, S. **Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola.** 1996. Campinas: Mercado de Letras.

KRAMER, Sonia. ABRAMOVAY, Miriam. **Alfabetização na pré-escola: exigência ou necessidade**. Cadernos de Pesquisa, no. 52, p. 103-107. Fevereiro 1985.

LEWGOY, A. M. B.; ARRUDA, M. P**. Novas tecnologias na prática profissional do professor universitário: A experiência do diário digital.** Revista textos e contextos: coletâneas em Serviço Social, Porto Alegre: EDIPRUCRS, n. 2, 2004, p. 123-124

LIMA, E. A. de: VALIENGO, A. **Literatura Infantil e caixas que contam histórias: encantamentos e envolvimentos.** In: CHAVES, M. (Org.). Práticas Pedagógicas e literatura infantil. Maringá: Eduem, 2011. P. 59).

MESQUITA, Silvana. Os resultados do Ideb no cotidiano escolar. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, v. 20, n. 76, p. 587-606, 2012.

MACHADO, Regina. **Acordais: fundamentos teórico-poéticos da arte de contar histórias.** São Paulo. Editora Cultural do livro, 2004.

MINAYO, Maria Cecília de Souza. **Pesquisa social.** 1994.

MIRANDA, Maria Irene; SILVA, Valéria. **A prática da contação de histórias por professoras da educação infantil.** 2019.

MOISÉS, Massaud. **A Criação Literária.** São Paulo: Cultrix, 2012.

MORIN, Edgar. **Amor, poesia e sabedoria.** Tradução: Edgar de Assis Carvalho; Maria da Conceição de Almeida. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

OLIVEIRA, Zilma Ramos. **Educação Infantil: Fundamentos e métodos**. São Paulo: Cortez, 2007.

_____. (Org.) **O trabalho do professor na Educação Infantil**. São Paulo: Biruta, 2012.

OLIVEIRA, Marta Khol de. **Vygotsky: aprendizado e desenvolvimento: um processo sócio-histórico**. São Paulo: Scipione, 1997.

PERES, Silvana Goulart; NAVES, Renata Magalhães; BORGES, Fabrícia Teixeira. **Recursos simbólicos e imaginação no contexto da contação de histórias.** Psicologia Escolar e Educacional, v. 22, n. 1, p. 151-161, 2018.

PETTE, Geneviève. **Deixem que leiam**. Rio de Janeiro: Rocco, 2012.

PIAGET. J. **O juízo moral da criança.** São Paulo: Summus, 1994

RAMOS, G. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual.** Belo Horizonte: Autêntica, 2013.

RANGEL, Jurema Nogueira Mendes. **Leitura na escola: espaço para gostar de ler.** Porto Alegre: Mediação, 2009.

RAU, Maria Cristina Trois Doneles. **A ludicidade na Educação: uma atitude pedagógica**. 2 ed. rev. Curitiba: Ibpex, 2011.

REYES, Yolanda. **A casa Imaginária: Leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.

ROCHA, Evelyn. (Org.). **Clarice Lispector.** Rio de Janeiro: Beco do Azougue, 2011, (Coleção encontros).

RUBIRA. F. **Dançando com o Minotauro nas noites: narração de histórias e formação humana.** 2015. (Doutorado). Faculdade de Educação. Universidade de São Paulo, São Paulo.

SANTAELLA, Lucia. **Navegar no ciberespaço: o perfil cognitivo do leitor imersivo.** 2004. Disponível em: http://www4.pucsp.br/~/-braga/fs_epap_cult.htm.

SAMPAIO, Mariana**. Leitura e contação de história na Educação Infantil: um estudo sob a perspectiva da Teoria Histórico-Cultural**. 2016.

SILVA, Ezequiel Theodoro da. A escola e a formação de leitores. In: FAILLA, Zoara. (Org.). **Retratos da leitura no Brasil 3**. São Paulo: Imprensa Oficial do Estado de São Paulo/Instituto Pró-Livro, 2012, p. 107-116.

SILVA, Joice Ribeiro da. **Literatura infantil e seus encantamentos**. Eventos Pedagógicos, v. 7, n. 3, p. 1176-1189, 2016.

SOARES, M. **Alfabetização no Brasil** – O estado do conhecimento. Brasília: INEP/MEC, 1989.

SODRÉ, Leticia. **Contação de histórias e dialogia na educação infantil: uma experiência educativa**. 2017. Tese de Doutorado. Universidade de São Paulo.

SOLÉ, Isabel. **Estratégias de leituras**. 6ed. Porto Alegre: Artmed, 2010.

SOUSA, Franciele Ribeiro; STRAUB, Sandra Luzia Wrobel. **A arte de contar histórias na educação infantil.** Eventos Pedagógicos, v. 5, n. 2, p. 122-131, 2014.

SOUZA, Míria Helen Ferreira de. **Literatura e formação humana:** nas entrelinhas das obras infantis de Clarice Lispector. 2014. 244 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Universidade do Estado do Rio Grande do Norte (UERN), Mossoró. 2014.

SOUZA, R. J. de; GIROTOO, C. G. G. S. **Era uma vez...uma caixa de histórias; Prosa no acervo do PNBE de 2014**. In: BRASÍLIA. PNBE na escola: Literatura fora da caixa. Ministério da Educação, Secretaria de Educação Básica, 2014. p, 31-44.

TAHAN, Malba. **A arte de ler e contar histórias.** 2. ed. Rio de Janeiro: Conquista, 1961.

TEIS E TEIS, Denize Terezinha e Mirtes Aparecida. **A abordagem qualitativa: a leitura no campo de pesquisa.** No prelo

VERGARA, Sylvia Constant. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração.** 5. Ed. São Paulo: Atlas, 2004.

VIGOTSKY, L. S. Educação estética. In: (Ed.). **Psicologia Pedagógica.** 2ª. São Paulo: Martins Fontes, 2004.

_____. **La imaginación y el arte em la infancia. Ensayo psicológico.** Madrid: Akal, 2003.

VILLARDI. Raquel. **Ensinando a gostar de ler e formando leitores para a vida inteira.** Rio de Janeiro: Qualitymark/Dunya Ed., 1999.

VITOR. Elinete Cordeiro; KORBES, Lenita Maria. **A contação de histórias na educação infantil.** Eventos Pedagógicos, v. 2, n. 1, p. 92-100, 2011.

WALLON. Henri. **As origens do pensamento na criança**./Trad. Doris Sanches Pinheiro, Fernanda Alves Braga./ Segunda parte, cap. I, p. 95-105. São Paulo: Manole, 1989.

WINNICOTT. D. W. **O brincar e a realidade.** Tradução: José Octavio de Aguiar Abreu, Vanede Nobre. Rio de Janeiro: Imago, 1975.

YIN, Robert K. ESTUDO DE CASO, **Estudo. Planejamento e métodos**. **Trad. Daniel Grassi** , v. 2, 2001.

Publicação em site: https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/04/03/da-descoberta-de-uma-nova-doenca-ate-a-pandemia-a-evolucao-da-covid-19-registrada-nos-tuites-da-oms.ghtml. Acessado em 09/07/2021 às 22:50pm.

Entrevista no site: http://eraoutravez.blogfolha.uol.com.br/2018/04/16/por-que-ler-para-bebes--leia-entrevista-com-a-colombiana-yolanda-reyes/?loggedpaywall. Acesso em 01/08/2021